



Fundação Casa de Rui Barbosa
Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos
Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Letícia Lima do Nascimento

Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering

Rio de Janeiro

2026



Letícia Lima do Nascimento

Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos.

Área de concentração: Patrimônio documental: representação, gerenciamento e preservação de espaço de memória.

Orientadora: Prof^a. Dra. Claudia S. Rodrigues de Carvalho

Rio de Janeiro

2026

CATALOGAÇÃO NA FONTE
FCRB

N244p Nascimento, Letícia Lima do.
Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering / Letícia Lima do Nascimento. – 2026.
175 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia S. Rodrigues de Carvalho.
Dissertação (mestrado) – Fundação Casa de Rui Barbosa, Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Rio de Janeiro, 2026.

1. Patrimônio cultural. 2. Patrimônio industrial. 3. Turismo cultural. 4. Turismo industrial. 5. Fábrica Bhering. I. Carvalho, Claudia Suely Rodrigues de, orient. II. Fundação Casa de Rui Barbosa. Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos. III. Título.

CDD 363.69
720.288

Responsável pela catalogação:
Bibliotecária – Dilza Ramos Bastos
CRB7/2.348

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Letícia Lima do Nascimento

Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos.

Área de concentração: Patrimônio documental: representação, gerenciamento e preservação de espaço de memória.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2026.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Claudia S. Rodrigues de Carvalho
PPGMA/ FCRB

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a José Almino de Alencar e Silva Neto
PPGMA/FCRB

Prof^a Dr^a Ana Maria Pessoa dos Santos
PPGMA/FCRB – Suplente Interno

Prof^a Dr^a Manoela RossinettiRufinoni
Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-UNIFESP)

Prof^aDr^a Patrícia Cavalcante Cordeiro
FIOCRUZ – Suplente externo

Rio de Janeiro

2026



Ao meus queridos pais, João Batista do Nascimento e Maria Eugênia Lima do Nascimento (*in memoriam*), e às minhas queridas madrinhas, Wira Selanski (*in memoriam*) e Theresia de Oliveira (*in memoriam*), que sempre incentivaram e me apoiaram na minha educação.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) pela oportunidade de realizar mais esse feito na minha vida, o mestrado.

À minha orientadora por todo apoio, ajuda e seu conhecimento compartilhado que me possibilitou conseguir desenvolver essa pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, por terem aceitado o meu convite, pela leitura e considerações que me ajudaram a desenvolver esse trabalho.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos (PPGMA), pelos ensinamentos, conhecimentos e atenção oferecidos durante o mestrado.

À turma 2024 do PPGMA, pelas trocas e pelos bons momentos durante as aulas e esse processo de finalização do mestrado.

À minha família e aos meus amigos, em especial Fábio, Isac e Bruna, pelo incentivo e apoio dados durante esse momento da minha vida.

Ao Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), pela atenção dada com a disponibilização de material e o acesso à sua equipe que contribuíram para a minha pesquisa.

Ao Arquivo Nacional, à Fundação Biblioteca Nacional e ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, importantes centros de informação, por fornecer e possibilitar o acesso a relevantes fontes de pesquisa que foram primordiais para o meu trabalho.

À administração e aos inquilinos da Fábrica Bhering, pela atenção e ajuda com suas informações que possibilitaram escrever sobre esse interessante espaço, o meu obrigado.

RESUMO

NASCIMENTO, Letícia Lima do. *Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering*. 2026. 167 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) – PPGMA, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2026.

O trabalho tem como objetivo analisar a experiência da Fábrica Bhering, uma antiga fábrica de chocolates e café, localizada no bairro de Santo Cristo, na cidade do Rio de Janeiro, sob o viés do turismo cultural. A construção ficou obsoleta no final do século XX e no século XXI ganhou um novo uso, se tornando um centro de lazer, cultura e economia. Em 2018, tornou-se um patrimônio cultural carioca, ao ser tombado pela prefeitura, tendo a atenção e a visita das pessoas ao lugar. Seguindo uma tendência de valorização do patrimônio industrial pelo mundo e sua reinserção na vida cotidiana das cidades, a Fábrica Bhering tem suas peculiaridades que precisam ser devidamente trabalhadas para o sucesso da sua preservação e da atividade turística, que por meio do turismo industrial, também pode ajudar nesse processo de reconhecimento da importância e apreciação do espaço. O trabalho apresenta a história da empresa Bhering e segue com sua relação com a construção, além de discutir sobre o patrimônio industrial e o turismo cultural industrial. Como resultado, o objeto do estudo tem relevância e potencial e pode fazer parte de um novo projeto turístico da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Patrimônio Industrial. Turismo Cultural. Turismo Industrial. Fábrica Bhering.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Letícia Lima do. *Patrimônio industrial e turismo cultural pela perspectiva da antiga Fábrica Bhering*. 2026. 167 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) – PPGMA, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2026.

This paper aims to analyze the experience of Fábrica Bhering, a former chocolate and coffee factory located in the Santo Cristo neighborhood of Rio de Janeiro, from the perspective of cultural tourism. The building became obsolete at the end of the 20th century and in the 21st century gained a new use, becoming a center for leisure, culture, and the economy. In 2018, it became a Carioca cultural heritage site, being listed by the city hall, attracting attention and visits from the public. Following a global trend of valuing industrial heritage and its reintegration into the daily life of cities, Fábrica Bhering has its own peculiarities that need to be properly addressed for the success of its preservation and tourism activity, which, through industrial tourism, can so contribute to this process of recognizing the importance and appreciation of the space. The paper presents the history of the Bhering company and its relationship with the building, in addition to discussing industrial heritage and industrial cultural tourism. As a result, the object of study has relevance and potential and can be part of a new tourism project for the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Cultural heritage. Industrial heritage. Cultural tourism. Industrial tourism. Fábrica Bhering.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa com a localização da Fábrica Bhering na cidade do Rio de Janeiro	16
Figura 2 -	Registro da empresa Bhering & Silva na Junta Comercial na Côrte do Rio de Janeiro em 26 de abril de 1880.....	22
Figura 3 -	Contrato Social da empresa Bhering & Silva (primeira página) no Rio de Janeiro em 26 de abril de 1880.....	23
Figura 4 -	Publicação no Guia das cidades do Rio de Janeiro e Nichtherohy para 1883.....	24
Figura 5 -	Publicação no Guia das cidades do Rio de Janeiro e Nichtherohy para 1883.....	24
Figura 6 -	Reportagem em <i>O Agricultor Progressista</i> de 3 de outubro de 1881	25
Figura 7 -	Reportagem na <i>Gazeta da Tarde</i> de 14 de setembro de 1882.....	25
Figura 8 -	Reportagem em <i>O Agricultor Progressista</i> de 28 de julho de 1881	26
Figura 9 -	Publicação na <i>Gazeta de Notícias</i> de 10 de agosto de 1884.....	26
Figura 10 -	Publicação em <i>Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil</i> de 10 de agosto de 1884.....	26
Figura 11 -	Publicação em <i>Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil</i> de 10 de agosto de 1884.....	27
Figura 12 -	Reportagem em <i>A Capital</i> de 29 de abril de 1905.....	29
Figura 13 -	Publicação em <i>O Malho</i> de 13 de maio de 1905.....	29
Figura 14 -	Publicação em <i>O Malho</i> de 13 de maio de 1905.....	30
Figura 15 -	Reportagem em <i>Correio da Manhã</i> em 2 de maio de 1905.....	31
Figura 16 -	Reportagem do <i>Correio da Manhã</i> de 15 de fevereiro de 1906.....	32
Figura 17 -	Reportagem da <i>Gazeta de Notícias</i> de 23 de maio de 1916.....	32
Figura 18 -	Reportagem do <i>Jornal do Comercio</i> de 15 de abril de 1917.....	33
Figura 19 -	Reportagem de <i>O Jornal</i> de 17/10/1925.....	34
Figura 20 -	Reportagem do <i>Jornal do Brasil</i> de 17 de março de 1928.....	38

Figura 21 - Documento de pedido de licença para a venda dos imóveis n. 34 e n. 36 na rua Orestes.....	38
Figura 22 - Reportagem do <i>Correio da Manhã</i> de 13 de dezembro de 1931.....	39
Figura 23 - Reportagem da revista <i>O Cruzeiro</i> , de 19 de dezembro de 1931.....	40
Figura 24 - Reportagem na revista <i>FonFon</i> de 19 de dezembro de 1931.....	40
Figura 25 - Reportagem na revista <i>Vida Doméstica</i> de janeiro de 1932.....	41
Figura 26 - Embalagem do produto Bhering.....	42
Figura 27 - Publicação em <i>O Paiz</i> de 29 de outubro de 1933.....	43
Figura 28 - Reportagem no <i>Diário de Notícias</i> de 25 de abril de 1950.....	44
Figura 29 - Propaganda do café Globo no jornal <i>Correio da Manhã</i> de 1 de janeiro de 1950.....	46
Figura 30 - Propaganda do café Globo no jornal <i>Correio da Manhã</i> de 22 de janeiro de 1950.....	47
Figura 31 - Resultado da pesquisa pública no jornal <i>Diário de Notícias</i> de 28 de maio de 1950.....	47
Figura 32 - Reportagem na revista <i>O Cruzeiro</i> de 1 de dezembro de 1971.....	48
Figura 33 - Reportagem em <i>O Jornal</i> de 9 de janeiro de 1974.....	50
Figura 34 - Reportagem em <i>Jornal do Commercio</i> de 4 de janeiro de 1974.....	50
Figura 35 - Reportagem em <i>Jornal do Commercio</i> de 4 de janeiro de 1974.....	51
Figura 36 - Reportagem na revista <i>Manchete</i> de 22 de julho de 1978.....	52
Figura 37 - Reportagem do <i>Jornal do Commercio</i> de 19 de agosto de 1999.....	53
Figura 38 - Reportagem no <i>Jornal do Brasil</i> de 16 de novembro de 2008.....	54
Figura 39 - Reportagem de <i>O Fluminense</i> de 5 de julho de 2015.....	54
Figura 40 - Embalagem de produto Bhering atualmente no mercado.....	55
Figura 41 - Anexo I do decreto Nº 44.468 com a área de entorno de bem tombado.....	57
Figura 42 - Prédio 1 da Fábrica Bhering, na rua Orestes.....	65
Figura 43 - Prédio 2 da Fábrica Bhering, na rua Orestes.....	65
Figura 44 - Torre do relógio.....	66
Figura 45 - Escada e elevador.....	67
Figura 46 - Maquinários remanescentes da antiga fábrica.....	67
Figura 47 - Máquina inglesa no 4º andar e destaque da placa com a marca.....	68

Figura 48 - Máquina inglesa no 4º andar e destaque da placa com a marca.....	68
Figura 49 - Máquina alemã no 4º andar e destaque da placa com a marca.....	68
Figura 50 - Máquina alemã no 4º andar e destaque da placa com a marca.....	68
Figura 51 - Entrada principal da Fábrica Bhering.....	69
Figura 52 - Recepção da fábrica.....	70
Figura 53 - Imagem do 2º andar.....	71
Figura 54 - Imagem do vão no 2º andar.....	71
Figura 55 - Equipamento concha no Museu do Chocolate, no 4º andar.....	72
Figura 56 - Equipamentos refinadoras e temperadeira no Museu do Chocolate, no 4º andar.....	72
Figura 57 - Área no 5º andar com estrutura metálica de sustentação do telhado a vista.....	73
Figura 58 - Imagem do pombal no 5º andar.....	74
Figura 59 - Imagem do terraço.....	74
Figura 60 - Imagem do 6º andar com o terraço descoberto e a torre do relógio	75
Figura 61 - Fachada norte da Fábrica Bhering.....	76
Figura 62 - Corte paralelo à fachada.....	76
Figura 63 - Corte perpendicular à fachada.....	76
Figura 64 - Planta baixa do 1º pavimento.....	77
Figura 65 - Planta baixa do mezanino.....	77
Figura 66 - Planta baixa do 2º pavimento.....	78
Figura 67 - Planta baixa do 3º pavimento.....	78
Figura 68 - Planta baixa do 4º pavimento.....	79
Figura 69 - Planta baixa do 5º pavimento.....	79
Figura 70 - Planta baixa do 6º pavimento.....	80
Figura 71 - Distribuição das empresas em grupos no térreo/pátio.....	82
Figura 72 - Distribuição das empresas em grupos no 2º andar.....	82
Figura 73 - Distribuição das empresas em grupos no 3º andar.....	83
Figura 74 - Distribuição das empresas em grupos no 4º andar.....	83
Figura 75 - Distribuição das empresas em grupos no 5º andar.....	84
Figura 76 - Distribuição das empresas em grupos no terraço.....	84
Figura 77 - Entrada da exposição no 5º andar.....	86

Figura 78 - Imagem da exposição no 5º andar.....	86
Figura 79 - Imagem da exposição no pombal.....	87
Figura 80 - Imagem do evento Feira de Arte no terraço.....	87
Figura 81 - Cronologia do bem industrial da LX Factory	99
Figura 82 - Planta do andar térreo da LX Factory	100
Figura 83 - Planta do 1º andar da LX Factory	100
Figura 84 - Planta do 2º andar da LX Factory	101
Figura 85 - Planta do 3º andar da LX Factory	101
Figura 86 - Planta do 4º andar da LX Factory	101
Figura 87 - Área aberta da LX Factory	103
Figura 88 - Interior andar da LX Factory	104
Figura 89 - Construção da antiga fábrica na LX Factory.....	105
Figura 90 - Antiga estação de energia em 1935	109
Figura 91 - Antiga estação de energia com as quatro chaminés	109
Figura 92 - Fachada da <i>Battersea Power Station</i> no momento atual	110
Figura 93 - Interior da estação A	110
Figura 94 - Interior da estação B	111
Figura 95 - Corte transversal dos andares da BASE	113
Figura 96 - Corte transversal dos andares da BASE	114
Figura 97 - Planta dos espaços da Base	114
Figura 98 - <i>Ground hall Base</i>	115
Figura 99 - <i>Room 2100</i> espaço para eventos	115
Figura 100 - <i>Room 1400</i> espaço para eventos	116
Figura 101 - <i>Museo delle Culture</i> (Mudec)	116
Figura 102 - Pintura do pintor alemão Carl Spitzweg “Engländer in der Campagna c. 1845” que ilustra uma viagem à Itália antiga, <i>Grand Tour</i>	126
Figura 103 - Desenvolvimento do turismo industrial em Portugal	136

Figura 104 -	Mapa com a distribuição pelos países europeus de lugares a visitar o patrimônio industrial geral (antigas construções e indústrias ativas)	136
Figura 105 -	Distribuição do patrimônio industrial (antigas construções) pela Europa	137
Figura 106 -	Mapa da usina com corte da autora	139
Figura 107 -	Imagem visita Itaipu Binacional	140
Figura 108 -	Imagem instalação Itaipu Binacional	140
Figura 109 -	Imagem de uma das exposições do Itaipu Ecomuseu	141
Figura 110 -	Imagem interior cervejaria AMBEV, Jaguariúna (SP)	142
Figura 111 -	Imagem cervejaria AMBEV, Agudos (SP)	142
Figura 112 -	Imagem site de turismo de São Bernardo do Campo com as empresas participantes do turismo industrial da cidade	144
Figura 113 -	Imagem visita à instalação da empresa Unipar Carbocloro	144
Figura 114 -	Proposta de uma rota da história industrial carioca	145
Figura 115 -	Moinho Fluminense e entorno cerca 1895	146
Figura 116 -	Moinho Fluminense em 2025	146
Figura 117 -	Estação marítima da Gamboa cerca 1903	147
Figura 118 -	Vila olímpica da Gamboa (ex estação marítima)	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Cronologia da história da Fábrica Bhering	88
Quadro 2 -	Princípios das Cartas do Turismo Cultural ICOMOS	128
Quadro 3 -	Turismo industrial nas empresas brasileiras	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ERIH	European Route of Industrial Heritage
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios)
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IRPH	Instituto Rio Patrimônio da Humanidade
NHLE	National Heritage List for England
OMT	Organização Mundial do Turismo
TICCHI	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial)
UNESCO	The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)
UNTWO	World Tourism Organization

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1.	BHERING: A PRIMEIRA FÁBRICA DE CHOCOLATE A VAPOR DO BRASIL	20
1.1	A primeira sede na rua Sete de Setembro	20
1.2	As transformações urbanas e a transferência para a rua Treze de Maio	28
1.3	A expansão para a zona portuária e a crise do cacau	33
2.	FÁBRICA BHERING, UM PATRIMÔNIO CULTURAL CARIOCA	56
2.1	Bhering, a sua relação com a cidade do Rio de Janeiro e o tombamento do espaço da antiga fábrica	56
2.2	Panorama atual com o novo uso da fábrica	64
3.	PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E A FÁBRICA BHERING	90
3.1	Discussões acerca da preservação do patrimônio industrial	90
3.2	Experiências de projetos culturais e turísticos do patrimônio industrial	97
3.3	Fábrica Bhering como um patrimônio industrial carioca	117
4.	A RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E TURISMO CULTURAL	121
4.1	Memória e patrimônio cultural	121
4.2	Patrimônio e turismo cultural	125
4.2.1	<u>Interpretação do patrimônio cultural.....</u>	131
4.3	Patrimônio e turismo industrial	134
5.	PRODUTO: ROTEIRO DE VISITA À FÁBRICA BHERING	148
5.1	Apresentação	148

5.2	Fábrica Bhering: um roteiro cultural	150
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	154
	APÊNDICE A	165

INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa trata das relações entre patrimônio cultural e turismo cultural, tendo como objeto de estudo a antiga Fábrica Bhering, localizada à rua Orestes n. 28, no bairro de Santo Cristo, na cidade do Rio de Janeiro, RJ. A empresa carioca, fundada em 1880, foi a primeira no país a produzir chocolate e café, entre outros produtos, e teve entre seus clientes o Imperador Dom Pedro II.

Sua história está ligada à evolução da indústria e do espaço urbano do Rio de Janeiro. Durante sua trajetória, precisou mudar duas vezes, conforme a cidade foi crescendo e passando por reformas urbanas para se adequar às novas necessidades que surgiam nos séculos XIX e XX. Do centro da cidade, mais especificamente, das ruas Sete de Setembro e Treze de Maio, a antiga fábrica do café Globo foi para a região portuária (Figura 1), conseguiu resistir ao tempo e hoje ainda é possível conhecê-la, por fora e por dentro.

Figura 1 – Mapa com a localização da Fábrica Bhering na cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Google Maps, 2025.

Considerando sua pertinência e importância cultural para a região portuária do município carioca, a criação de novos usos para essa construção poderia gerar novos valores de memória e de patrimônio cultural, além da valorização do local como atração turística?

Com as transformações econômicas, geográficas e sociais geradas pelo desenvolvimento das cidades, houve mudanças na divisão e ocupação do espaço, gerando migrações de pessoas, de empresas e de fábricas. Como consequência, há perda de função e utilidade de construções ocasionando o seu fechamento e abandono. Algumas delas podem ser trabalhadas, devido ao seu valor arquitetônico e/ou histórico, para que sejam reaproveitadas e inseridas em um novo contexto na vida cotidiana metropolitana, evitando a perda de um patrimônio cultural local com a demolição ou o desuso.

A preservação legal e ações de reapropriação pela população são instrumentos que geram outras possibilidades para essas edificações. A experiência da antiga Fábrica Bhering deve ser divulgada para incentivar outros projetos similares na vasta lista de bens culturais materiais tombados, ou não, e especialmente do patrimônio industrial, no Brasil.

O trabalho é motivado pelo interesse acerca do patrimônio cultural, com suas construções que conseguiram resistir ao tempo e permanecem até hoje, como vestígios e testemunhas de uma época e da história do Brasil. Há o interesse em trabalhar com o patrimônio cultural local de forma que haja melhorias na sua inserção no contexto atual, e assim, criar outras memórias e relações com moradores e visitantes, por meio do contato com as outras gerações.

O trabalho tem como objetivo geral analisar a experiência da antiga Fábrica Bhering sob o viés do turismo cultural, como um produto turístico. Como objetivos específicos, o projeto deve:

- Levantar material bibliográfico, documental e fotográfico relacionado à história da antiga Fábrica Bhering;
- Realizar visita de campo na construção para levantar material fotográfico e entrevistar locatários e visitantes;
- Fazer a revisão de literatura sobre os assuntos abordados: memória, patrimônio cultural e turismo cultural;
- Criar como produto um material que auxilie na visita e na divulgação da fábrica, em que conste a história e as atuais empresas instaladas no local.

A pesquisa a ser desenvolvida tem como natureza básica, ao buscar entender a relação da antiga Fábrica Bhering com os fenômenos da patrimonialização e do turismo e assim poder criar um material de divulgação sobre o edifício e seu percurso no tempo, bem como das atividades atualmente desenvolvidas nesse espaço de lazer e trabalho dos cariocas e turistas.

A pesquisa teve como método o exploratório e o descritivo, visto que tinha como finalidades observar, coletar dados e informações a fim de fazer a análise com esse material sobre o evento da apropriação da Bhering para outros fins, assim com o referencial teórico utilizado. A abordagem foi qualitativa, em que há a análise e interpretação dos fatos para

entender a situação atual da Bhering de forma a contribuir com as propostas de melhorias para a manutenção desse relevante projeto de ocupação de um patrimônio cultural da cidade.

Quanto ao procedimento, houve ainda aplicação dos métodos de pesquisas: bibliográfica, documental e de campo. O objetivo foi levantar livros e artigos que abordam a discussão teórica sobre patrimônio cultural industrial e turismo cultural; além de documentos sobre a Fábrica Bhering, desde a sua instalação até os dias atuais. Dessa forma, buscou-se entender melhor o contexto em que a fábrica está inserida e o ponto de partida para criar as estratégias. As visitas ao local contribuíram para levantar informações diretamente com os atores envolvidos, por meio de conversas e das observações e anotações da própria pesquisadora.

O produto da pesquisa é um roteiro de visita, com a história da Fábrica Bhering e as informações sobre o local, para melhorar a experiência dos visitantes durante o tour nas instalações desse patrimônio industrial da cidade do Rio de Janeiro. Buscou-se elaborar um instrumento que possa ser aplicado a outros projetos similares, no intuito de desenvolver a compreensão do lugar protegido ou sem amparo de legislação específica e, conseqüentemente, promover a preservação, evitar o esquecimento e a perda desses consideráveis bens culturais materiais.

A dissertação está estruturada em cinco seções. As primeiras, 1 e 2, intituladas, respectivamente, de “Bhering: a primeira fábrica de chocolate a vapor do Brasil” e “Fábrica Bhering, um patrimônio cultural carioca”, apresentam a história da empresa Bhering, da construção da antiga fábrica no bairro de Santo Cristo, o objeto de estudo da pesquisa, a fim de ressaltar o valor histórico e memorial do espaço e, ainda, destacam a sua importância como patrimônio cultural da cidade. Também abordam o processo de tombamento e a tutela do estado na preservação desse testemunho industrial carioca. O estudo se baseou especialmente em fontes documentais e reportagens para a elaboração de uma cronologia do desenvolvimento da empresa e da sua relação com a edificação.

A seção 3, “Patrimônio industrial e a Fábrica Bhering”, segue com a discussão sobre o tema patrimônio industrial. Inicia-se com o debate sobre o conceito da terminologia e outras questões relacionadas ao assunto, como reutilização de antigas construções fabris nos dias atuais. São apresentadas experiências de projetos de reuso de bens industriais obsoletos em outros países, como Portugal, Inglaterra e Itália, assim como da própria Fábrica Bhering, por meio de atividades culturais, artísticas e comerciais. Fontes documentais e bibliográficas foram usadas na constituição dessa seção.

A seção 4, “Patrimônio industrial e turismo cultural”, trata a relação entre esses dois fenômenos que se estabelecem nas áreas sociais, culturais e da economia, apresentando referências bibliográficas para a criação desse texto. Assuntos como a formação do conceito de patrimônio, sua relação com a memória e o desenvolvimento do turismo, do *grand tour* ao turismo industrial, ao longo do tempo, são abordados nessa parte do trabalho. Igualmente, são apresentados exemplos de turismo voltados para visitas às fábricas pelo Brasil e a análise de como esse modelo poderia ser aplicado ao objeto de estudo, a Fábrica Bhering.

A última seção, “Produto: roteiro de visita à Fábrica Bhering”, apresenta, como o título sugere, o produto final da dissertação do mestrado, que é um roteiro cultural elaborado com as informações das seções 1 e 2. Com um projeto de design, o produto oferece importantes dados sobre o espaço ao visitante da Fábrica Bhering, com maior qualidade e possibilidade de gerar conhecimento e referência. Com isso, promove a consciência sobre esse patrimônio industrial e o incentivo à sua preservação.

A experiência da Fábrica Bhering é uma das primeiras no Brasil e no Rio de Janeiro, devendo ser apoiada por organizações e pela população para que se desenvolva de forma a preservar suas características arquitetônicas e estéticas, ao mesmo tempo que é adaptada para o novo uso. Ações como essa são relevantes para a valorização do patrimônio industrial brasileiro e o estímulo para outros espaços com características parecidas, contribuindo para a manutenção e a oferta de novos produtos para o turismo cultural.

1. BHERING: A PRIMEIRA FÁBRICA DE CHOCOLATE A VAPOR DO BRASIL

Nesse capítulo, é apresentada a história da Fábrica Bhering, desde a sua fundação, em 1880, até os dias atuais, abordando o desenvolvimento e as transformações ocorridas ao longo do tempo. Como exemplo, a edificação localiza na rua Orestes, em Santo Cristo, foi a terceira sede da fábrica, tendo sido a primeira situada à rua Sete de Setembro e uma segunda instalação à rua Treze de Maio, ambas na área central da cidade.

1.1 A primeira sede na rua Sete de Setembro

Em 26 de abril de 1880, foi registrado na Junta Comercial da Côrte do Rio de Janeiro, sob nº 21.747, a sociedade comercial entre Álvaro Rolemberg Bhering e Lourenço Justiniano da Silva, chamada de Bhering & Silva, conforme consta no documento de registro (Figura 2). Anexo, há o Contrato Social, que apresenta como objeto da sociedade a fabricação e a venda de chocolate e café moído no endereço à rua Sete de Setembro n. 63 e menciona também que o preparo dos produtos seria todo em máquinas à vapor (Figura 3).

Na reportagem da *Tribuna do Commercio*, de 28 de junho de 1880, intitulada de “Fábrica de Chocolate”, abordou-se que a fábrica foi inaugurada no dia 26 de junho, com festa na qual estiveram presentes a imprensa e os proprietários. Esses deram explicações sobre o maquinário e sobre os produtos, que foram oferecidos aos presentes durante o evento. Em uma nota na publicação *O Mequetrefe* de 29 de março de 1882 foi mencionado que:

Não há dúvida nenhuma que a Fabrica de Chocolate a Vapor da Casa Imperial, dos Srs. Bhering & Silva, na rua sete de setembro n. 63, esta considerada e com justiça, como uma das primeiras do Brazil, não só por ter as machinas das primeiras do Brazil, não só por ter as machinas mais modernas, como pelo aperfeiçoamento do fabrico.

Os seus proprietários já obtiveram o diploma de progresso na última exposição, em vista do excelente produto que apresentaram. As qualidades do chocolate são: de baunilha, canella, musgo, homoeopahtico, ferruginoso, lácteo, althéa, alcaçuz.

Preços, desde 1\$600 até 200 rs. o pacote. (*O Mequetrefe*, 1882, p. 7)

Nas figuras 4 e 5, da publicação *Guia das cidades do Rio de Janeiro e Nichtherohy para 1883*, também é possível verificar mais informações sobre o estabelecimento e constatar sua importância para o país e para a cidade do Rio de Janeiro. Observa-se o pioneirismo da empresa Bhering na fabricação do chocolate e na forma de preparar o café, procurando máquinas que

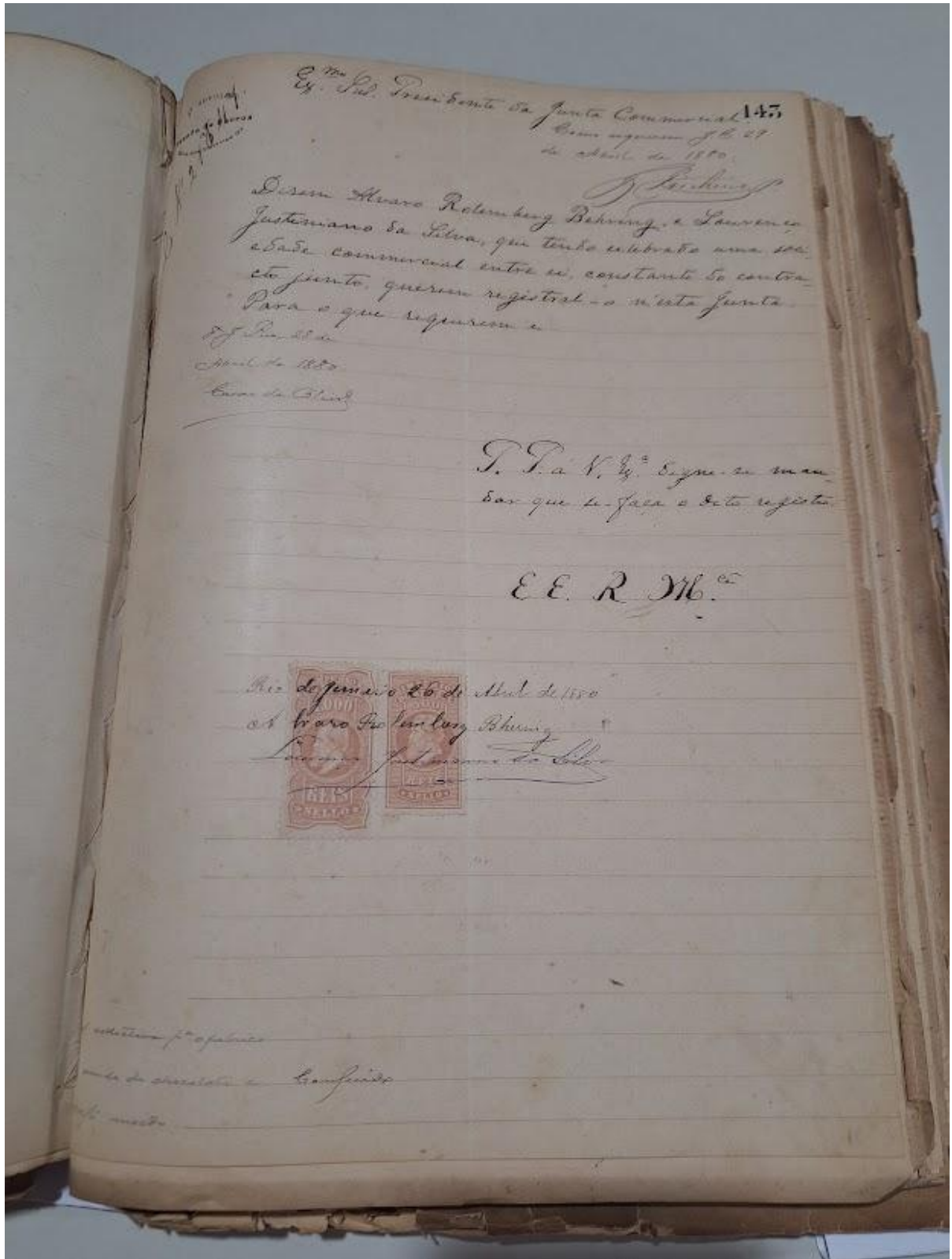
oferecessem mais qualidade ao produto, no caso, aroma e sabor. A proximidade com os clientes também é uma preocupação, visto que as pessoas podiam visitar a fábrica para ver o preparo dos produtos, conforme consta na publicação *O Agricultor Progressista* de 3 de outubro de 1881 (Figura 6), tendo sido inclusive visitada pelo imperador Dom Pedro II.

Na reportagem da *Gazeta da Tarde* de 14 de setembro de 1882, novamente foi abordado o vanguardismo da Fábrica Bhering no ramo do chocolate no país (Figura 7). Além disso, conforme consta na publicação *O Agricultor Progressista* de 28 de julho de 1881 (Figura 8), o estabelecimento foi um dos primeiros a fabricar no próprio país o produto manufaturado, não dependendo de enviar a matéria prima para o exterior, o cacau, para receber de volta o bem, o chocolate em si. Esse é um dado relevante para o desenvolvimento industrial, econômico e social do Rio de Janeiro e do Brasil por modernizar o parque fabril, qualificar a mão de obra, gerar emprego, fonte de renda para a população e incentivar o mercado consumidor local.

Foram ações pioneiras como essa que possibilitaram o crescimento industrial e consequentemente o urbano, o social e o cultural da cidade fluminense e do país. Assim, é relevante abordar essas informações ao falar da Fábrica Bhering, que resiste ainda hoje, seja na produção do chocolate em pó ou da bala toffee, seja na sua antiga fábrica que aguça a curiosidade e recebe outros usuários, escrevendo novas histórias e criando outras memórias.

Em 1884, o senhor Antônio José Ribeiro Bhering passou a ser o novo proprietário da fábrica. A firma mudou de nome para A. Bhering, como consta na publicação da *Gazeta de Notícias*, de 10 de agosto de 1884 (Figura 9). Não foi encontrado o registro da empresa, com mais informações, no acervo da Junta Comercial do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional. Mas outra publicação confirma a alteração, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil*, de 10 de agosto de 1884, conforme é possível verificar nas figuras 10 e 11.

Figura 2— Registro da empresa Bhering & Silva na Junta Comercial na côrte do Rio de Janeiro em 26 de abril de 1880.



Fonte: Coleção Junta Comercial do Rio de Janeiro 1860-1915, Arquivo Nacional, 2024.

Figura 4 – Publicação no Guia das cidades do Rio de Janeiro e Niththerohy para 1883cominformações da empresa Bhering & Silva.

448

FABRICA DE  CHOCOLATE A VAPOR

DA
CASA IMPERIAL

Esta importante fabrica reconhecida como a primeira no Brazil, obteve os primeiros premios nas ultimas exposições Nacional e Continental de 1882, e já teve a honra de ser visitada por Sua Magestade o Imperador.

Os proprietarios tem tido a maior satisfação vendo a grande extracção que tem tido os seus productos e assim recompensados os seus esforços.

Chocolate de todas as qualidades e preços, desde o especial a 1\$500 o pacote. até o de 200 rs.

BHERING & SILVA

Fornecedores de SS. MM. imperiaes e da Santa Casa da Misericordia da Corte.

63—RUA SETE DE SETEMBRO—63

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Cardoso, 1882a.

Figura 5 – Publicação no Guia das cidades do Rio de Janeiro e Niththerohy para 1883cominformações da empresa Bhering & Silva.

460



FABRICA DE CAFÉ A VAPOR

Os proprietarios deste grande estabelecimento tiveram a gloria de descobrir uma machina especial para fixar o oleo essencial do café, ficando este com aroma fortissimo e de um sabor agradavel. Todos os jornaes da Corte tem tecido os maiores elogios ao Café preparado na dita machina, o que muito honra aos descobridores.

BHERING & SILVA

Proprietarios da Fabrica de Chocolate da Casa Imperial
E FORNECEDORES DE SS. MM. IMPERIAES

65 RUA SETE DE SETEMBRO 65

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Cardoso, 1882b.

Figura 6 – Reportagem em O Agricultor Progressista de 3 de outubro de 1881, falando sobre a possibilidade do público visitar as instalações da Fábrica Bhering.

Já tivemos ocasião de fallar da importante *fabrica de chocolate da casa imperial* dos Srs. Bhering & Silva.

Visitamos esse bom estabelecimento fabril e vimos a utilização pratica de muitos productos da lavoura, como sejam o cacau, a baunilha etc.,.

Conhecemos as fabricas de chocolate que aqui existem e a observação nos tem mostrado que o primeiro logar neste ramo de industria pertence aos Srs. Bhering & Silva que têm o seu estabelecimento franqueado ao público, que poderá visital-o, e ver a limpeza, aceio e perfeição que ha em todo o serviço.

Da nos estas informações, porque é de nosso dever indicar ao publico, aquelles que melhor o podem servir e que sabem fazer applicação dos productos da lavoura.

Incontestavelmente é esta a melhor fabrica de chocolate q e temos e disto poderá certificar-se quem a visitar.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. O Agricultor Progressista, 1881b.

Figura 7 – Reportagem na Gazeta da Tarde de 14 de setembro de 1882, falando sobre a Fábrica Bhering ser a primeira empresa brasileira de chocolate.



Fabrica de chocolate a vapor
DA
CASA IMPERIAL
DE
BHERING & SILVA

Nesta fabrica, a primeira do imperio, encontra-se chocolate de todas as qualidades e preços, desde o especial a 1\$500 até o de 200 rs. Café puro especial a 800 rs. • kilo e em porção 5. % de abatimento.

63 RUA SETE DE SETEMBRO 63

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Gazeta da Tarde, 1882.

Figura 8 – Reportagem em O Agricultor Progressista de 28 de julho de 1881, falando sobre a Fábrica Bhering e a produção local do produto.

Compete-nos animar e prestar a devida justiça aos bons patriotas, que nos salvam do ridículo de vermos sair pelos portos do Imperio as materias primas, e alguns mezes depois recebel-as manipuladas.

O que se dá ainda com a borracha, o algodão, o cacão, etc. é uma verdadeira vergonha para nós, e por isso são dignos de louvores os industriaes, que provam ás nações civilisadas que nós não somos completamente destituídos de merito, e que quando *quizermos* produziremos tão bem como lá fóra.

Entre outros exemplos brilhantes está a *fabrica de chocolate da Casa Imperial* dos Srs. *Bhering & Silva*, que produz em qualidade e quantidade como as melhores da Europa.

O Brazil hoje já exporta chocolate!

Mais do que nós podemos aqui dizer consegue o publico saber, visitando este elegante estabelecimento e vendo fabricar as nove ou dez qualidades que alli se fazem.

A lavoura só terá verdadeira prosperidade quando o industrial-fabril se utilizar dos seus productos e os lançar transformados nos mercados estrangeiros.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. O Agricultor Progressista, 1881a.

Figura 9 – Publicação na Gazeta de Notícias de 10 de agosto de 1884, falando sobre o novo proprietário da Fábrica Bhering.

A' PRAÇA

Scientifica-se á praça que a antiga firma de *Bhering & Silva* está ha muito liquidada, ficando a fabrica de chocolate pertencendo exclusivamente a Antonio José Ribeiro Bhering, sob a razão de A. Bhering.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Gazeta de Notícias, 1884.

Figura 10 – Publicação em Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil de 10 de agosto de 1884 com o novo registro da empresa Bhering.

566	CHARUTOS, CIGARROS, FUMO	(art. 522)
Vieira Guimarães & Santos, largo de S. Francisco de Paula, 16. Xavier de Simas & Irmãos, com armazem de fumos em Pernambuco, r. da Quitanda, 42, e r. do Vigario, 16, Recife; socios: * Antonio Xavier de Simas, r. da Rainha, 55, Nitherohy. * José Xavier de Simas, r. do Vigario, 16, Recife. * Victorino Xavier de Simas, r. do Vigario, 16, Recife. Xavier de Simas & Betancrute, r. da Quitanda, 42; socios: * Antonio Xavier de Simas, r. da Rainha, 55, Nitherohy. * Matheus de Souza Betancrute, r. da Quitanda 42. Zephirino Pereira, r. Sete de Setembro, 213.		
Chocolate (Fabricas, Depositos e Negociantes de).		[523]
A. Bhering, Fabrica de Chocolate a vapor da Casa Imperial, r. Sete de Setembro, 63 Telegr. Urb. 221. (V. <i>Notabilidades</i>, pag. 2029). Proprietario: * A. R. Bhering, r. Sete de Setembro, 63.		

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Sauer, 1884.

Figura 11 – Publicação em *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil* de 10 de agosto de 1884 com o novo registro da empresa Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Sauer, 1884.

Apesar da mudança, a empresa continuou os negócios no ramo do café moído, do chocolate e de outros produtos alimentícios. Em uma reportagem intitulada “O Rio de Janeiro de 1900: visitas e excursões por Ferreira [Barbosa], as fábricas do senhor Bhering”, no *Jornal do Commercio* de 22 de dezembro de 1900, é possível ter mais informações sobre o funcionamento do estabelecimento:

O apreciador do bom chocolate Bhering e do saboroso café Globo é raramente capaz de imaginar o inabalável feito pelo industrial Sr. Antonio José Ribeiro Bhering para conseguir a fama e inabaláveis de que gosãotae produtos. Eu mesmo, que tanta atenção presto ao desenvolvimento fabril da Capital em que vivo há 22 annos, confesso ter ignorado que o empreendimento industrial do Sr. Bhering o obrigára a installações tão completas e tão dispendiosas.

Da visita que fiz ao estabelecimento da rua Sete de Setembro ns. 63 e 65 resultou-me tal impressão que entendi epigraphar esta narrativa como tendo por assumpto As Fabricas do Sr. Bhering, pois effectivamente tres secções fabris distinctas ahi se encontrão em um espaço que muito carece de ser desenvolvido. ([Barbosa], 1900, p. 4)

O autor menciona que na primeira secção fabril, a do chocolate, era onde da matéria prima, o cacau, era produzido a manteiga de cacau, o cacau em pó e o próprio chocolate, por meio de processos distintos e usando equipamentos, como torradores a motor com sistema Compound da Marchall & Sons, prensa hidráulica, galgas, refinadeiras, fôrmas metálicas e câmara frigorífica. Ainda havia os processos de acondicionamento e rotulagem. A fábrica podia produzir de 6 a 7 mil pacotes de chocolates e estava ganhando os primeiros prêmios em eventos, como nas *Exposições Industriaes* de 1881, *Scientifica* de 1884, *Continental* de 1882, *Antuerpia* de 1885 e *Nacional* de 1895 (Jornal do Commercio, 1900, p. 4).

As outras secções fabris eram a do café e dos artefatos das folhas de flandres, para a confecção das latas de acondicionamento. O primeiro produto precisava ser torrado e moído, tendo como equipamentos torradores, resfriadores, catadores, depósitos e moinhos. O autor da publicação menciona que são 3 moinhos vindos da Alemanha. Além do café, também eram oferecidas canela e pimenta moídas. O segundo produto era feito para embalar os próprios bens da empresa quanto para serem vendidos para outras firmas, sendo assim um fornecedor de suplementos. Para a fabricação das latas, eram usadas máquinas para cortar, enrolar, estampar e ajustar a folha.

A fábrica ainda possuía outros equipamentos e sistemas que possibilitavam o funcionamento das máquinas, como motores, tornos de serralheria, forjas mecânicas, elevadores automáticos, luz elétrica e serviço contra incêndio, com reservatório de água e mangueiras. Ao todo, 80 operários trabalhavam na fábrica, como mencionado no artigo do periódico. Observa-se também a gestão do senhor Antônio José Ribeiro Bhering, registrado em outra reportagem. Já em *O Apostolo* (1893), consta que a câmara frigorífica instalada na Fábrica Bhering foi a primeira no Brasil para o congelamento do chocolate.

1.2 As transformações urbanas e a transferência para a rua Treze de Maio

Com a abertura da Avenida Rio Branco, no processo de modernização da cidade, o edifício da fábrica foi demolido e uma outra construção industrial foi instalada na rua Treze de Maio, mantendo um depósito na rua Sete de Setembro, também no centro da cidade do Rio de Janeiro. A mudança da localização da Fábrica Bhering ocorreu no início do século XX, em torno de 1905, como consta em artigos de jornais apresentados nas figuras 12, 13, 14 e 15. O segundo complexo industrial continuava a ter toda a estrutura para a fabricação dos produtos Bhering, com um investimento pesado nas instalações e nos maquinários.

O projeto da construção da fábrica na rua Treze de Maio foi da firma Trajano de Medeiros e Cia, cujo proprietário foi outro empreendedor, que teve oficinas de reparo de carros e vagões da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Estrada de Ferro Sorocabana, no final do século XIX. No início do século XX, possuía uma fábrica de vagão e de carro para bonde no bairro de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, para o transporte de mercadorias e de pessoas, como aborda Carlos Negreiros Viana no artigo “Trajano de Medeiros: um dos maiores empresários brasileiros do seu tempo, um desconhecido no Ceará até hoje” (2015).

Figura 12 – Reportagem em *A Capital* de 29 de abril de 1905, falando sobre a fábrica na rua Treze de Maio.

A BHERING & C. comunicam que no dia 1º de Maio proximo futuro será inaugurada a secção de vendas de latas, café, chocolate e outros artigos de consumo, no edificio de sua propria fabrica, á rua Treze de Maio ns. 22 a 28 ; continuando, entretanto, a funcionar o deposito, á rua Sete de Setembro n. 85.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *A Capital*, 1905.

Figura 13 – Publicação em *O Malho* de 13 de maio de 1905 com a foto da fachada da Fábrica Bhering na rua Treze de Maio.



Fachada do novo edificio da *Fabrica de Chocolate Bhering*, e *Café Globo*, á rua Treze de Maio

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Malho*, 1905.

Figura 14 – Publicação em *O Malho* de 13 de maio de 1905 com a foto do interior da Fábrica Bhering na rua Treze de Maio.



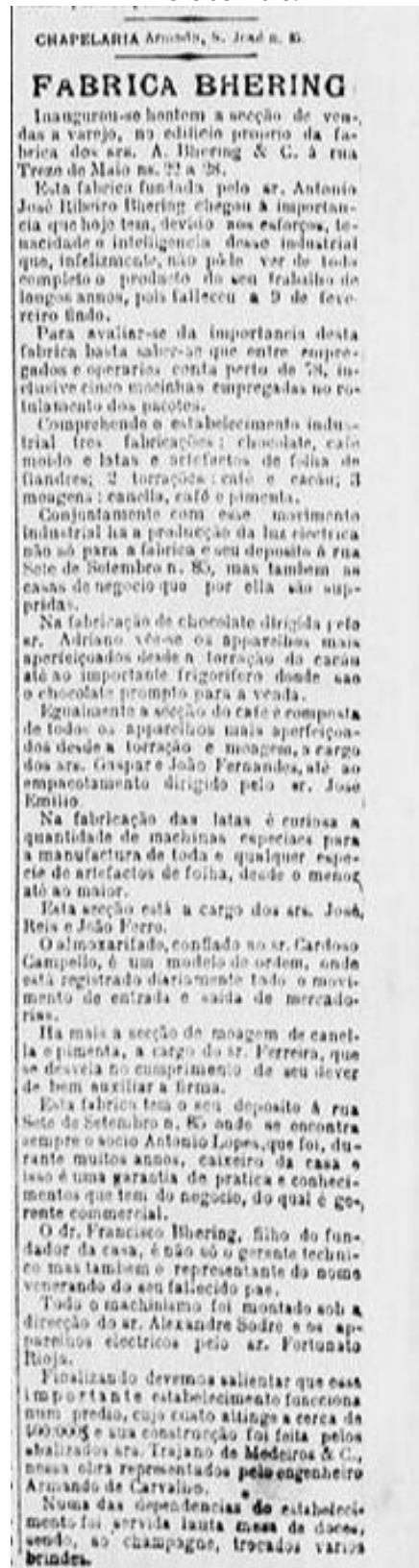
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Malho*, 1905.

A Fábrica Bhering tinha iniciativas que impactavam outros setores da sociedade carioca, como o emprego da mão de obra feminina. Apesar de ser em menor número, havia o trabalho de mulheres na seção de empacotamento. Observa-se o empreendedorismo dos proprietários e gestores da empresa, com uma organização de recursos que possibilitou o crescimento fabril e financeiro de uma época, o século XX.

A Bhering & C. era dirigida por Antônio José Ribeiro Bhering, pelo seu filho, Francisco Bhering, e pelo sócio, Antônio Teixeira Lopes, por volta de 1900. Em 1905, faleceu Antônio José e o negócio passou a ser administrado também pela viúva, Maria Franzen Bhering, que ficou no seu lugar. Inclusive, houve a troca da razão social, sendo registrada agora de Bhering & C., conforme é possível verificar na notícia publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 9 de março de 1906 (Figura 16).

A gestão continuou com a família Bhering até 1916, quando a senhora Maria decidiu dissolver a sociedade e a empresa entrou em liquidação (Figura 17). Com isso, outra sociedade foi estabelecida, adquirindo os direitos da extinta Bhering & C.. A empresa passou a se chamar Bhering & Cia, mantendo como sócio Antônio Lopes Teixeira, agora comanditário, e tendo mais quatro sócios, entre eles Darke David de Oliveira Mattos, conforme consta na publicação no *Jornal do Commercio*, de 13 de abril de 1917 (Figura 18).

Figura 15 – Reportagem em *Correio da Manhã* em 2 de maio de 1905, falando sobre a Fábrica Bhering na rua Treze de Maio.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Correio da Manhã*, 1905.

Figura 16 – Reportagem do *Correio da Manhã* de 15 de fevereiro de 1906, informando sobre a alteração da razão social para Bhering & Co.

A' PRAÇA

Dr. Francisco Bhering e Antonio Teixeira Lopes socios sobreviventes da firma A. BHERING & C., declaram que, tendo quitação da viuva inventariante dos bens do finado socio, chefe e fundador da casa, Antonio José Ribeiro Bhering pelo pagamento dos haveres do mesmo na alludida firma, foi ella dissolvida para todos os effeitos, conforme o distrato social, archivado na Junta Commercial sob n. 56.572.

Dr. Francisco Bhering, Antonio Teixeira Lopes e d. Maria Franzen Bhering, aquelles como solidarios e esta na qualidade de commanditaria, participam aos seus committentes e amigos desta praça e dos Estados, que em successão e como cessionarios da firma dissolvida A. BHERING & C., organizaram uma sociedade sob a razão social de

BHERING & C.

para a continuação do commercio de chocolate, café molido—marca GLOBO,—cacão solúvel, fabricação de latas e todos os artefactos de folha de flandres, moagem de assucar, pimenta e canella, e compra e venda de outros artigos do consumo.

Fabrica e escriptorio rua Treze de Maio ns. 22 a 28.

Deposito: rua Sete de Setembro n. 85.

Telephone n. 148.

E esperam continuar a merecer-lhes a mesma protecção e confiança dispensadas á firma antecessora.

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1906.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Correio da Manhã*, 1906.

Figura17 – Reportagem da *Gazeta de Notícias* de 23 de maio de 1916, informando sobre a liquidação da Fábrica Bhering & Comp.

GAZETA FORENSE

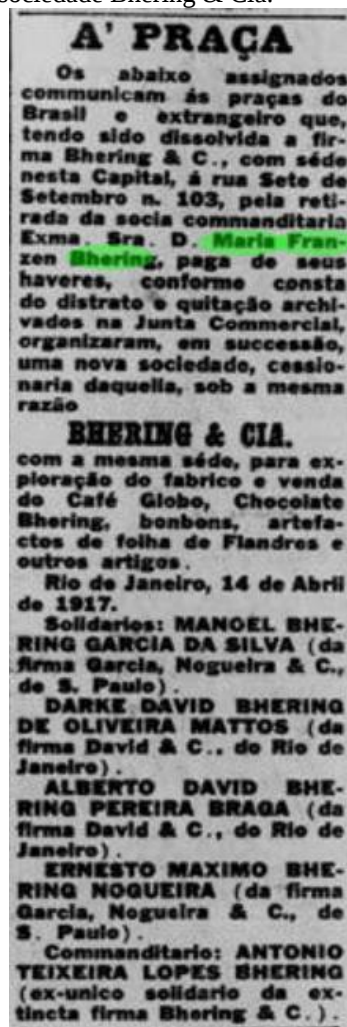
Uma grande firma em liquidação — O Dr. Alfredo Russell, juiz da 1ª vara cível, decretou hontem a liquidação da firma Bhering & Comp., com fabrica de café, "bonbons" e chocolate, á rua Treze de Maio n. 19.

Requeriu a medida a socia solidaria D. Maria Franzen Bhering, que baseou o seu pedido em incompatibilidade de genios existente entre ella requerente e seu socio Antonio Teixeira Lopes Bhering.

O juiz, decretando a medida, ordenou que os socios louvem-se em liquidante, dada a desintelligencia entre elles, o que impede, por lei, que um assuma as funções.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Gazeta de Notícias*, 1916.

Figura 18 – Reportagem do *Jornal do Commercio* de 15 de abril de 1917, informando a composição da recente sociedade Bhering & Cia.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Commercio*, 1917.

Apesar de constar o sobrenome Bhering entre os sócios, esse foi adicionado, provavelmente por questões de direito comercial, para que a marca Bhering fosse mantida. Em entrevista concedida ao jornal *O Globo* (2017), Ruy Barreto, um dos últimos proprietários da fábrica, mencionou que Darke David havia adotado posteriormente o sobrenome Bhering.

1.3 A expansão para a zona portuária e a crise do cacau

Um personagem importante na história da Fábrica Bhering foi o empresário Darke David de Oliveira Mattos. Durante sua gestão, houve a construção do parque industrial na rua Orestes 28, em Santo Cristo, o objeto dessa pesquisa. Não foram encontradas informações precisas sobre o projeto, como a própria planta e o processo de mudança, mas algumas esparsas reportagens na mídia impressa das quais foi feita a inferência sobre a construção.

Observa-se que foi um processo gradual de transferência das atividades industriais para essa outra instalação, porque ainda existia a fábrica na rua Treza de Maio. Na verdade, a construção na rua Orestes começou como um armazém, como é possível verificar na publicação intitulada “As nossas grandes indústrias: a ‘Fábrica Bhering’ em 1925”, de *O Jornal*, de 17 de outubro de 1925 (Figura 19).

Figura 19 – Reportagem de *O Jornal* de 17/10/1925, falando sobre a Fábrica Bhering em 1925.

O JORNAL — Sabbado, 17 de Outubro de 1925

á carreira

AS NOSSAS GRANDES INDUSTRIAS

A “Fabrica Bhering” em 1925

... — Tivemos occasião de visitar a — “Fabrica Bhering” — da firma — Bhering & Cia. — que funciona á rua 13 de maio n. 19; Evaristo da Veiga ns. 14, 16 e 18; Senador Dantas ns. 86 e 88; Seto do Setembro n. 113 e Orestes n. 28 (Gambôa), rua Attila ns. 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28 e 30, com torrefacção e moagem de Café, torrefacção, moagem e derivados de Cacão; moagem de Canella e Pimenta, — as maiores installações desse genero da America do Sul — explorando, além disso a fabricacção de latas e artefactos de folha de Plandres, fabricacção de Chocolate, Balas e Caramellos, tudo com materia prima de primeira qualidade.

Entre os artigos principais da sua industria, sobreleva serem destacados os seguintes:

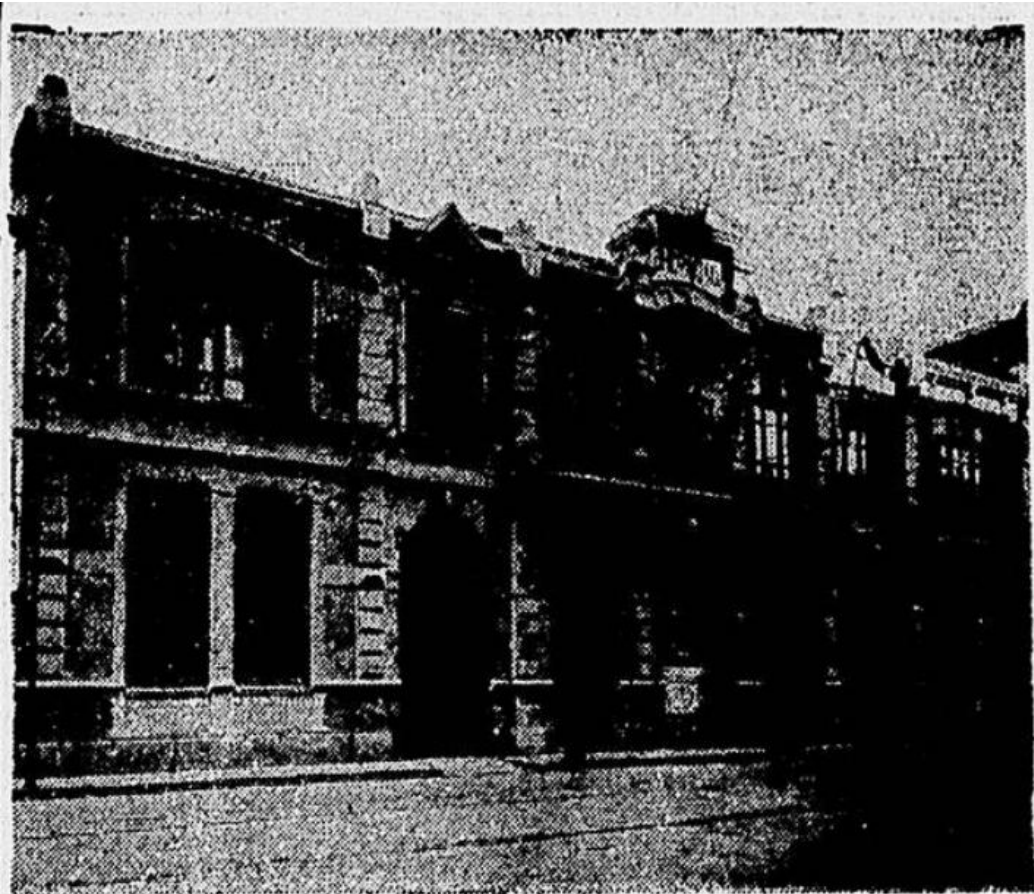
— **Café Globo** — que devido á sua qualidade superior e cuidadosa manipulação, goza merecidamente de fama invejavel.

Do mesmo modo, as suas diversas terminou, por exemplo, a construcção do grandes trapiches e armazens, providos de installações modernas de transporte, como é o que consta da illustração abaixo, situado á rua Orestes n. 28, na Gambôa, onde funciona a grande cocheira modelo, já concluida.

COMO SE CONSTITUIU A FIRMA.

Foi fundada em janeiro do anno de 1873, por Antonio José Ribeiro Bhering, á rua Seto de Setembro ns. 63 e 65. Em setembro de 1904, esse brasileiro, seu filho, o dr. Francisco Bhering e Antonio Teixeira Lopes, sob a razão social de A. Bhering & Cia., com o capital de réis 500:000\$ iniciaram, por assim dizer, o negocio constante da casa de que tratamos. Pouco tempo depois, morria o fundador da casa, proseguindo a sociedade com os demais socios, com o capital reduzido para 180:000\$, entrando para ella a viuva do fundador. Em novembro de 1908, retirou-se o socio dr. Francisco Bhe-

de novembro, a de Sargen-
medida, não só
quer civil que
des exigidas.
offerece mul-
o alumno do
42\$ mensaes,
para 101\$ no
a escola, com
te de pelotão,
o; quando ap-
de distincto,
argento e per-
a de 3\$; o ap-
ou 7 será pro-
Os melhores
ue ficarem na
es, serão pro-
seguinte de-
sem prejuizo
te tenha dado
na Villa Mil-
erão detalha-



Edifício da Fabrica Bhering, á rua Treze de Maio, 10

qualidades de Chocolate, — inclusive fantasias em grande numero, — destacando-se entre as marcas do chocolate do leite comestível, a denominada Norka, que pôde ser qualificada como a melhor marca em todo o mundo.

O Cacao em suas varias modalidades, obedece á mesma orientação, sendo notavel a aceitação que tem um dos seus derivados — a Manteiga de Cacao, — já muito conhecida em varios paizes da Europa e da America, onde já tem grande saída, com franca tendencia a grande desenvolvimento.

E' Innegavel que a exportação da — manteiga de cacao — reverte directamente em benefício da nossa produção cacaoeira, por supprir com vantagem e, em parte, a exportação do producto em bruto, isto é, em seu estado originario. Esses industriaes, compreendendo intelligentemente, o valor pratico do tal medida, possuem, para esse fim, um machinismo, o que ha de mais mo-

ring, continuando a sociedade com os outros socios e com o capital augmentado para 300:000\$, proseguindo as suas operações até 1917.

COMEÇA A GRÁNDEZA DA FIRMA

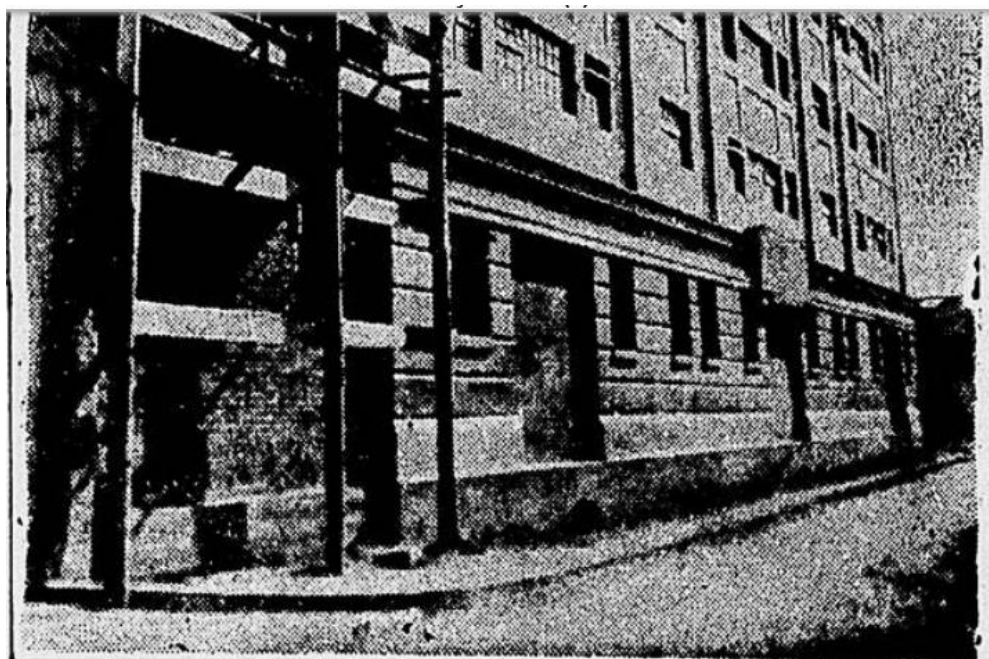
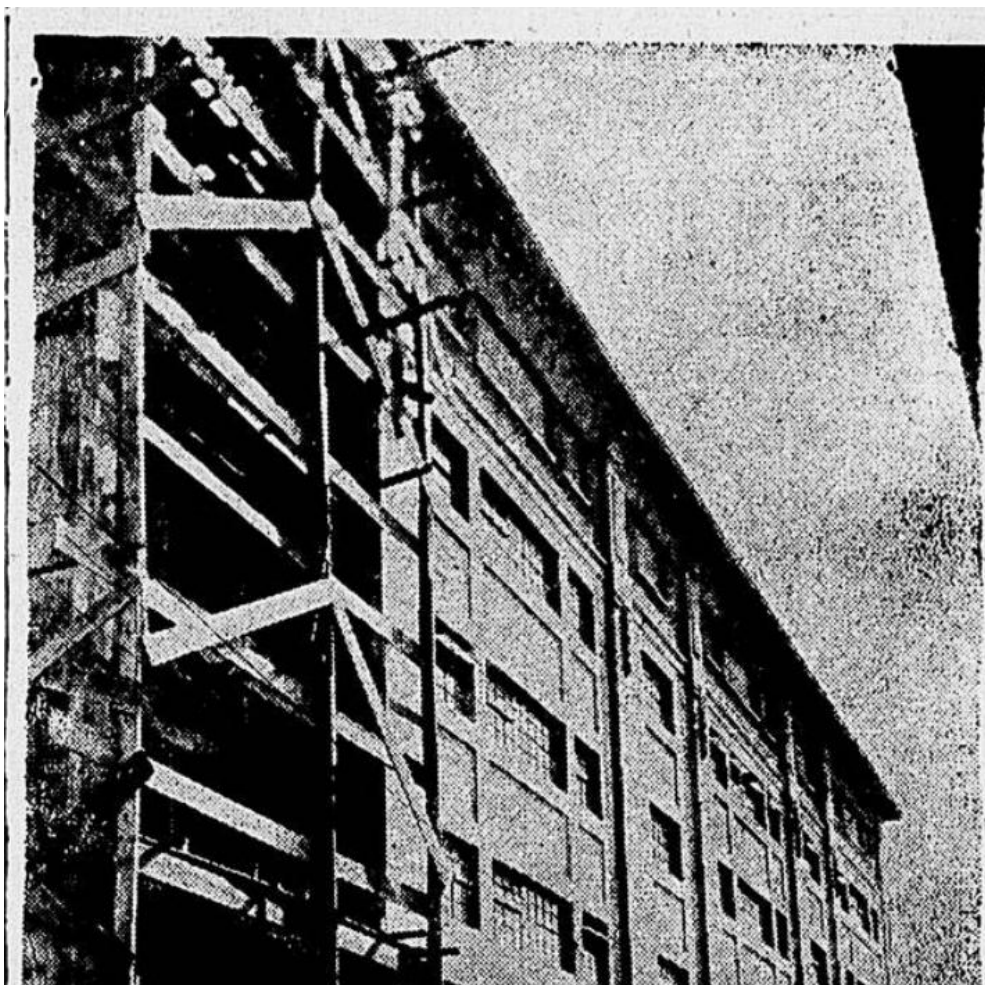
Foi por aquelle anno, em 13 de abril de 1917, o dito sr. Lopes como commanditario e os srs. Manoel Garcia da Silva, Darke David Bhering de Oliveira Mattos, Alberto Pereira Braga e Ernesto Maximo Nogueira, organizaram nova sociedade com o capital de 800:000\$000.

O DESENVOLVIMENTO CONTINU'A

Em seguida, a partir de 1919, passou a sociedade por diversas modificações na sua constituição, com a retirada de socios e a admissão de outros, sendo o seu capital successivamente elevado para 1.350:000\$000, 2.025:000- e 3.600:000\$000.

AGORA

Eleva-se o seu capital para réis 5.400:000\$, por contracto de 10 de



... O novo armazem, á rua Orestes n. 28, (Gambôa)

dermo e os quo existem, de maior capacidade. O quo fica dito acima, estende-se tambem a dois outros artigos, especificadamente a Canella o a Pimenta, que são apresentados em grande variedade de acondicionamentos a partir de 50 grammas, estes, bem como o chocolate e cacão largamente consumidos em todos os Estados da União, onde a firma dispõe de um excellento nucleo de agentes-representantes, cooperação valiosa, attendendo á cifra desse commercio. Se a isso accrescentarmos os auxiliares, em grande numero o multas categorias, tudo dirigido pelo socio-chefe sr. Darke David Bhering de Oliveira Mattos, commerciante o industrial intelligente, activo o de largo descortino, concluímos por assegurar que é um estabelecimento modelar, constituindo um padrão de honra para a nossa Industria. Notavel como tem sido, o desenvolvimento das suas operações, assim se explica o augmento sensível e successivo que tem tido o capital social, o qual, tem de attender, não só a esse vultoso movimento, como tambem a novas construções e aquisição de mais machinismos moderno e cada vez mais aperfeiçoado, etc, etc. A ampliação de tal movimento de-	Julho do corrente anno de 1925, ficando a firma composta de nove socios, como segue: — Darke David Bhering de Oliveira Mattos; — Darke Bhering de Oliveira Mattos Junior; — José Antonio Ferreira de Araujo; — José Pinheiro da Fonseca; — Jorge Bhering de Oliveira Mattos; — Dr. Pedro d'Almeida Godinho; — Armando da Costa Pereira; — Ernesto Maximo Nogueira e — Djalma do Mattos. os 5 primeiros solidarios e os 4 ultimos, commanditarios. TUDO ISSO, QUE É ? Nada mais, nada menos, que a intelligencia de alguns homens chefiados pelo sr. Darke David Bhering de Oliveira Mattos, á cuja frente se acham os tão multiplos negocios de Bhering & Cia. Intelligente, honesto e grandemente trabalhador, vê tão importante empreendimento progredir sempre e cada vez mais ! — Eis, em rapidas linhas, a impressão que trouxemos da demorada visita que fizemos aos estabelecimentos da firma Bhering & Cia. — ***
---	--

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Jornal*, 1925.¹

No anúncio de vaga de emprego, publicado no *Jornal do Brasil* em 17 de março de 1928 (Figura 20), constata-se a referência da construção à rua Orestes como nova fábrica, três anos depois e, com isso, entende-se que começa o processo de mudança da indústria para essa outra região da cidade. Houve a ampliação do espaço, visto que em junho de 1931, a empresa Bhering, Companhia S.A. comprou os terrenos ao lado do prédio na rua Orestes, números 34 e 36, como consta no documento que solicita à municipalidade a licença para a venda (Figura 21).

¹ As ruas Treze de Maio, Evaristo da Veiga e Senador Dantas são as ruas do quarteirão em que foi instalada a segunda fábrica, assim como as ruas Orestes e Atilla são as ruas do quarteirão onde está localizada a terceira fábrica. Na rua Sete de Setembro, ficava o escritório da empresa Bhering.

Figura 20 – Reportagem do *Jornal do Brasil* de 17 de março de 1928, procurando trabalhadores para a fábrica da rua Orestes.

PEDREIRO E SERVENTE
Precisa-se na nova Fábrica
da firma **Bhering & Cia. Café**
Globo, á rua Orestes n. 28,
proximo á rua Santo Christo.
(N 1747)

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Brasil*, 1928.

Figura 21 – Documento de pedido de licença para a venda dos imóveis n. 34 e n. 36 na rua Orestes.

B.

Exmo. Snr. Dr. Interventor no Distrito Federal.

Requer
29 de Junho de 1931

João José Borges Junior e Josepha Maria da Silva Borges, tendo convencionado vender a Bhering, Companhia S.A. pelo preço de 20:000:000 os imóveis constituídos pelos prédios ns. 34 e 36 da rua Orestes, na freguezia de Sant'Anna, desta Cidade, por serem foreiros á Municipalidade os mesmos imóveis - vem pedir a V.Ex. a necessaria licença.

Rio de Janeiro 2 de Junho de 1931
Permitem e por *Josepha Maria da Silva Borges*
João José Borges Junior

34 - 4,15 x 20,50
36 - 4,15 x 20,50

Reconheço a firma
29 de Junho de 1931
Alvaro Rodrigues Teixeira

Recebi o alvará em
7644 em 20/8/941
Octavio de Faria

ALVARO RODRIGUES TEIXEIRA
18º OFFICIO
RUA DO ROSARIO, 100
RIO DE JANEIRO
TABELLIAO

ARQUIVO GERAL
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Fonte: Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2024.

Em dezembro de 1931, foi inaugurada a seção de fermento Bhering na instalação ainda em construção à rua Orestes, n. 28, conforme consta na notícia no periódico *Correio da Manhã* de 13 de dezembro de 1931 (Figura 22). Sobre o lançamento desse produto, foram publicadas reportagens com fotos nas revistas *O Cruzeiro* e *FonFon*, ambas de 19 de dezembro de 1931, possibilitando verificar como era a fábrica no tempo em que estava em funcionamento (Figuras 23 e 24). Observa-se a presença de várias funcionárias junto ao chefe, homem, conforme as vestimentas de cada um, assim como do grupo de homens vestindo paletó e gravata, identificando claramente os gestores e visitantes do lugar.

Figura 22 – Reportagem do *Correio da Manhã* de 13 de dezembro de 1931, informando sobre o lançamento da fabricação do fermento Bhering na instalação à rua Orestes.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Correio da Manhã*, 1931.

Figura 23 – Reportagem da revista *O Cruzeiro* de 19 de dezembro de 1931, publicando foto da fábrica à rua Orestes.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Cruzeiro*, 1931

Figura 24 – Reportagem na revista *FonFon* de 19 de dezembro de 1931, publicando foto da fábrica à rua Orestes.



Foi agora lançado no mercado o «Fermento Bhering», em pó, producto que Maria Thereza, a grande doceira paulista, autora de tratados culinarios, considera «um excelente producto nacional, similar aos melhores estrangeiros», porque com elle os doces crescem mais e são mais saborosos! Como producto nacional, o «Fermento Bhering» é vendido mais barato, custando apenas 2\$500 a lata. A photographia representa um aspecto da inauguração da fabrica, que é uma secção da Bhering, Companhia S. A., proprietaria do afamado Café Globo.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *FonFon*, 1931.

Em outra publicação, na revista *Vida Doméstica* de janeiro de 1932 (Figura 25), abordava que o prédio já estava sendo usado para a fabricação do café Globo, na torrefação,

moagem e, em breve, passaria a enlatar o produto no local para ser exportado. A campanha de divulgação do mais recente produto da empresa ainda promovia um vale brinde, que poderia ser trocado por um bolo. As táticas de marketing já eram aplicadas pela Bhering, mostrando mais uma vez, o profissionalismo e a organização do negócio.

Figura 25 – Reportagem na revista *Vida Doméstica*, de janeiro de 1932, anunciando o produto fermento da empresa Bhering, Companhia S.A. e a produção na fábrica da rua Orestes.

VIDA DOMESTICA
Revista do Lar e da Mulher

JANEIRO 1932

FERMENTO BHERING

O unico que mereceu um attestado de MARIA THERESA

BHERING, Companhia S. A. inauguraram no dia 14 do mez transaccão em sua nova Fabrica a rua Orestes, n. 28, Gambôa, a secção de Fermento Bhering. Eis uma noticia alvicaireira, quer para as donas de casa, quer para os industrias da panificação Tres effeitos:

tos produz o Fermento Bhering nos boios em que é utilizado: — OS BOLOS CRESCEM MAIS — NAO TOSTAM ANTES DA SUA COZEDURA — SAO MAIS SABOROSOS.

DOIS ATTESTADOS:
"O Fermento Bhering é um excellento producto nacional, similar aos melhores estrangeiros". — Maria Theresa.
"O Fermento Bhering é um succedaneo superior ao melhor fermento estrangeiro". — Associação dos Proprietarios de Padarias.

Qualquer pessoa pôde comprovar a excellencia do fermento Bhering, recebendo de graça, á rua Sete de Setembro 113, um bolo delicioso. Como? Mediante a entrega de um vale, dentre os duzentos que são postos diariamente nos pacotes do CAFE' GLOBO. Se achar o vale poderá escolher um bolo BRASILEIRO, PORTUGUEZ, ALLEMAO, ITALIANO, FRANCEZ ou AMERICANO.

BOLOS QUE DAMOS DE GRACA

ALGUNS DADOS SOBRE A PRODUCCAO DO CAFE' GLOBO — Na Fabrica Nova da Gambôa, Bhering Companhia S. A. fizeram instalar a secção central de torrefacção e moagem do Café Globo, já estando em funcionamento 12 torredores automaticos com capacidade de 400 saccas em 8 horas de trabalho. O café torrado e moído attinge diariamente a 19.000 kilos, ou sejam 450.000 kilos por mez.

Em 1932 a produção total do Café Globo será de cinco milhões de kilos.

Tudo é feito automaticamente, sem intervenção da mão do homem, numa aparelhagem honrosa para a industria brasileira. Podemos portanto dizer que é no Brasil que se bebe o melhor Café Globo do mundo.

A Bhering Companhia S. A. vai dentro em poucos dias enlatar o café a vacuo, assegurando-lhe uma durabilidade de dez annos, em machinas com capacidade para 6.000 latas por dia. Vendel-o-á no Brasil e vai tambem exportal-o para a Europa e para os Estados Unidos, com um rotulo em que se lerá, em todos os idiomas, esta authenticacão provada da sua qualidade maxima: PURO CAFE' DO BRASIL.

CAFÉ GLOBO

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Vida Doméstica*, 1932.

A empresa crescia na produção e na oferta de produtos alimentícios, continuando a ganhar prêmios pelo Brasil e pelo mundo. Essas conquistas eram divulgadas até nas embalagens

(Figura. 26). A Bhering & Cia. também expandiu suas fábricas para outros estados, como São Paulo e Minas Gerais, como foi publicado em 1933 em uma campanha publicitária disponível no periódico *O Paiz* (Figura 27). Essas outras instalações, construídas pela própria empresa, respectivamente, nos anos de 1933 e 1932 (na cidade mineira de Mathias Barbosa), serviram para a produção do café (torrefação, moagem e empacotamento), conforme mencionado em entrevista pelo gerente geral, senhor Darke Bhering de Oliveira Mattos Junior, na publicação *Vida Doméstica* de dezembro de 1933.

Figura 26 – Embalagem do produto Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, 2024.

Na mesma publicação, foi informada a compra de uma fábrica no estado da Bahia para a instalação da Bhering Cia S.A. Observa-se a participação da empresa no desenvolvimento da economia brasileira, não apenas no então Distrito Federal, como em outros estados nacionais. Darke Bhering de Oliveira Mattos Junior continuou a administrar o negócio junto com o seu irmão, Jorge Bhering de Oliveira Mattos, com o falecimento de seu pai.

Em setembro de 1942, morre Darke Bhering de Oliveira Mattos Filho (*Correio da Manhã*, 1942) e seu irmão o substituiu no comando como o Diretor Presidente da Bhering, Companhia S.A. Durante a nova gestão, também houve inovações na produção de suas mercadorias, como a instalação de um equipamento eletrônico para torrefação e moagem do café Globo. A iniciativa foi inclusive publicada no jornal *Diário de Notícias*, de 25 de abril de 1950 (Figura 28), tendo ainda o destaque de ter sido o único lugar da América Latina com essa máquina, visto que somente nos Estados Unidos, na América do Norte, encontrava-se outra do tipo. Esse fato ratifica o pioneirismo da empresa Bhering na história da indústria no Brasil e no Rio de Janeiro.

Figura 27 – Publicação em *O Paiz*, de 29 de outubro de 1933 com a campanha publicitária da Bhering, Companhia S.A.

Commemorando MEIO SECULO

DE EXISTENCIA E PROGRESSO CRESCENTE BHERING, C^{IA} S.A.

offerecem a todos os consumidores de seus productos no Brasil

100:000,000

em BRINDES

DO AMAZONAS AO PRATA

SORTEIO PROPRIO
5.000 BRINDES

NATAL 1933

DATA DO SORTEIO
23-12-1933

Condições do sorteio

(Autorizado pela carta patente n. 95, concedida pelo Ministério da Fazenda, em 30 de Janeiro de 1933).

Para que os consumidores dos PRODUCTOS BHERING participem do concurso, basta collectarem os envoltorios de qualquer dos mesmos, para trocá-los na sede da BHERING, COMPANHIA S. A., ou em suas Filiaes e Agencias, por coupons numerados com os quais concorrerão ao sorteio.

3 latas de CAFE GLOBO ou BHERING; 15 envoltorios de 1/2 ou 3 de 1 kilo de CAFE GLOBO ou BHERING; 5 envoltorios das latas de FERMENTO BHERING, das de CANELLA BHERING, das de TEMENTA BHERING; 10 envoltorios de CHOCOLATE EM PO ou em LIBRAS, dos de CACAO SOLUVEL ou EM PO; 2 envoltorios de CHOCOLATE EM PO de 5 kilos; 5 envoltorios de MATTE BHERING; 10 vidros de BALSAM E GOMMAS; 20 envoltorios de CHOCOLATE NOKA; 10 de CHOCOLATE CASIS; 30 de MELOIA CUBANA; 100 de CANUDOS DE LEITE, de FASTILHAS de MORTOLA OU ANIZ; 800 das TABLETES DE LEITE, BOMBONS e outras qualidades, dando direito a 1 COUPON para o sorteio.

O sorteio será proprio, na sede da BHERING, COMPANHIA S. A., por meio de urnas e espheras, realizado publicamente, com assistência da Fiscal do Governo e de representantes da imprensa.

Só entrarão em sortio numeros correspondentes aos dos coupons distribuidos, sendo assim entregues todos os brindes.

Os coupons, em perfeito estado, são validos até 3 meses a contar da data da publicação do resultado do sorteio pela imprensa e "Diário Oficial".

Em 15 de outubro terá talão a troca de envoltorios dos PRODUCTOS BHERING, por coupons para o sorteio a realizar-se em:

23 DE DEZEMBRO DE 1933

Relação dos premios

Os premios serão, exclusivamente, representados por uma casa ou automovel ou outro objecto no valor de 30.000.000 (trinta contos de reis) e de objectos tais como: mobilhar, radios, vitrolas, geladeiras, apparelhos de janitar, faguetos, etc., etc., em numero de 5.000 premios, no valor total de 100:233.000, assim distribuidos:

1º Premio — 1 CASA no valor de . . .	30.000.000	30.000.000
2º Premio — 1 terreno, geladeira ou outro objecto no valor de . . .	5.000.000	5.000.000
3º Premio — Objecto no valor de . . .	2.000.000	2.000.000
4º Premio — Objecto no valor de . . .	1.000.000	1.000.000
5º Premio — Objecto no valor de . . .	300.000	300.000
6º Premio — Objecto no valor de . . .	200.000	200.000
7º Premio — Objecto no valor de . . .	200.000	200.000
8º Premio — Objecto no valor de . . .	150.000	150.000
9º Premio — Objecto no valor de . . .	125.000	125.000
10º ao 200º — 200 PREMIOS no valor de . . .	300.000	10.000.000
210º ao 1200º — 1000 PREMIOS no valor de . . .	20.000	20.000.000
1210º ao 2400º — 1200 PREMIOS no valor de . . .	10.000	14.000.000
2401º ao 5000º — 2600 PREMIOS no valor de . . .	5.000	17.000.000
SOMMA	100:233.000	

50 assignaturas trimestraes de NOITE ILLUSTRADA, como premio de consolação. (Offerta da A. NOITE).

Meio seculo de existencia, actividade e progresso

As successivas fundações das FABRICAS BHERING em diversos Estados, de 1853 a 1933, attestam o seu progresso crescente, dada a incondicional preferença dos consumidores pelos seus inconfundiveis productos.

Foi lançado em São Paulo, obtendo grande acatamento, o CAFE BHERING, de optimo paladar, que muito se aproxima do que caracteriza o café consumido nos E. U. DA AMERICA DO NORTE.

Diverso, nesse particular, do "CAFE GLOBO", ambos se equivalem em suas propriedades nutritivas, frescura, aroma e sabor, qualidades indefinidamente conservadas, pelo ENLATAMENTO NO VACUO, a que se procederá em São Paulo, para venda, por intermedio da rede de agentes da BHERING, COMPANHIA S. A., em todo o Brasil.

Os melhores productos pelos menores preços

BHERING, COMPANHIA S. A.

(MATRIZ)

Rua 7 de Setembro, 113 — Rio de Janeiro

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Paiz*, 1933.

Figura 28 – Reportagem no *Diário de Notícias*, de 25 de abril de 1950, falando sobre a nova máquina da Fábrica Bhering.

Instalado no Brasil um torrador de café sob controle eletrônico
Aproveitamento integral das propriedades tônicas e nutritivas do café — As vitas —
— minas, a pureza e o sabor —

“Cada cidadão que bebe o CAFÉ GLOBO poderá estar seguro de que está usando um produto puro” — declara o Sr. Paulo Rodrigues Alves, após uma visita às grandiosas instalações do Café Globo.

Os imensos recursos da eletrônica vão tendo cada vez maior aplicação nos vários setores de atividade humana. Agora, é a fabricação do café que se ampara na maravilhosa descoberta para alcançar a perfeição.

Findo à frente o Sr. Stockler de Queiroz, presidente liquidatário do extinto D.N.C., os diretores do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, numerosos exportadores e grandes atacadistas de café desta capital estiveram em visita à fábrica do Café Globo, onde foi instalado um gigantesco e moderníssimo torrador, que trabalha sob controle eletrônico. É o mais completo torrador do mundo. No seu gênero, há apenas mais 4, todos instalados nos Estados Unidos. Assim, nem a Europa, nem qualquer outro país da América Latina conhecem a maravilha mecânica que Bhering, Cia. S. A. trouxeram para o Brasil.

Os visitantes não esconderam o seu entusiasmo pelas grandiosas instalações que o esforço de uma firma genuinamente brasileira deu ao Brasil, colocando o nosso país, ao lado dos Estados Unidos, como pioneiro do uso da eletrônica para a fabricação do café. Terminada a visita, viu-se em cada semblante a impressão de sincera admiração pelo trabalho perfeito que o extraordinário torrador executa.

...
 Não se poderá destacar a vantagem principal da torrefação sob controle eletrônico. O novo processo tem influência fundamental e decisiva sobre a qualidade do café fabricado. A verdadeira maravilha criada pelo engenho do homem, revolucionando a técnica de fabricação do café, distancia-se dos sistemas comuns de tal maneira, que os torna completamente obsoletos. A superioridade da fabricação sob controle eletrônico é tão extensa e tão profunda, oferecendo um produto de qualidade tão sensivelmente melhor, que já não se pode compreender o uso dos antigos sistemas.

A diferença marcante entre o velho e o novo processo é a seguinte: os torradores comuns torram o café ao contacto de uma chapa, cujo aquecimento exagerado varia entre 500 a 600 graus. O café fica queimado por fora e insuficientemente torrado por dentro. O torrador sob controle eletrônico torra o café no espaço. O grão é homogeneamente torrado pelo ar que circula num gigantesco cilindro, a uma temperatura rigorosamente estável de 220 graus. A torrefação não vai além da necessária.

...
 Daí resultam vantagens extraordinárias para o produto. Torrado sob controle eletrônico, o café vai para os molhos com as mesmas propriedades alimentícias que a natureza lhe transmitiu. Nada se perde. Até as vitaminas, de que é tão rico, se conservam integralmente. O calor moderado e homogêneo, envolvendo o grão em todos os sentidos, mantém as suas riquezas naturais, permitindo que o consumidor se beneficie com a ação salutar das grandes virtudes nutritivas e terapêuticas da rubiácea.

...
 A torrefação sob controle eletrônico é uma garantia de pureza. O torrador só trabalha com cafés limpos. Qualquer detrito impediria o seu funcionamento, ao contrário dos torradores comuns, que não estão aparelhados para regular as impurezas.

...
 Marcante é também a superioridade do aroma e sabor do café torrado sob controle eletrônico. É o sabor típico do café puro. Sumamente agradável ao paladar e ao olfato. A infusão tem sempre a mesma coloração sui-generis, representando o extrato legítimo do café, isento de qualquer impureza.

...
 A moagem do Café Globo é rigorosamente controlada, de modo a manter o pó sempre no mesmo grau de finura, tecnicamente determinada para maior rendimento. A dona de casa sabe que precisará de tantas colheres para a infusão do seu agrado, sem que se verifique irregularidades de um pacote para outro. Das grandiosas instalações da firma faz parte um bem equipado laboratório, que controla a fabricação do café em todas as suas fases, o que assegura qualidade superior e rigorosamente regular. Como um complemento de pureza, o Café Globo é empacotado automaticamente, sem qualquer contacto manual.

...
 Al estão em resumo, as vantagens que o Café Globo pode oferecer aos seus consumidores, graças às suas formidáveis e modernas instalações, das quais se destaca o extraordinário torrador sob controle eletrônico!

A IMPRESSÃO DO SR. STOCKLER DE QUEIROZ

Ouvindo a respeito das modernas instalações do Café Globo, o Sr. Stockler de Queiroz, presidente liquidatário do extinto D.N.C., fez-nos a seguinte declaração:

«Levo da visita feita às instalações do Café Globo a melhor das impressões, porque constatei, como quantos me acompanharam, o que pode realizar a energia e a capacidade de trabalho de homens dinâmicos como Jorge Matos».

Rio, 20-4-1950.
 a) Stockler de Queiroz.

HONROSAS DECLARAÇÕES DO SR. PAULO RODRIGUES ALVES

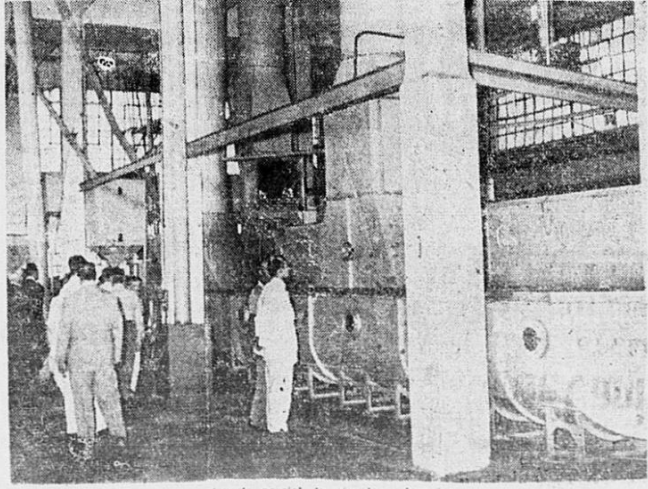
Com a sua reconhecida autoridade no assunto, o Sr. Paulo Rodrigues Alves, finda a visita às modernas instalações do Café Globo, deixou registradas as seguintes impressões:

«E com sincero júbilo patriótico que visitei esta grande e admirável fábrica. As suas máquinas modernas e eficientes, principalmente o torrador, nada me deixaram desejar, mesmo em comparação com as grandes torrefações norte-americanas. Isso representa uma grande satisfação e, ao mesmo tempo, a continuação no progresso do nosso país. Cada brasileiro que bebe o Café Globo pode estar seguro de que está usando um produto puro. Os meus parabéns à sua administração e votos de prosperidade».

Rio, 20-4-1950.
 a) Paulo Rodrigues Alves».



No momento em que era servido um cafézinho, o sr. Stockler de Queiroz, que se vê no centro, passa em nome dos visitantes, examinando as instalações do Café Globo



Aspecto parcial do gigantesco torrador.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Diário de Notícias*, 1950.

Dessa forma, tinha-se mais qualidade e rapidez na fabricação do café, eliminando o trabalho manual e oferecendo diariamente o produto no varejo. A modernidade também alcançou o setor do empacotamento, com máquinas programadas, realizando a atividade de embalar o manufaturado automaticamente, sem o contato humano. Nas propagandas, eram divulgadas as novidades, como é apresentada no jornal *Correio da Manhã*, de 1 de janeiro de 1950 (Figura 29).

O desenvolvimento verificado na produção aconteceu na fábrica da rua Orestes, sendo um dos vestígios dessa história que permanece nos tempos atuais, como a construção e algumas máquinas. Estes vestígios podem ser visitados pelas pessoas como oportunidade de conhecer essa parte do patrimônio cultural carioca. Assim, a relevância de pesquisar a história de um lugar está em compreender e valorizar sua trajetória e, quando há a vantagem de ter contato com uma parte concreta dela, por meio do acesso às antigas instalações de produção, a pesquisa ganha profundidade.

Com outra propaganda de 1950 (Figura 30), no *Correio da Manhã* de 22 de janeiro, buscou-se corroborar essa análise, destacando a parte que menciona que a fábrica era uma das maiores e a mais moderna do mundo e que a América Latina era o único lugar que produzia o café em pó com tecnologia avançada.

A empresa Bhering era conceituada e até tinha um dos seus produtos, o Café Globo, como o mais votado na preferência do público consumidor em uma pesquisa da opinião pública publicada no jornal *Diário de Notícias*, de 28 de maio de 1950 (Figura 31). O inquérito, assim apresentado na reportagem, era para saber a preferência do público sobre marcas dos setores da economia, entre outras questões. O manufaturado da Fábrica Bhering é eleito como o mais consagrado pelas pessoas, ganhando de marcas como o Café Paulista e Café Palheta.

A empresa também fez parcerias com importantes marcas que existem até hoje, como a Volkswagen. No artigo na revista *O Cruzeiro* de 1971 (Figura 32) foi mencionada a colaboração com a Bhering, por meio da Benauto S/A, para o fornecimento de furgões para a frota da companhia, para ser usado na distribuição do café Globo nos pontos de venda. Na foto da publicação, aparece um veículo pintado ou adesivado com a marca do produto Café Globo.

Foi um momento relevante para a história da marca Bhering, em que houve a consolidação dos seus produtos no mercado brasileiro, do norte ao sul do país. Da mesma forma, foi o desenvolvimento da empresa com investimentos nos seus equipamentos e com uma gestão atuante que continuou com os trabalhos iniciados em 1880. Porém, no final do século XX, a

trajetória da Fábrica Bhering mudou e começou a enfrentar uma história de dificuldades e de tentativas de se manter no mercado, com as transformações econômicas a caminho.

Figura 29 – Propaganda do café Globo no jornal *Correio da Manhã*, de 1 de janeiro de 1950.

Livre do contato manual!

Automaticamente
empacotado.

• CAFÉ GLOBO,
ainda quente,
é distribuído
no mesmo
dia

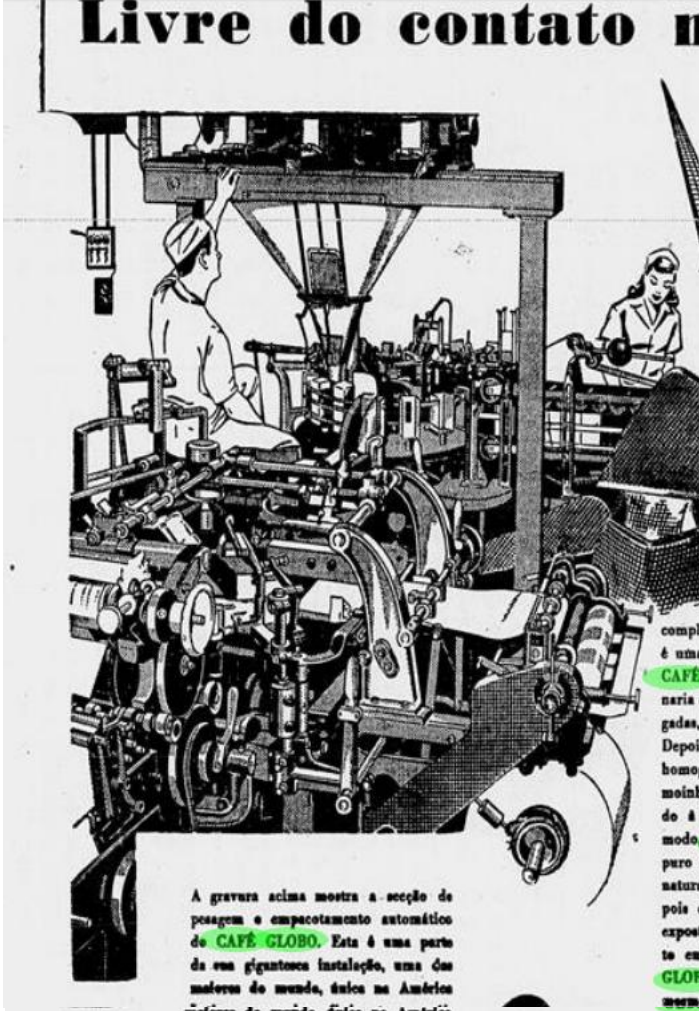
O moderno sistema de fabricação do CAFÉ GLOBO isenta-o completamente do contato manual. Essa é uma das particularidades exclusivas do CAFÉ GLOBO, cuja monumental maquinaria se compõe de quatro secções conjugadas, que funcionam sem interrupção. Depois de rebeneficiados, os grãos são homogeneamente torrados e descem aos moinhos, de onde o pó é encaminhado à pesagem e empacotamento. Deste modo, o CAFÉ GLOBO é higiénicamente puro e conserva todas as propriedades naturais de aroma e sabor, porque depois de transformado em pó não fica exposto ao ar. Automaticamente envolto em papel impermeável, o CAFÉ GLOBO, ainda quente, é distribuído no mesmo dia por todos os bairros da cidade, mesmo dia por todos os bairros da cidade.

A gravura acima mostra a secção de pesagem e empacotamento automático do CAFÉ GLOBO. Esta é uma parte da sua gigantesca instalação, uma das maiores do mundo, única na América Latina que rebeneficia, torra, mói, peneira e empacota automaticamente.

O ÚNICO TORRADO,
MOÍDO, EMPACOTADO
E ENTREGUE
NO MESMO DIA

CAFÉ GLOBO

BOM ATÉ A ÚLTIMA GOTA





Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Correio da Manhã*, 1950.

Figura 30 – Propaganda do café Globo no jornal *Correio da Manhã*, de 22 de janeiro de 1950.

Há quase um século, o **Café Globo já era o preferido das famílias cariocas**

Luis Edmundo, José Mariano, Gastão Cruls e outros historiadores escreveram belas páginas sobre a vida do Rio de Janeiro, desde a sua fundação. Omitiram, porém, um detalhe que constitui curioso capítulo na história da nossa cidade — há quase um século, as famílias cariocas vêm conservando invariável preferência pelo delicioso Café Globo.

Muita coisa se modificou completamente. Mas o favoritismo pelo **Café Globo** tem resistido à ação transformadora do tempo, graças à sua inalterável superioridade em aroma, sabor e rendimento. **O Café Globo** é sempre a mesma festa para os paladares requintados, uma saborosa bebida que mantém rigorosamente os princípios naturais da nossa rubiãca.

O Café Globo não é apenas uma tradição. Acompanhando os progressos da técnica, **o Café Globo** possui uma das maiores instalações do mundo, a mais moderna de todas, única na América Latina que rebeneficia, torra, mói e empacota automaticamente, livre de qualquer contato manual.

Ontem era assim... Hoje também é assim... Tal como as senhoras do Século XIX, as jovens donas de casa do Século XX preferem sempre **o Café Globo** — o único torrado, moído, empacotado e entregue no mesmo dia.

BOM ATÉ A ÚLTIMA GOTA!

INTER-AMERICANA

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Correio da Manhã*, 1950.

Figura 31 – Resultado da pesquisa pública no jornal *Diário de Notícias*, de 28 de maio de 1950.

Sexta Seção — Sétima Página

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Domingo, 28 de Maio de 1950

Empolgada a Opinião Pública

Primeira relação das respostas ao questionário formulado pela Informativa da Imprensa Inter-Americana Ltda., FOLHA DO RIO e pela Rádio Mayrink Veiga — As preferências do público — Grande interesse em torno desse inquérito, no qual tomam parte as figuras mais representativas da indústria, comércio, finanças e da sociedade — As firmas e marcas colocadas no certame

CATEGORIA «B» MARCAS COMERCIAIS	
1. Qual a marca de café consagrada pela opinião pública?	
Café Globo	58
Café Predileto	53
Café Paulista	19
Café Capital	14
Café Palheta	7
2. Qual a marca de sabão que preferem as donas de casa?	
Sabão Português	34
Sabão Platino	30
Sabão Selecto	6
Sabão Cristal	5
Sabão Farol	4
Sabão Pintal	4

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Diário de Notícias*, 1950.

Figura 32 – Reportagem na revista *O Cruzeiro* de 1 de dezembro de 1971, falando sobre a nova frota de veículos para a distribuição do Café Globo.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Cruzeiro*, 1971.

A empresa continuou com as atividades na produção das suas mercadorias até a década de 1970. Devido ao cenário econômico do Brasil, que segundo Ruy Barreto, ex proprietário da Bhering, em uma entrevista dada em 2017 a Marilane Abreu Santos, para o seu trabalho de mestrado intitulado *A Fábrica Bhering e a inserção da arte no tecido urbano: relações entre os usos dos espaços industriais e os projetos de cidade*, desfavoreceu os negócios da Bhering por afetar as condições de produção das suas matérias primas: o cacau e o café.

Barreto (2017) aborda que com o grande estoque de café e um crescimento de empresas de torrefação e moagem, inclusive era possível comprar o café moído na hora nos supermercados, o café Globo vai perdendo espaço no mercado, fazendo com que em 1956 a Bhering não produzisse mais esse produto. Na parte do chocolate, entre 1950 e 1960, com uma praga nas plantações de cacau no país, era necessário importar esse produto, mas o governo

controlava demasiadamente, de forma que havia momentos que autorizava a importação, mas em outros, a proibia, com receio de comprometer o cultivo do produto no Brasil (Barreto, 2017).

Em 1974, Ruy Barreto inaugurou uma empresa de café solúvel em Minas Gerais, cujo nome do produto era Brasília, conforme consta em sua entrevista (2017), e ao decidir exportar o produto, percebeu que precisava de uma marca que fosse possível de ser compreendida em outros idiomas. Então ficou interessado no nome Globo, que pertencia a Bhering. Ao procurar o proprietário da empresa para negociar o registro da marca, Ruy Barreto teve que adquirir também as instalações da fábrica na rua Orestes, n. 28, como ele menciona na entrevista:

Então eu precisava de uma marca que fosse fácil passar pro inglês, pro francês, pro espanhol – então globo. Globo você traduz fácil para qualquer língua. Então eu sabia que a Bhering estava parada com o café Globo, eu vim aqui pra conversar com o Jorge pra comprar a marca do café Globo. Então, conversando e tal ele deu o valor e quando ele me deu o valor eu, peraí, Jorge, esse preço não é possível. Isso é um exagero. Ai eu brinquei com ele. Se você quer tanto pelo café Globo quanto é que você vai pedir pela Bhering? Ele disse. Não, vai tudo junto. Então tá fechado. (risos) Ai, eu comprei isso aqui. Comprei e vou deixar isso ai e vamos ver o que eu vou fazer com isso (Barreto, 2017, p. 298-299).

Com isso, houve a troca de proprietário, conforme consta nas reportagens: *O Jornal*, de 9 de janeiro de 1974 (Figura 33) e *Jornal do Commercio*, de 4 de janeiro de 1974 (Figura 34) e de 10 de janeiro de 1974 (Figura 35), assim como, o do registro, que passou a ser Bhering, Produtos Alimentícios S.A. Na Fábrica Bhering, passou a ser produzido alimento escolar solúvel, instantâneo, conforme era feito na época para atender as escolas públicas, que não possuíam estrutura para o preparo das refeições que eram oferecidas para os estudantes de todo o Brasil. Foi um negócio que gerou receita e assim pode reativar as instalações da fábrica, porém até que o governo mudasse a política e passasse a diminuir o número de escolas atendidas por esse tipo de serviço (década de 1980), influenciando novamente nas atividades comerciais da empresa (Barreto, 2017).

Figura 33– Reportagem em *O Jornal* de 9 de janeiro de 1974, publicando sobre a troca de proprietário da empresa Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Jornal*, 1974.

Figura 34– Reportagem em *Jornal do Commercio* de 4 de janeiro de 1974, publicando sobre a troca de proprietário da empresa Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Commercio*, 1974a.

Figura 35 – Reportagem em Jornal do Commercio de 4 de janeiro de 1974, publicando sobre a troca de proprietário da empresa Bhering.



Bhering de Mattos e Rui Barreto incorporaram suas empresas

Café Brasília e Bhering oficializam incorporação

«A incorporação das empresas Bhering de Mattos ao patrimônio da Brasília Café Solúvel representa mais um marco na história do grupo Barreto, concretizando, assim, um ideal de 20 anos: conquistar o mercado interno brasileiro, o segundo do mundo em termos de consumo, e que representa cerca de Cr\$ 600 milhões — equivalentes a mais de Cr\$ 3 bilhões — no setor cafeeiro, e com tendência de duplicar a médio prazo». Afirmação feita ontem na sede do Clube Comercial pelo presidente da Brasília, Rui Barreto, em entrevista concedida ao «Jornal do Commercio», durante o coquetel realizado para anunciar oficialmente a transação entre as duas empresas.

O documento, pelo qual a Brasília de Café Solúvel adquiriu 78% das ações das empresas Bhering de Mattos, foi assinado na quinta-feira passada numa reunião realizada entre as partes interessadas na sede do Banco do Estado da Guanabara, sem, contudo, ter sido revelado o valor pago pelas ações adquiridas.

FUSÃO

O grupo Barreto já há 20 anos demonstrava interesse em adquirir, ou mesmo formar uma sociedade, com as empresas Bhering, que fundada em 1939, se consagrou no mercado como uma das pioneiras no setor de torrefação e moagem, através do «Café Globo». Além disso, a Bhering detém o registro de 300 produtos diferentes, apesar de, no momento, só explorar 138 marcas, desde derivados do cacau até fermentos, molhos, massas e condimentos.

complexo de maquinaria que ainda não está ultrapassado.

ATIVAR PRODUÇÃO

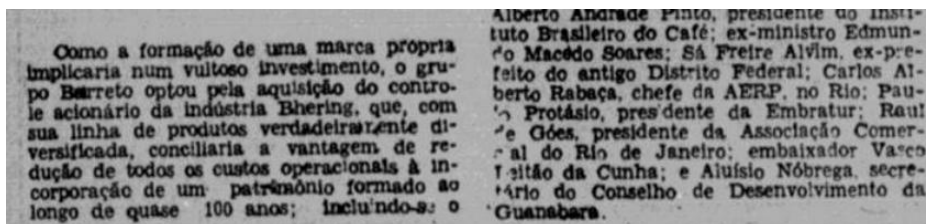
Rui Barreto revelou que a diretriz inicial da empresa é ativar as linhas de produção paralisadas em mais de cinquenta por cento, o que permitirá mais dois mil novos empregos, a curto e médio prazos.

Disse ainda, ser de interesse do grupo transformar o «Café Globo» em marca nacional, já que até o momento não existe produto com tal característica. E iniciará as atividades, no setor de exportação de café moído e empacotado a vácuo, cujo método foi empregado pela primeira vez no setor pela própria Bhering, na década dos 30. A Bhering lançou no Brasil o café enlatado a vácuo e vendia toda a sua produção para os Estados Unidos e Argentina, tendo conseguido, em 1933, exportar onze toneladas do produto industrializado.

Atualmente, o parque industrial da Bhering, no Santo Cristo, tem capacidade para produzir mensalmente 2 milhões e 500 mil quilos de café torrado e moído, mais a industrialização dos seus 300 produtos alimentícios diversos.

CERIMÔNIA

Estavam presentes ontem, no Clube Comercial, os secretários de Finanças, Heitor Brandon Schiller, da Guanabara, e Fernando Roquete Reis, de Minas Gerais; Carlos



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Commercio*, 1974b.

Apesar de não ser produzido mais na Fábrica Bhering, rua Orestes, o café Globo continuou a ser comercializado e assim como antes, também teve seu prestígio e ganhou a medalha de ouro em qualidade na Feira Internacional de Leipzig, em 1978, na Alemanha, conforme foi abordado na reportagem de João Martins, na revista *Manchete*, de 22 de julho de 1978 (Figura 36). Essa conquista foi a primeira de um produto brasileiro, e da América Latina, em uma feira mundial de amostras.

Figura 36 – Reportagem na revista *Manchete*, de 22 de julho de 1978, falando sobre a premiação do Café Globo Solúvel na Feira Internacional de Leipzig.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Martins, 1978.

Com a queda da comercialização, Ruy Barreto decidiu encerrar a produção e a fábrica é desativada novamente, no final do século XX. Na década de 1990, como uma outra forma de utilizar o espaço e os equipamentos, foi pensado alugá-lo para outras empresas, de menor porte, que precisassem dessa estrutura. Contudo, ainda nos anos de 1990, as atividades são finalizadas no lugar:

A única coisa que a gente pode agora estudar é transformar a Bhering numa cooperativa de pequenas indústrias. Como nós tínhamos aqui vapor, energia elétrica, máquinas e uma porção de outras coisas poderia propiciar que as pequenas indústrias pudessem usar esse parque de utilidades por um preço muito conveniente e eles também fazerem seu produto mais barato. Tivemos

ai mais ou menos umas três ou quatro, mas era muito difícil porque ... é fazer a boca a boca, a propaganda desse negócio não era fácil. Então pagar, fazer propaganda de aluguel não era barato, era caro. (Barreto, 2017, p. 299)

Em 1999, a edificação da fábrica foi a leilão, como se observa na publicação no *Jornal do Commercio*, de 19 de agosto de 1999 (Figura 37). Dessa forma, a partir desses acontecimentos e do interesse de aproveitar o sítio, um novo rumo começou a surgir no século XXI e que desencadeou no que se tornou hoje a Fábrica Bhering, um espaço comercial e cultural. Verificou-se que Cecília Barreto, filha do proprietário, foi quem teve a ideia de alugar o ambiente para artistas que precisavam instalar seus ateliês (Barreto, 2017). Essa iniciativa foi sendo divulgada casualmente entre os artistas e a procura foi aumentando chegando a ter aproximadamente 80 pessoas em 2017, como foi indicado por Barreto (2017).

Figura 37 – Reportagem do *Jornal do Commercio*, de 19 de agosto de 1999, publicando sobre o leilão do espaço da Fábrica Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Commercio*, 1999.

Ruy Barreto abriu as empresas Bhering Estúdios e Bhering Locação nos anos 2000. A primeira, trabalhava com o aluguel do espaço para gravações de filmes, novelas, entre outros tipos de produção visual; e a segunda, com o aluguel para artistas instalarem seus ateliês ou comerciantes depositarem seus produtos, como é abordado por Ruy Barreto em uma entrevista dada a jornalista Simone Candida do jornal *O Globo* e publicada sob o título de “Encontros de domingo: o empresário que fez da Bhering uma fábrica de arte”, em 19 de outubro de 2014.

É possível ver nas publicações de *Jornal do Brasil*, de 16 de novembro de 2008, e do jornal *O Fluminense*, de 5 de julho de 2015, o espaço da Bhering sendo usado como cenário de filmes e para fotos, respectivamente, como consta nas figuras 38 e 39.

Figura 38 – Reportagem no *Jornal do Brasil* de 16 de novembro de 2008, publicando sobre gravação de filmes nas instalações da Fábrica Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *Jornal do Brasil*, 2008.

Figura 39 - Reportagem de *O Fluminense* de 5 de julho de 2015, publicando sobre sessão de fotos nas instalações da Fábrica Bhering.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. *O Fluminense*, 2015.

Ainda há a comercialização de alguns produtos da Bhering (Figura 40), mas agora em outro lugar. São produzidos chocolate em pó, cacau em pó, confeito granulado, bala toffee (caramelos com cobertura de chocolate), coberturas para sorvetes e geladinho pela empresa EkoFoods, localizada na cidade de Mendes, no estado do Rio de Janeiro.

Figura 40– Embalagem de produto Bhering atualmente no mercado



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

2. FÁBRICA BHERING, UM PATRIMÔNIO CULTURAL CARIOCA

Nesse capítulo é feita uma análise sobre o atual papel do espaço na cidade do Rio de Janeiro. Observa-se também quais estratégias poderiam ser desenvolvidas para ampliar a preservação e a valorização deste patrimônio industrial, como incentivar o acesso da população e dos turistas a esse exemplar de arquitetura, história e economia criativa.

2.1 A Bhering, sua relação com a cidade do Rio de Janeiro e o tombamento do espaço da antiga fábrica

O novo uso do espaço da fábrica foi se ampliando com a adesão crescente de outras pessoas interessadas em instalar seus negócios naquele sítio ocioso e por um valor acessível. Porém, a renda com a locação não foi suficiente, visto que Ruy Barreto teve o prédio leilado, devido a uma dívida tributária com a União, e passou a ser propriedade da empresa Syn-Brasil Empreendimentos (Candida, 2014).

Por consequência, foi solicitada a desapropriação do espaço e os artistas ali instalados foram contrários a essa ação. Nesse momento, o poder público do município do Rio de Janeiro, foi procurado pelas pessoas que seriam prejudicadas com a nova situação administrativa da Bhering. O prefeito agiu com a desapropriação e posteriormente com o tombamento da fábrica, respectivamente, por meio dos decretos n. 36.015 e n. 36.016, ambos de 30 de julho de 2012. O tombamento provisório durou até 2018, quando teve o tombamento definitivo promulgado pelo decreto n. 44.468 de 26 de abril:

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições legais, e CONSIDERANDO a importância da atividade industrial na área portuária da Cidade do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO o valor arquitetônico da fábrica e sua importância na paisagem urbana daquela região;

CONSIDERANDO a importância da Fábrica de Chocolates Bhering na memória coletiva da população carioca;

CONSIDERANDO os estudos elaborados pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade; e CONSIDERANDO o pronunciamento do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, que consta no processo administrativo 01/002.491/2016, DECRETA:

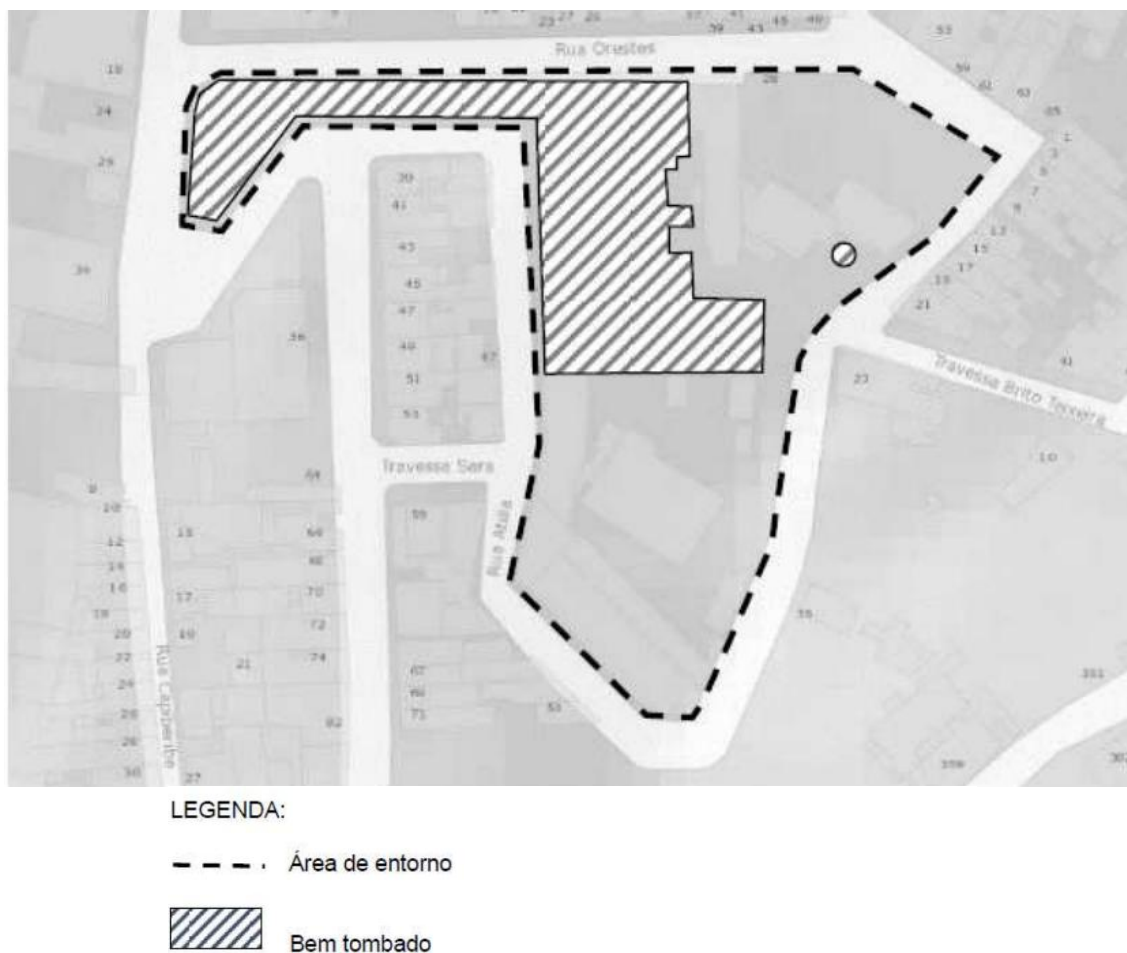
Art. 1º Fica tombado definitivamente, nos termos do art. 1º da Lei 166, de 27 de maio de 1980 e do art. 134 da Lei Complementar nº 111, de 1º de fevereiro de 2011, o prédio da antiga Fábrica de Chocolates Bhering situado na Rua Orestes, nº 28, Santo Cristo, na forma do Anexo I deste Decreto.

Parágrafo único. Ficam tombados os bens móveis integrados remanescentes da antiga fábrica, o conjunto original de circulação vertical formado por dois elevadores e uma escada metálica e a chaminé.

Art. 2º Fica criada a área de entorno de bem tombado definida pelo lote do bem tombado, na forma do Anexo I deste Decreto. (Rio de Janeiro, 2018, p. 1)

Com esse instrumento legal, o imóvel na rua Orestes, n. 28, e o seu entorno (Figura 41) passam a fazer parte do patrimônio cultural da cidade, assumindo importante função na área onde está localizado. Conforme os debates e o desenvolvimento do conceito de patrimônio, o bem é considerado de interesse público e portador de referência “[...] à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988, n.p.). Novos valores e responsabilidades são obtidos junto com o título.

Figura 41 – Anexo I do Decreto nº 44.468 com a área de entorno de bem tombado.



Fonte: Rio de Janeiro, 2018.

A preservação da edificação da antiga Fábrica Bhering considerou também a sua relevância como testemunho da história urbana, arquitetônica e econômica da cidade do Rio de

Janeiro. As constantes mudanças das suas instalações refletem o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, que de colônia portuguesa passa a ser sede do Império e, posteriormente, Capital da República Federativa do Brasil.

As transformações de papéis e de importância vão gerar modificações do espaço. Segundo Maurício de A. Abreu no livro *Evolução urbana do Rio de Janeiro* (2022), até o século XIX, a cidade era pequena e se concentrava entre os Morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição, sendo a maioria da população pessoas escravizadas e o restante formado por representantes da administração, militares e mercadores. Com a vinda da Família Real em 1808, uma nova classe social surge na cidade e com isso é necessário atender às suas necessidades, mudando a dinâmica do lugar e incentivando novos projetos:

No decorrer do século XIX assiste-se, entretanto, a modificações substanciais tanto na aparência como no conteúdo da cidade. A vinda da família real impõe ao Rio uma classe social até então praticamente inexistente. Impõe também novas necessidades materiais que atendam não só aos anseios dessa classe, como facilitem o desempenho das atividades econômicas, políticas e ideológicas que a cidade passa a exercer. A independência política e o início do reinado do café geram, por sua vez, uma nova fase de expansão econômica, resultado daí a atração – no decorrer do século e em progressão crescente – de grande número de trabalhadores livres, nacionais e estrangeiros. (Abreu, 2022, p. 48)

A Fábrica Bhering foi criada nesse contexto de crescimento, progresso, transformação da sociedade. O surgimento de novas demandas e suas transformações refletem ainda influências das transformações urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX, como a sua transferência da área central da cidade para a zona portuária, em decorrência das reformas empreendidas pelo Prefeito Pereira Passos.

A capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, passou por obras de embelezamento, saneamento, higiene, abertura de novas vias e alargamentos das principais ruas para acabar com os resquícios da colônia, apresentar-se como uma cidade moderna e que representava o novo momento social, econômico, político e cultural do país. Como Abreu aborda “Concluindo, o período Passos, [...], representa, para o Rio de Janeiro, a superação efetiva da forma e das contradições da cidade colonial-escravista, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências do Modo de Produção Capitalista.” (Abreu, 2022, p. 90)

Outra obra símbolo desse período, mas realizada pelo governo federal, pelo presidente Rodrigues Alves, foi a abertura da Avenida Central, atualmente Avenida Rio Branco. A

primeira fábrica Bhering foi uma das construções demolidas para a criação dessa importante via, que até hoje é uma das principais ruas comerciais da cidade.

A nova demanda trazia novos costumes, modos de vida e padrões de consumo que influenciavam na produção local. Havia mercado para outros produtos, estimulando o comércio e o desenvolvimento fabril na cidade e no país. Ainda segundo Abreu (2022), o processo de industrialização na cidade do Rio de Janeiro teve início em meados do século XIX, apesar de alguns contratempos como falta de estrutura (energia), de mão de obra qualificada e livre, a concorrência com os produtos importados, e, ainda assim, expande-se no início do Século XX e

[...] concentrava-se principalmente no centro da cidade, ou em suas imediações, e caracterizava-se pela predominância de pequenos estabelecimentos, dedicados à fabricação de calçados, chapéus, confecções, bebidas e mobiliário. Eram indústrias com baixíssimo nível de mecanização, verdadeiros artesanatos, absorvendo, conseqüentemente, grande quantidade de força de trabalho. Ainda no centro localizavam-se as gráficas, as metalurgias leves e fundições, a indústria alimentar e outras. (Abreu, 2022, p. 74)

A literatura discute se a expansão industrial no Brasil foi devida ao crescimento ou à crise no setor exportador, o da cafeicultura. A industrialização se beneficia com os investimentos advindos dos lucros da exportação do café ou da necessidade de investir em outro setor econômico, visto a crise econômica que assolava o mundo. Para Eulália Maria Lahmeyer Lobo em *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)* (1978):

Com o gradual declínio da cafeicultura da Província do Rio de Janeiro, a economia urbana se modificou pela realocação de recursos de capital e mão-de-obra. Daí a ampliação e diversificação de atividades vinculadas ao setor secundário e terciário.

O comércio do Rio de Janeiro sofreu um declínio com a decadência da cafeicultura e a economia urbana se modificou, ampliando-se os setores secundário e terciário. (Lahmeyer, 1978, p. 158)

A autora também aborda que já em 1840 o governo imperial toma algumas medidas de proteção à atividade fabril, como o aumento das tarifas alfandegárias, o empréstimo e a isenção de imposto. Além disso, surge a máquina a vapor e o motor hidráulico, modificações significativas que também vão contribuir nesse processo de mudanças da economia na cidade e no país.

Em 1850, pela Lei nº556 de 25 de junho, foi criado o Código Comercial, que favoreceu a criação de empresas privadas de sociedade anônima. Segundo Maria Barbara Levy, em *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas (esboços de história empresarial)* (1994) até então não havia legislação específica, permitindo o surgimento de sociedades anônimas sem nenhum tipo de organização. O comerciante passou a ter a obrigação de se registrar no Registro do Comércio e a seguir uma ordem de contabilidade e escrituração. O governo era quem autorizava o estabelecimento da companhia ou sociedade anônima.

Outros argumentos que são abordados sobre o desenvolvimento das indústrias são as guerras e os conflitos externos, 1ª e 2ª Guerras Mundiais, Guerra do Paraguai, que incentivou a produção local por limitar o abastecimento de bens manufaturados, que a Europa fornecia para o Brasil, ou a necessidade de produzir bens e produtos para abastecer as tropas. O investimento na infraestrutura local, a energia elétrica e a expansão das ferrovias; e a migração e a imigração, com a oferta de mão de obra e o crescimento do mercado consumidor, foram outros fatores que contribuíram para o progresso fabril carioca. A consolidação de um sistema bancário também influenciou esse processo ao oferecer crédito para as empresas.

O processo de evolução urbana continuou na cidade e interveio novamente na localização da Fábrica Bhering. Localizada à avenida Treze de Maio desde o início do século XX, o segundo local de produção do chocolate Bhering e do café Globo, entre outras manufaturas, torna-se incompatível com a construção próxima ao Teatro Municipal. Como abordado por Barreto (2017), o aroma do café ao ser torrado e os detritos deixados pelos animais, que eram usados para puxar os veículos que transportavam os produtos da fábrica, não agradavam os frequentadores do teatro. Na verdade, havia um contraste de funções, indústria e lazer, e de propósito para a área, fazendo com que a fábrica não tivesse mais relação com o entorno, onde o importante teatro do país estava instalado.

A Fábrica Bhering foi transferida para o bairro de Santo Cristo, na zona portuária da cidade, que também passou por muitas transformações ao longo da história política, econômica e social do Brasil e do município. O poder público realizou inúmeros investimentos nessa região para melhorar a estrutura e assim ser capaz de atender às necessidades que vão surgindo.

Inicialmente, foi o porto dos navios que traziam os escravizados e recebeu a imperatriz Teresa Cristina quando veio ao Brasil para se casar com o imperador Dom Pedro II. Depois, foi ganhando trapiches e cais para receber embarcações dos mais variados produtos. O porto foi se expandindo com o escoamento do café para o exterior. Houve mais investimentos na sua estrutura, como a construção dos armazéns que existem até hoje.

A região se transformou na zona industrial da cidade carioca. Ainda há no bairro da Gamboa os remanescentes do antigo Moinho Fluminense, instalado em 1897, conforme revela Claudia Baima Mesquita, em sua tese de doutorado intitulada *A preservação do patrimônio arquitetônico na região portuária no projeto Porto Maravilha – Rio de Janeiro* (2015). Outra função é adicionada: o terminal de passageiros das viagens em navio, que começou com a imagem mundial do Rio de Janeiro como capital do país e um novo destino turístico.

O porto da cidade teve obras para a sua modernização desde 1903, com o aterramento do litoral, a instalação de guindastes e linhas férreas e a construção de armazéns (Mesquita, 2015). A autora também menciona que houve extensões ainda, chegando em 1924 a Ponta do Caju, e que no início do porto, na Praça Mauá, houve melhorias para a recepção dos navios de passageiros, sendo construído o prédio do Touring Club, que ainda existe no local.

A região portuária tem um crescimento dinâmico com a expansão territorial, o aumento populacional, a criação de novos bairros, o aumento de veículos individuais, a abertura de vias expressas e túneis e a construção de viadutos. Houve incentivos para o deslocamento de empresas e fábricas para o subúrbio e para outras cidades vizinhas, como Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Outros portos foram construídos e se tornaram concorrentes para o porto carioca, como o de Santos e o de Itaguaí. Com a mudança do Distrito Federal para Brasília, sua importância no cenário dos negócios foi reduzida. As indústrias vão fechando ou então se transferindo para outros lugares mais atraentes, ficando as construções obsoletas e abandonadas. O ambiente se degrada e se torna uma via de acesso para a Avenida Brasil e a Ponte Rio-Niterói.

A suburbanização da região portuária, processo sofrido com as transformações urbanas da cidade, atualmente, está sendo substituída pela reurbanização. Esse processo começou em 1987 com a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) dos bairros de Saúde, Santo Cristo, Gamboa e Centro, pela Lei n. 971 de 4 de maio e posteriormente regulamentada pelo decreto n. 7351 de 14 de janeiro de 1988. Esse último apresenta um planejamento do uso do solo, que já incluía no art. 35 a proteção de edificações, proibindo suas demolições e descaracterizações da parte externa (Rio de Janeiro, 1988). O imóvel localizado à rua Orestes n. 28, na Subárea C – Santo Cristo 1, consta como um dos preservados na relação apresentada no anexo 8 do Decreto Municipal. Esse artigo foi um dos poucos que não foi revogado pela Lei Complementar n. 270 de 16 de janeiro de 2024, lei que revisa o plano diretor da cidade, como foi possível observar.

Outro plano urbanístico que tem influenciado a região portuária e o entorno da Fábrica Bhering é o projeto Porto Maravilha. Criado pelo poder executivo municipal pela Lei

Complementar n. 101 de 23 de novembro de 2009, visa a reurbanização da área da seguinte forma:

Art. 1º Esta Lei Complementar institui a Operação Urbana Consorciada - OUC da região do Porto do Rio de Janeiro, na Área de Especial Interesse Urbanístico – AEIU criada nesta Lei Complementar, que compreende um conjunto de intervenções coordenadas pelo Município e demais entidades da Administração Pública Municipal, com a participação de proprietários, moradores, usuários e investidores, com o objetivo de alcançar transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental de parte das Regiões Administrativas I, II, III e VII, em consonância com os princípios e diretrizes da Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001 - Estatuto da Cidade e do Plano Diretor Decenal da Cidade do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro, 2009, p. [1], grifo do autor)

Dessa operação já há resultados que transformaram a região. Houve a demolição do Elevado da Perimetral, uma das principais vias de acesso da cidade, e a criação de novas vias como a Binário e o túnel Rio 450, além do incentivo imobiliário com a construção de prédios residenciais e comerciais. Em 2024, começaram as entregas dos primeiros condomínios, como consta na reportagem do jornal *O Globo*, de 8 de agosto de 2024, e no bairro de Santo Cristo, já existem dois estabelecimentos hoteleiros, o Hotel Novotel RJ Porto Atlantico (na avenida Professor Pereira Reis, n. 49) e Hotel Intercity Porto Maravilha (na rua Cordeiro da Graça, n. 598), como é possível verificar ao se deslocar pela área.

O projeto do Porto Maravilha também inclui o patrimônio cultural. No art. 2º, parágrafo 1º, inciso II consta como princípio nos processos de planejamento, execução e fiscalização da operação “a valorização da paisagem urbana, do ambiente urbano e do patrimônio cultural material e imaterial;” (Rio de Janeiro, 2009, p. [1]). No parágrafo 2º, inciso V, tem como uma das diretrizes:

V - possibilitar a recuperação de imóveis com a importância para proteção do patrimônio cultural e a criação de circuito histórico-cultural, contemplando a devida identificação dos patrimônios material e imaterial, passado e presente, e capacitação técnica na área de turismo e hotelaria, visando promover o circuito; (Rio de Janeiro, 2009, p. [1])

Dessa vez, a princípio, a reestruturação urbana não ameaça a antiga fábrica. Acredita-se que o projeto pode ajudar na preservação do conjunto edificado, que se destaca no bairro com seu estilo industrial e a sua atual ocupação cultural. As mudanças na região portuária têm incentivado o acesso de moradores e visitantes a um local até então não considerado de lazer.

Além disso, tem a questão da insegurança, que vem com o tempo sendo repensada pela população. Com os projetos de reuso da área que resulta na maior circulação de pessoas e no melhor acesso, vai sendo construída uma nova relação dos habitantes com o bairro.

2.2 Panorama atual com o novo uso da antiga fábrica

A partir de 2010, com o início da ocupação do prédio por artistas plásticos com a instalação de seus ateliês, o espaço da Fábrica Bhering passou a ter um novo uso, um centro comercial e cultural, com a presença também de visitantes que desejavam conhecer as instalações da antiga indústria e as produções das novas empresas ali instaladas. Mas, em 2012, a construção foi a leilão, devido a uma dívida federal da Fábrica Bhering, e os locatários quase tiveram que transferir seu trabalho para outro lugar.

Para ajudar um grupo da sociedade, assim como para proteger uma construção de valor histórico e arquitetônico, o governo municipal tomou medidas pertinentes em 2012, mas que não se encerram por si mesmas e necessitou um trabalho contínuo para manter a existência e a apropriação deste importante patrimônio.

Observa-se que uma parte do problema foi resolvida com o tombamento da edificação pelo órgão municipal de preservação. Os artistas não foram despejados e puderam continuar seus trabalhos no local. A prefeitura orientou para que o grupo ali instalado formasse uma associação para gerir o novo espaço cultural, inclusive financeiramente, visto que não haveria ajuda do governo, como consta no trabalho de mestrado de Geisa Bordenave, intitulado de *A Antiga Fábrica da Bhering: novos usos do espaço e manifestações artísticas na Zona Portuária do Rio de Janeiro* (2014). Bordenave (2014) ainda aborda que houve uma resistência de alguns participantes, visto que eles não tinham interesse na questão da gestão do bem e queriam apenas continuar usufruindo do local. Verifica-se que parte do grupo ali situado valorizava mais o contato com os outros artistas:

Muitos ali afirmam que o que há de mais valioso não seria o imóvel, mas sim as relações estabelecidas entre as pessoas que atualmente ocupam aquele espaço e eventualmente ressaltam o lado negativo de se tornarem os gestores do prédio que seria a dificuldade de administrar um imóvel daquela dimensão e que se encontra em péssimo estado de conservação. (Bordenave, 2014, p. 32)

Apesar do impasse, foi criada a Associação Criativa Orestes 28 (ACO28) em 2012 e a primeira assembleia foi realizada em abril de 2013, na qual se procurou apresentar o plano de autogestão para os seus associados, entre outros assuntos (Bordenave, 2014). Durante a gestão do coletivo, houve o evento “Fábrica Aberta”, que acontecia no primeiro sábado do mês, tendo participado a autora desse trabalho, que na época, almejava conhecer a fábrica desde que percebeu a existência daquele tipo de construção no meio da cidade. Constatou-se que a experiência foi muito interessante, bem organizada e aceita pela população, visto que havia muitos visitantes. Contudo, no ano de 2023, quando ao retornar ao espaço, a autora observou diferenças, como troca de locatários, com a presença de outras empresas instaladas no local, e um público menor. Acredita-se que esse fato, um evento diferente do anterior, seja resultado de não ter acontecido a desapropriação e do fim da associação dos artistas, ficando a gestão para os proprietários da fábrica.

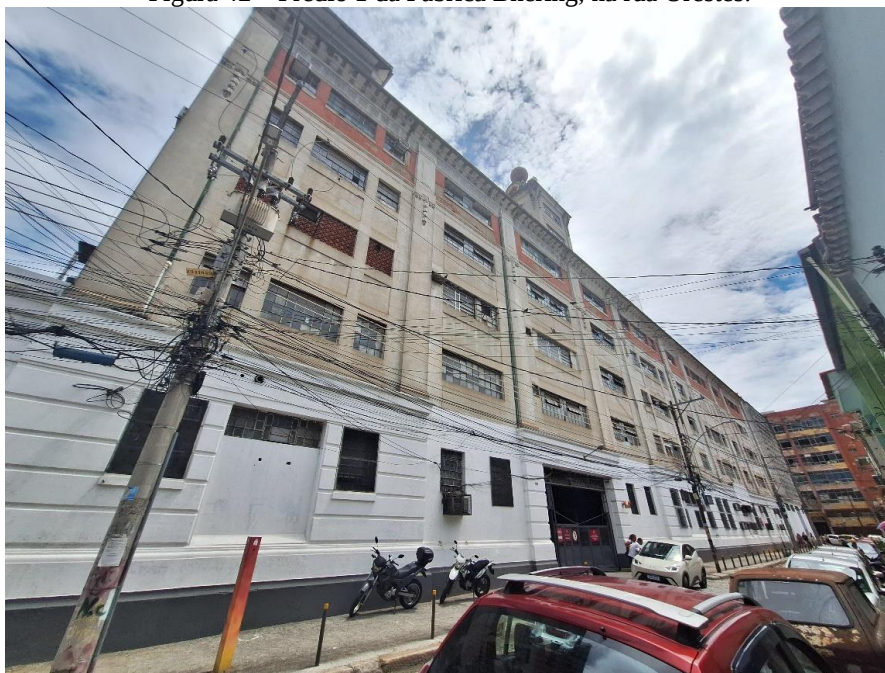
O prédio atrai a atenção e o interesse das pessoas que descobrem a presença de uma indústria, com uma arquitetura que remete ao início do século XX, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em uma área que milhares de pessoas circulam diariamente por ser uma via de acesso ao centro, a zona sul e a zona norte. Além disso, nas proximidades está localizada a rodoviária, com chegadas e partidas de ônibus de outros estados. Atualmente, com a finalização e entrega dos apartamentos residenciais, que se juntam com os hotéis já em atividade, ambos estimulados pelo plano de urbanização do porto, mais indivíduos poderão conhecer a Fábrica Bhering.

No processo de tombamento no Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, consta a ficha da Fábrica Bhering, documento digitalizado com 7 páginas, contando na página 1 a descrição do conjunto arquitetônico, a saber: dois prédios com tipologias diferentes. O Prédio 1 é

[...] original em arquitetura fabril, reunindo elementos Proto Moderno, eclético e Art Déco, construído em estrutura metálica, concreto e estuque. Conforme Barreto (2017), a estrutura metálica foi trazida da Alemanha e pertenceu a uma fábrica local que tinha sido fechada. O Prédio 2 de esquina com a Rua Sara em estilo modernista, construído em concreto armado. (Rio de Janeiro, 2016, p. 1).

Pelas figuras 42 e 43, é possível verificar as construções mencionadas acima.

Figura 42 – Prédio 1 da Fábrica Bhering, na rua Orestes.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 43 – Prédio 2 da Fábrica Bhering, na rua Orestes.



Fonte: Rio de Janeiro, 2016.

No mesmo documento, consta que apesar do imóvel não ter sido descaracterizado externamente, sua conservação era ruim e internamente restou pouco da organização e funcionamento próprio da fábrica. Os remanescentes ainda existentes eram a torre dos relógios, o conjunto de circulação vertical (a escadaria e o elevador) e algumas máquinas desativadas (Figuras 44, 45 e 46).

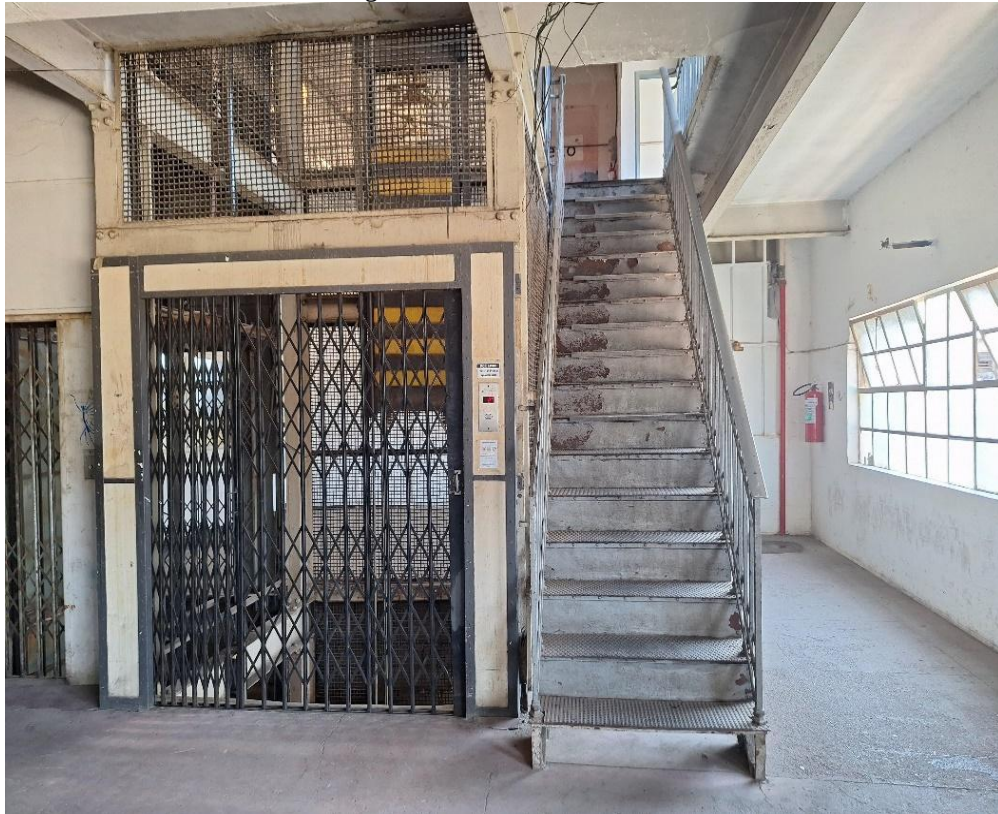
A maior parte das máquinas e equipamentos originais da fábrica está exposta no 4º andar e nos demais andares há algumas peças espalhadas e sem identificação ou informação sobre seu uso. Encontram-se as seguintes placas de ferro com as identificações de “Maschinenfabrik, J.M. LEHMAN, Dresden”, “D.R.G.M.” e “Baker Perkins Limited, Machine Patents, Peterborough, London, England” (Figuras 47, 48, 49 e 50). Verificou-se que a empresa inglesa ainda está atuante no mercado, enquanto as empresas alemãs não estão mais em funcionamento e encerraram suas atividades.

Figura 44 – Torre do relógio.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

.Figura 45 – Escada e elevador.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 46 – Maquinários remanescentes da antiga fábrica.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figuras 47 e 48 – Máquina inglesa no 4º andar e destaque da placa com a marca.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figuras 49 e 50 – Máquina alemã no 4º andar e destaque da placa com a marca.



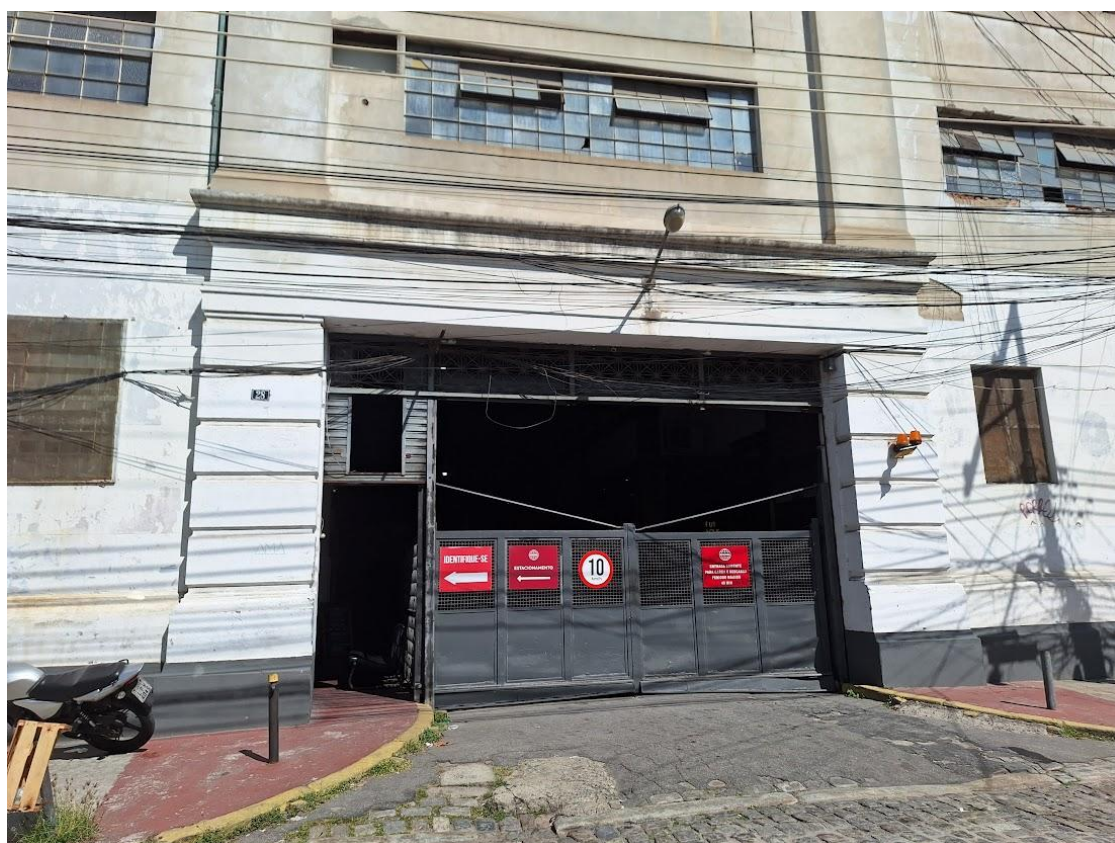
Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

As duas edificações da fábrica possuem seis pavimentos, com uma área total construída de 16.462 m², aproximadamente, e em um lote de 8.400 m², conforme informado pela equipe

do escritório de arquitetura Estúdio 55, do Rio de Janeiro². A empresa já teve o escritório nas instalações da Bhering e na época fizeram as plantas dos prédios sob pedido da administração do espaço e que serão apresentadas mais adiante,

No prédio 1, o mais antigo, ainda há um mezanino, que possui a administração e algumas salas. Cada andar possui um diferencial na sua estrutura, criando experiências distintas durante a visita. No 1º andar, com a entrada da fábrica e o acesso de pessoas à esquerda e de veículos à direita, com salas e o letreiro Bhering, um ambiente que remete ao tempo em que circulavam os operários e demais figuras relacionadas ao tempo da fábrica como indústria (Figuras 51 e 52). Seguindo pela rampa que era usada pelos veículos, é possível contornar a enorme construção e ver mais de perto os seus detalhes exteriores, até chegar a uma extensa área aberta, um pátio usado para estacionamento, por exemplo, e aos fundos da fábrica.

Figura 51 – Entrada principal da Fábrica Bhering.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

² Informação obtida mediante conversa pelo aplicativo WhatsApp com Joana Carreira Batista, do Estúdio 55, em 29 abr. 2025.

Figura 52 – Recepção da fábrica.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

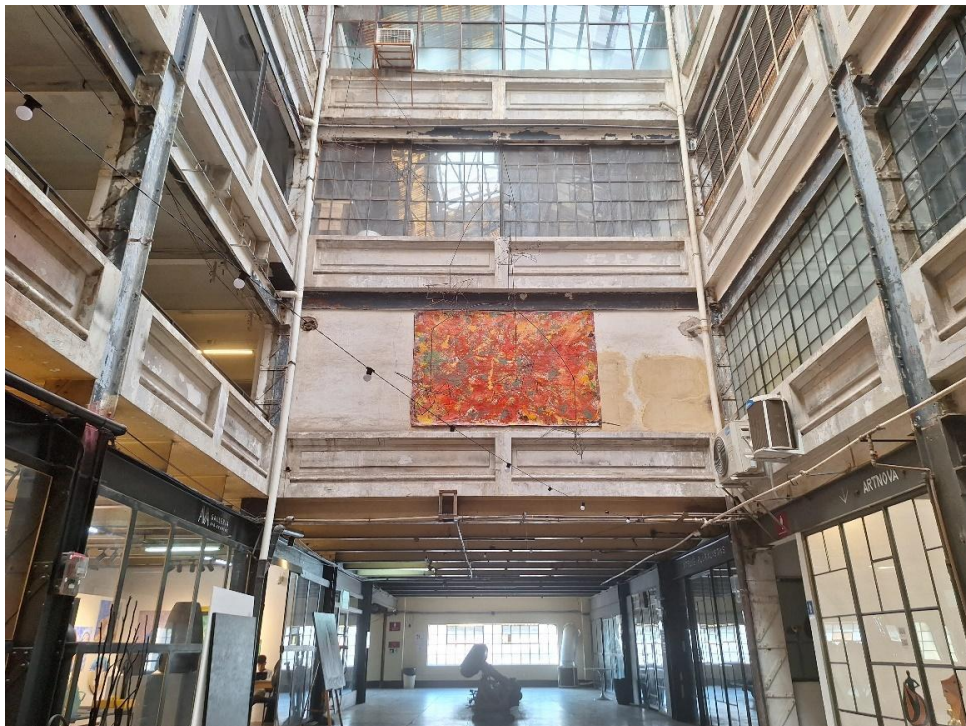
Há um acesso ao 2º andar, que consta de uma área aberta, onde se avista, por meio de um vão, os outros andares e o telhado, assim como a estrutura metálica e outros itens de design (Figuras 53 e 54). No 4º andar, destaca-se os remanescentes do maquinário da antiga fábrica de chocolate, divulgada pela gestão do espaço como a área do Museu do Chocolate. Sobre alguns equipamentos, há uma placa informando sobre a sua utilidade na produção do manufaturado, como a concha, usada para aerar e homogeneizar o chocolate; as refinadoras, que comprimem a massa do chocolate dando a sua textura; e a temperadeira ou tempérine, responsável pelo resfriamento e acabamento da massa do chocolate (Figuras 55 e 56).

Figura 53 – Imagem do 2º andar.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 54 – Imagem do vão no 2º andar.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

No 5º andar, há uma área aberta com uma grande vista para o vão que tem no meio do prédio 1 (Figura 57), de onde se pode avistar os outros andares e os detalhes arquitetônicos (telhado, janelas, parapeitos), além de levar para o pombal (Figura 58). Esta é outra área aberta com pé direito alto, cercada de enormes janelas e onde ficava o torrador de café com controle eletrônico instalado em 1950. Ainda possui uma escada que dá o acesso ao 6º andar, com o terraço descoberto e uma vista 360º graus do seu entorno, afora da torre do relógio com o logo da Bhering na ponta (Figuras 59 e 60).

Figura 57 – Área no 5º andar com estrutura metálica de sustentação do telhado a vista.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 58 – Imagem do pombal no 5º andar.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 59 – Imagem do terraço.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

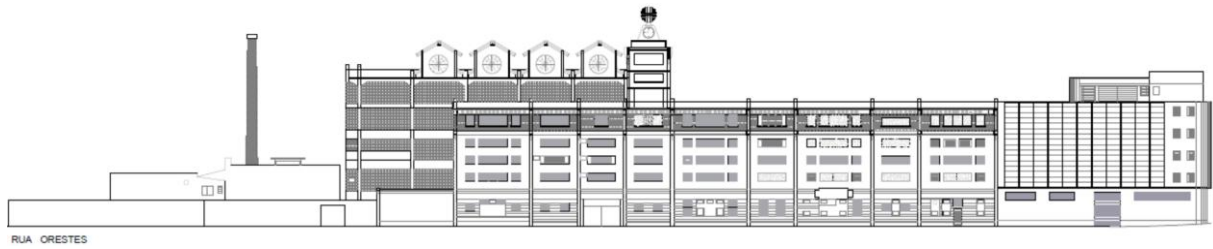
Figura 60 – Imagem do 6º andar com o terraço descoberto e a torre do relógio.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

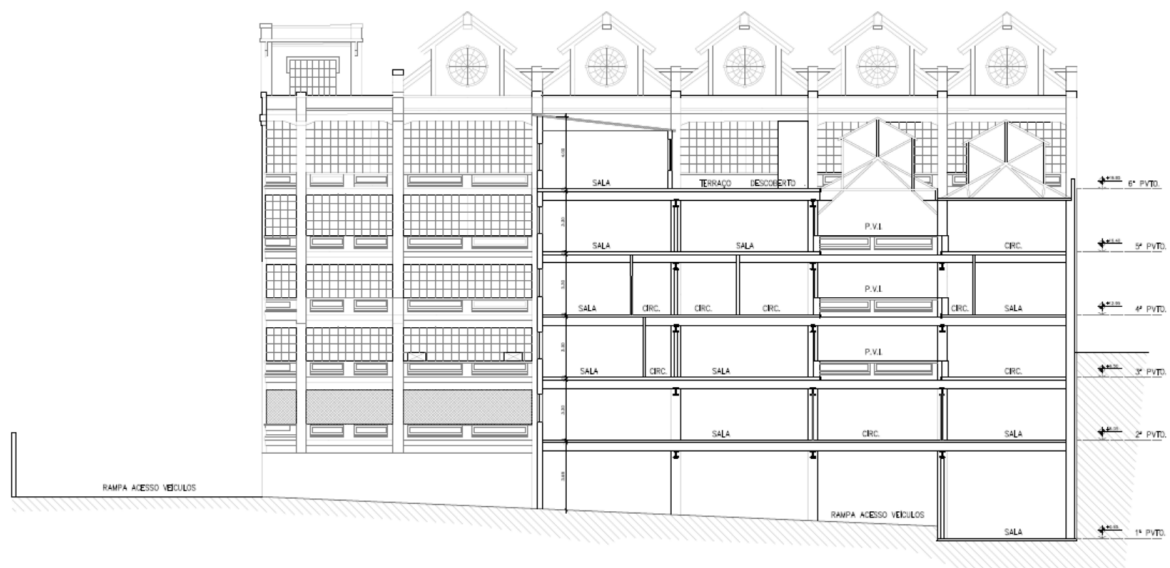
Com o novo uso, os prédios 1 e 2 tiveram nos seus interiores alterações para poder atender a nova demanda: espaços para ateliers, escritórios e lojas. Em 2019, a administração do prédio solicitou ao Estudio 55 uma planta do lugar com o levantamento dos espaços da Fábrica Bhering, incluindo salas para aluguel, áreas de circulação, depósitos, sanitários e copa. Esse documento ajuda a entender a estrutura atual (Figuras 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69 e 70). Observa-se a existência de 122 salas nesse documento, mas se constata que há salas que na realidade não existem, percebido durante as visitas em 2024 e 2025 (sendo a última realizada no dia 15 de fevereiro). Dessa forma, já deve ter havido alterações na distribuição do espaço no período de seis anos.

Figura 61 – Fachada norte da Fábrica Bhering.



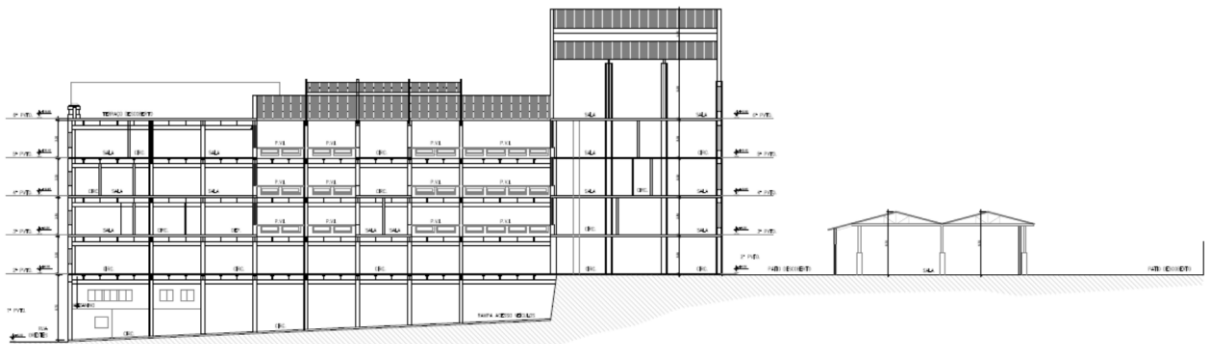
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 62 – Corte paralelo à fachada.



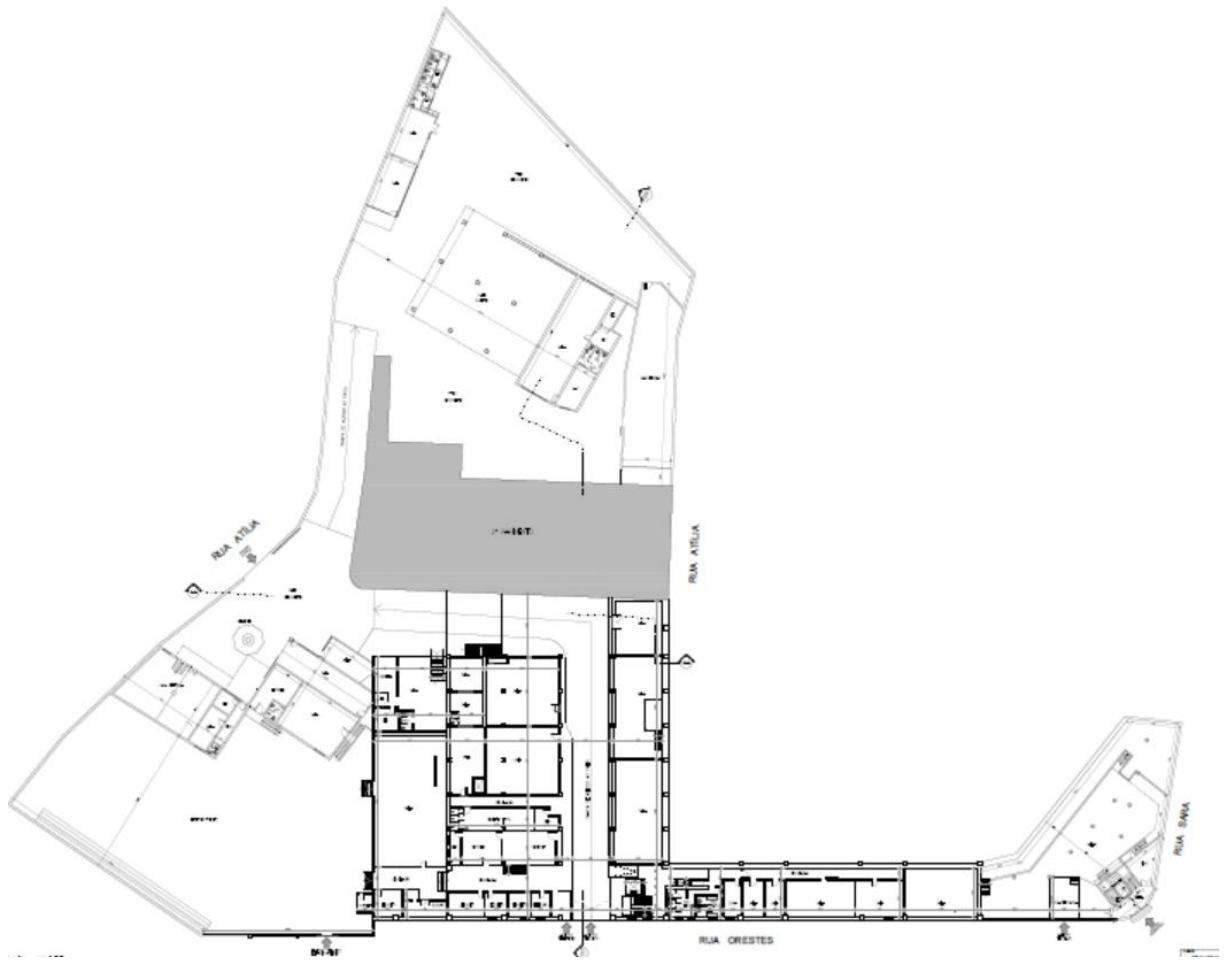
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 63 – Corte perpendicular à fachada.



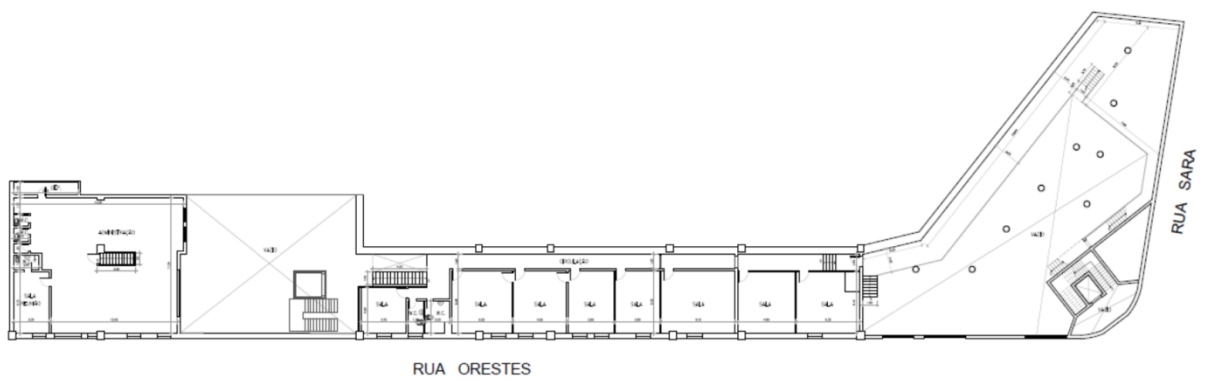
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 64 – Planta baixa do 1º pavimento.



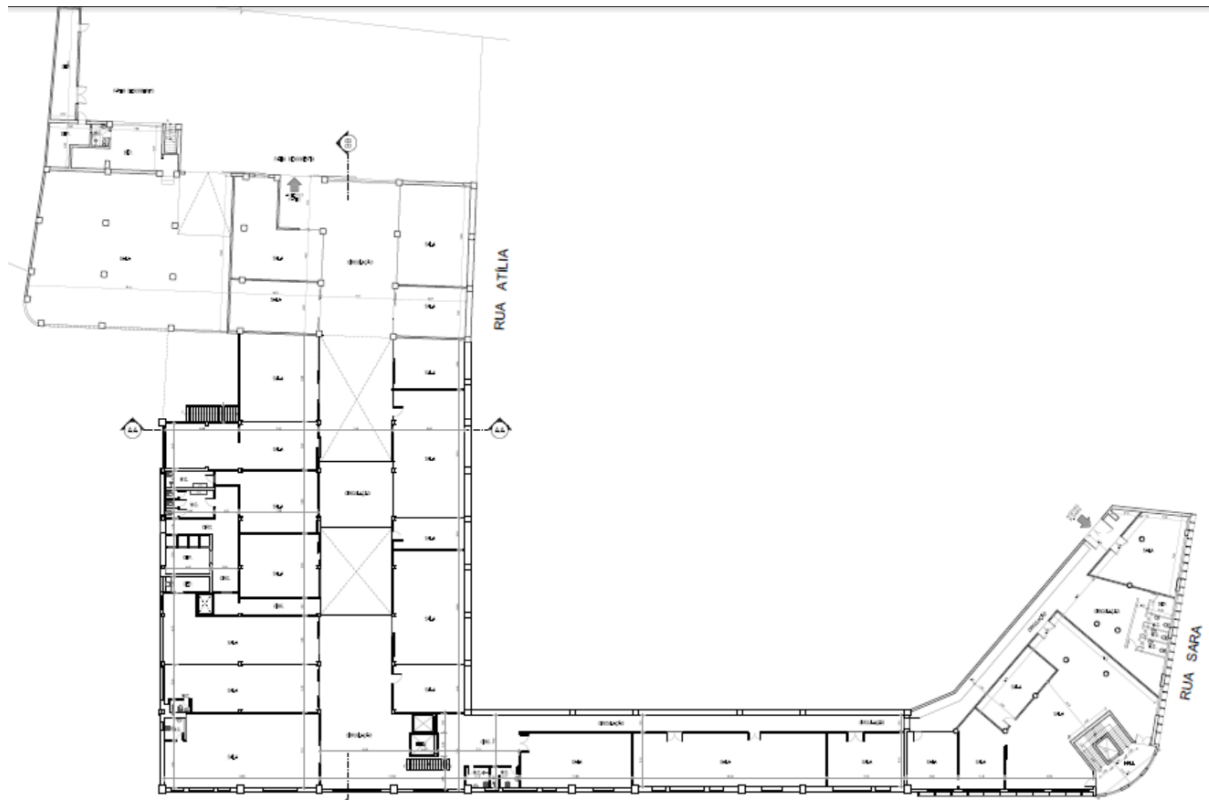
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 65 – Planta baixa do mezanino.



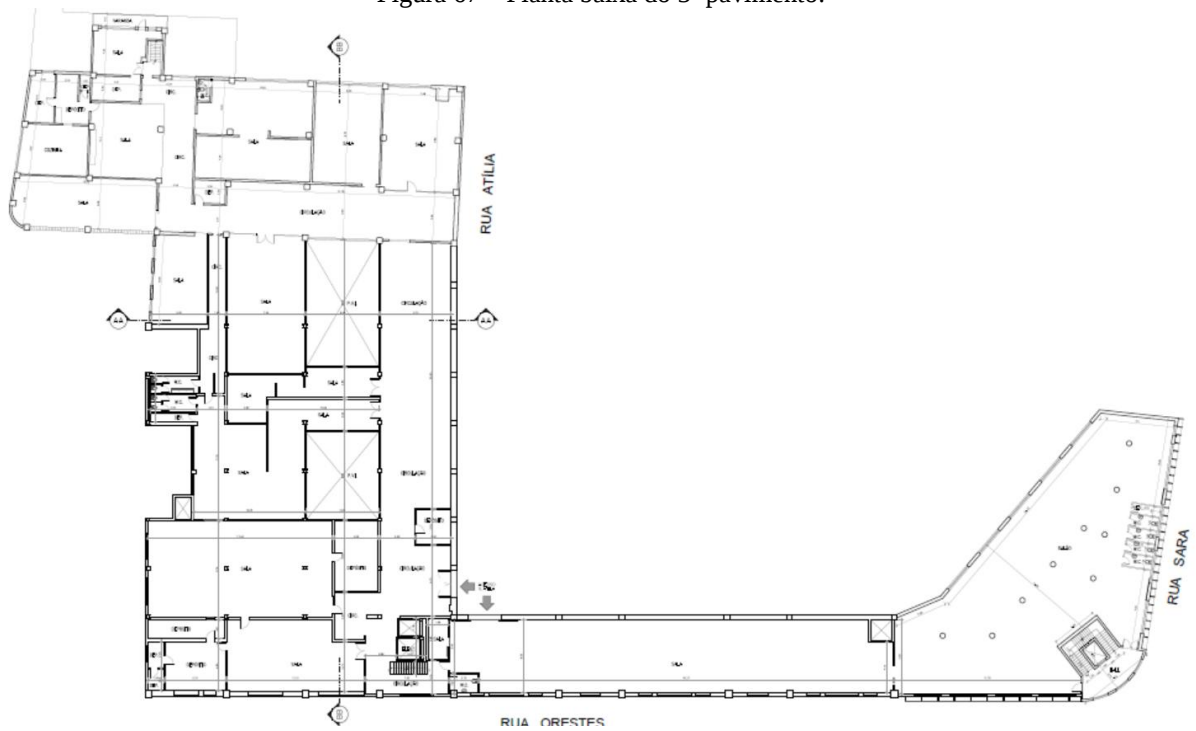
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 66 – Planta baixa do 2º pavimento.



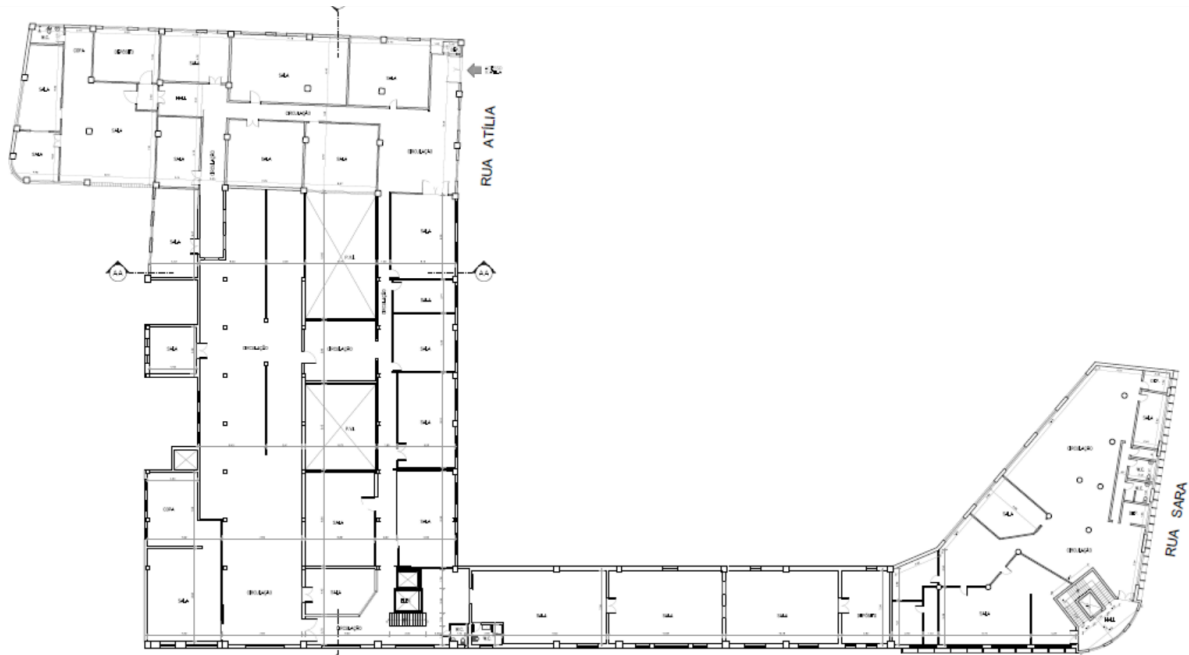
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 67 – Planta baixa do 3º pavimento.



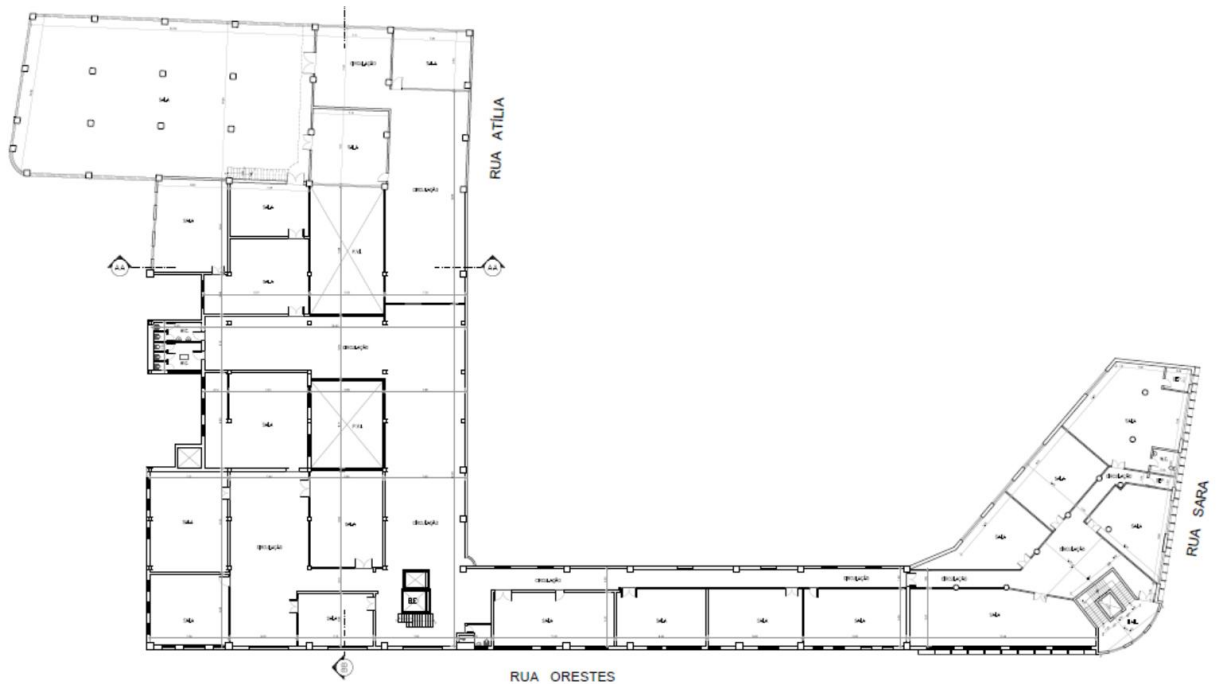
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 68 – Planta baixa do 4º pavimento.



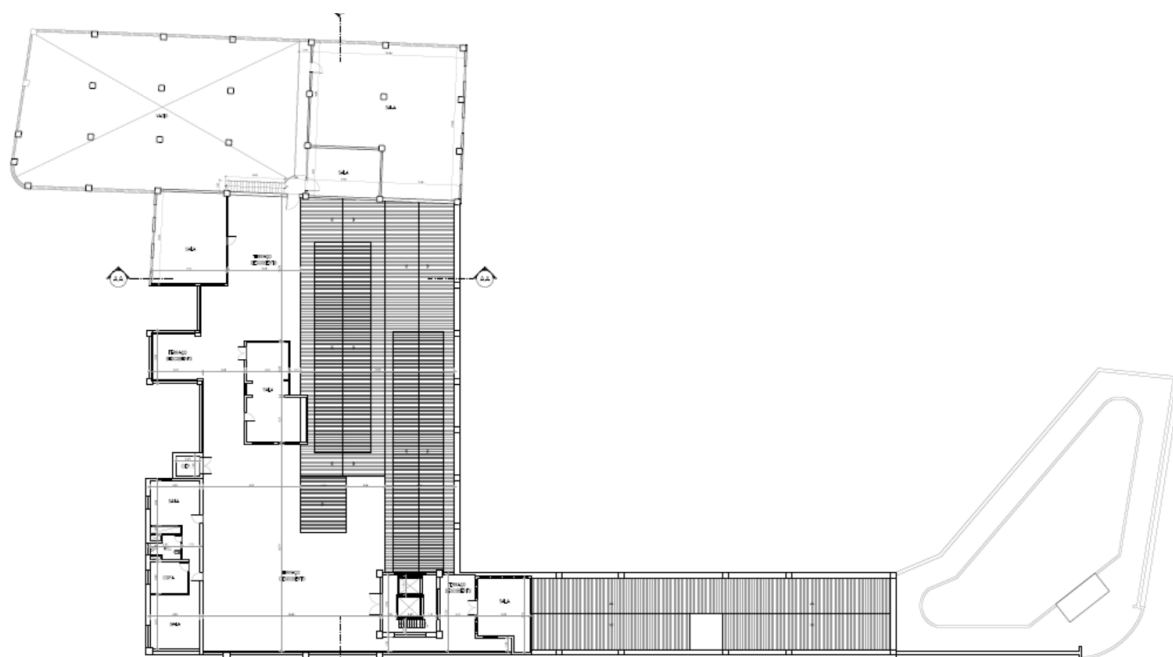
Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 69 – Planta baixa do 5º pavimento.



Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Figura 70 – Planta baixa do 6º pavimento.



Fonte: Estúdio 55/ Fábrica Bhering, 2019.

Atualmente, há mais de 80 locatários, sendo distribuídos pelos 6 andares da fábrica e de atividades variadas, como gastronomia, moda e música. Conforme mencionado por Barreto (2017), os locatários podiam fazer ajustes no seu espaço alugado e os custos eram abatidos do aluguel. O aluguel é calculado por metro quadrado e pode variar de valor conforme a localização, como informado por uma das locatárias, empresária do ramo da moda, que tem seu atelier localizado no 5º andar, durante uma conversa.

Ela é proprietária de uma empresa do ramo da moda, vestuário feminino, com a proposta de *slowfashion*, com peças quase exclusivas, podendo também ser adquiridas no local. Ela está na Fábrica Bhering desde 2022 e já conhecia a nova proposta do lugar antes de se tornar uma das locatárias. No seu atelier, ela elabora a modelagem das suas roupas e faz a gestão do seu negócio. Mas ela também aproveita o espaço para oferecer o serviço de ponto de entrega às clientes que adquiriram seus produtos pela loja online e também para mostrar seus produtos, geralmente aos sábados.

Como é possível observar, ela é uma das locatárias que hoje estão distribuídas conforme o mapa oferecido pela administração da fábrica, em forma de QR Code e em cada andar do prédio. Há também uma cópia impressa desse material, em pontos estratégicos, como próximo ao elevador e à escada. Dentro do elevador, igualmente, pode-se ter acesso ao mapa, dando um panorama para o visitante das empresas instaladas e servindo de apoio para conhecer melhor o espaço. Esse mapa é apresentado nas figuras 71, 72, 73, 74, 75 e 76, assim como são mostrados

os ramos das atividades relacionadas das empresas que constam no material, adaptado pela autora desse trabalho. O mapa foi acessado na visita à Fábrica Bhering no dia 1 fev. 2025.

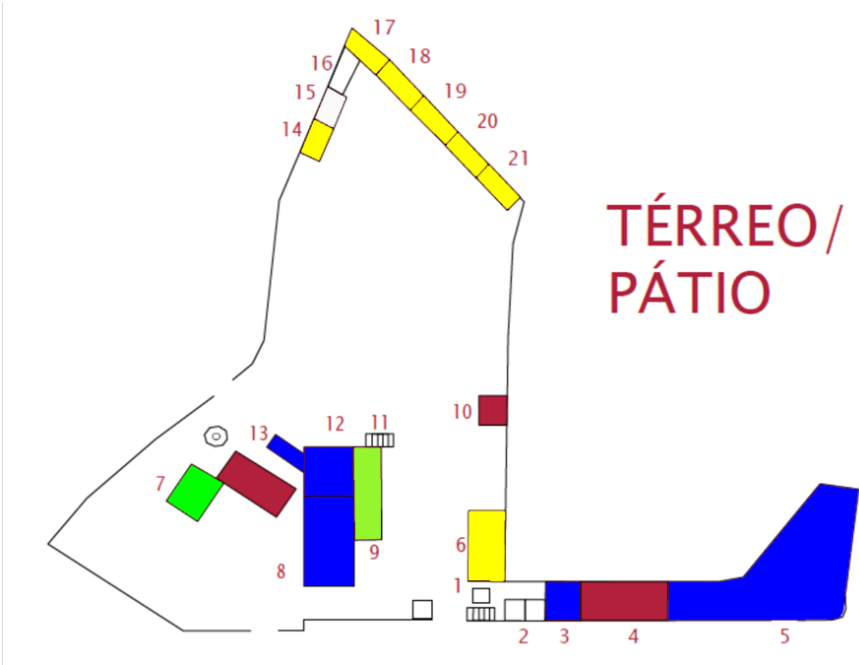
Para fazer a distribuição por atividade econômica, foram usados os segmentos trabalhados pela indústria criativa e, nesse caso, teve como base a publicação de *United Nations Conference on Trade and Development* (Unctad) de 2024, intitulada de *Creative Economy Outlook 2024*, em que constam os dez grupos da indústria criativa: *Advertising and marketing* (Propaganda e marketing), *Architecture* (Arquitetura), *Audiovisual, multimedia and photography* (Audiovisual, multimídia e fotografia), *Books and publishing* (Livros e publicação), *Cultural and natural heritage* (Patrimônio cultural e natural), *Design: product, graphic and fashion design* (Design: produto, gráfico e moda), *Manufacturing of crafts and design goods* (Produção de artesanato e design de produtos), *Music, performing and visual arts* (Música, performance e artes visuais), *Software, video games, computer and web services* (Software, videogames, computador e serviços de web), *Research and development* (Pesquisa e desenvolvimento). No anexo I, há a tabela com mais informações sobre o que cada grupo engloba.

Acredita-se que a Fábrica Bhering é um polo da indústria criativa por englobar tanto a construção, um patrimônio cultural, quanto por ter mais empresas com foco nas artes, moda e artesanato, um diferencial de outros prédios do tipo comercial, de escritórios. Nos mapas abaixo, as cores estão relacionadas a um determinado grupo da indústria criativa, entretanto nem todos os grupos apareceram, visto que não havia empresas com as respectivas atividades. O levantamento foi feito do próprio material da Fábrica Bhering, com a distribuição das empresas e seus nomes por andar, além do endereço do perfil no Instagram. Entre as empresas que não possuíam esse último, foi realizada uma pesquisa própria por meio de buscadores da internet, como o Google Chrome, para identificar a qual área de negócio estava ligada.

Como legenda de cores, deve-se saber que o vermelho representa o grupo *Music, performing and visual arts* (Música, performance e artes visuais); o amarelo, o grupo *Manufacturing of crafts and design goods* (Produção de artesanato e design de produtos); o verde, o grupo *Audiovisual, multimedia and photography* (Audiovisual, multimídia e fotografia); o laranja, o grupo *Books and publishing* (Livros e publicação); e o rosa, o grupo *Design: product, graphic and fashion design* (Design: produto, gráfico e moda). O azul foi usado para representar as empresas que não pertenciam a nenhum dos grupos, como restaurantes, do ramo alimentício e serviços de consultoria e curadoria. O cinza foi usado para

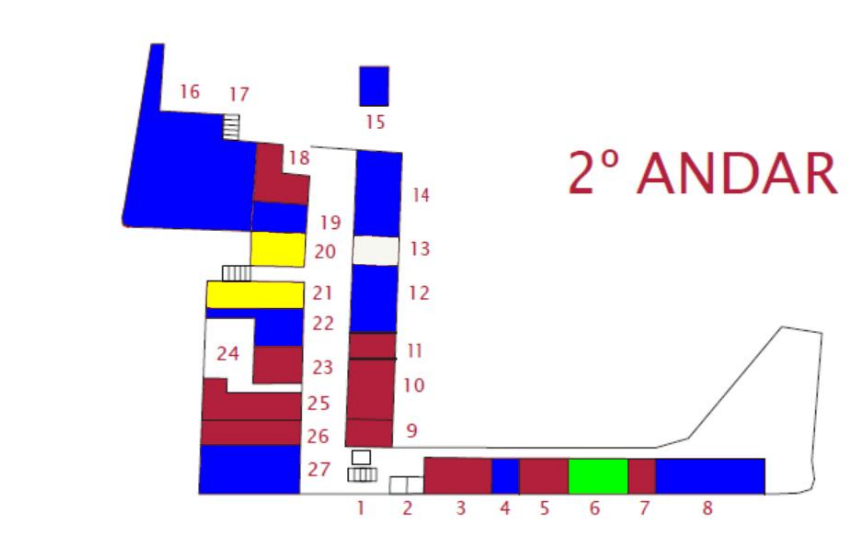
determinar as salas sem empresas instaladas e as empresas que não foram possíveis identificar o ramo do negócio.

Figura 71 – Distribuição das empresas em grupos no térreo/pátio.



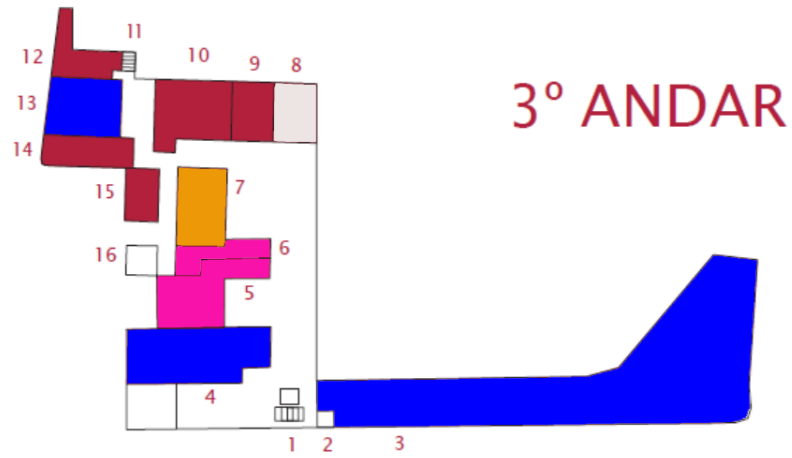
Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

Figura 72 – Distribuição das empresas em grupos no 2º andar.



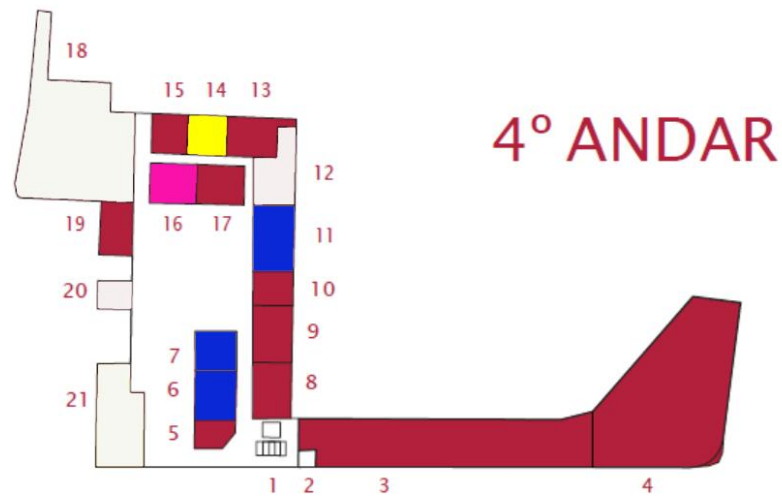
Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

Figura 73 – Distribuição das empresas em grupos no 3º andar.



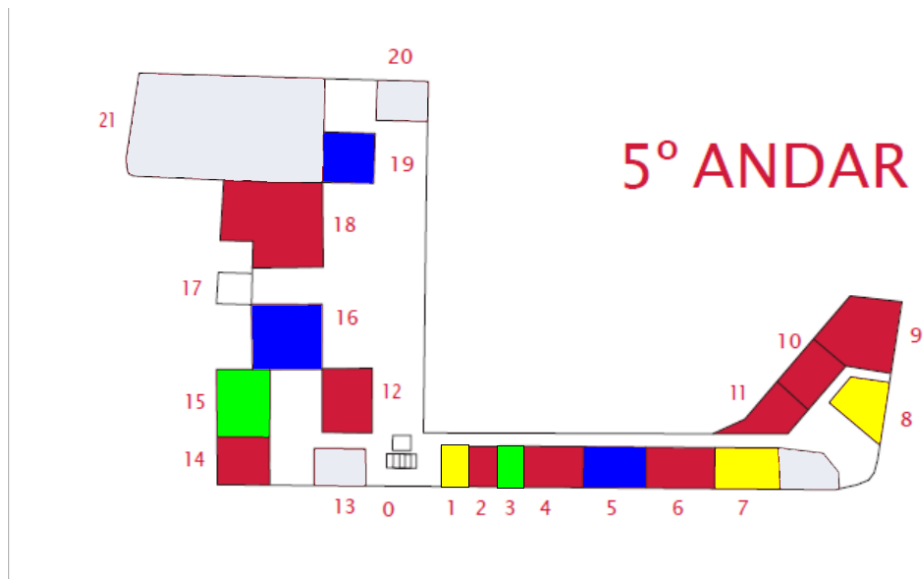
Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

Figura 74 – Distribuição das empresas em grupos no 4º andar.



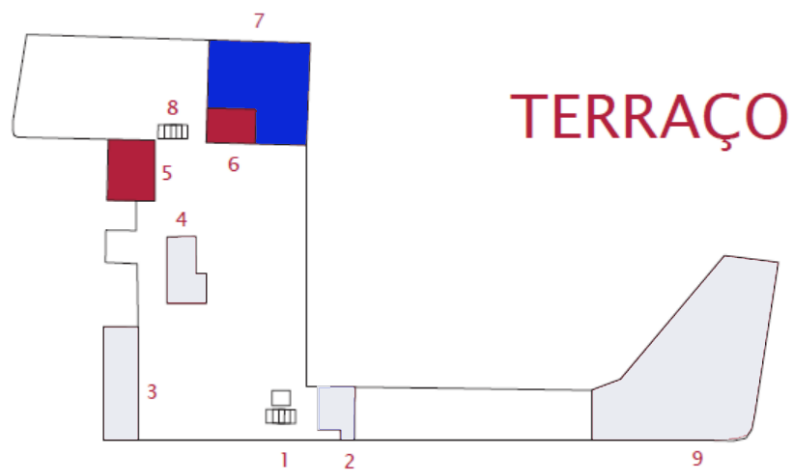
Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

Figura 75 – Distribuição das empresas em grupos no 5º andar.



Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

Figura 76 – Distribuição das empresas em grupos no terraço.



Fonte: Adaptado do arquivo da Fábrica Bhering, 2025.

A partir da análise das figuras acima, verificou-se que as empresas instaladas na Fábrica Bhering estão distribuídas da seguinte forma, conforme o ranking:

1. Música, performance e artes visuais (vermelho): 38 empresas
2. Outros (azul): 24 empresas
3. Produção de artesanato e design de produtos (amarelo): 13 empresas
4. Audiovisual, multimídia e fotografia (verde): 5 empresas
5. Design: produto, gráfico e moda (rosa): 3 empresas

6. Livros e publicação (laranja): 1 empresa

Observa-se que as empresas relacionadas às artes visuais, com ateliers e galerias, ocupam a maior parte das salas na Fábrica Bhering, construindo um perfil mais alinhado a um ambiente propício às artes. Mas também são encontrados negócios que produzem móveis e design/produção de jóias, roupas e bolsas, além de cerâmica. Até há um sebo, a Livraria da Fábrica, o único estabelecimento desse tipo de ramo. As salas servem de depósito, escritório, lugar de criação e produção de bens que no fim tem uma relação pertinente, fazendo do lugar um ambiente multicultural.

Como apontado por outro locatário, proprietário de um atelier onde produz e expõe suas obras, localizado no piso térreo e que desde 2022 está instalado no local, a Fábrica Bhering é um espaço de produção e não de comercialização. Mas durante os eventos organizados pela administração da fábrica ou pelos próprios locatários, que incentivam a visita de moradores e turistas, é viável que seja comercializado no local os produtos oferecidos pelas empresas, assim como haja divulgação das marcas e dos serviços. Tudo isso em um espaço arquitetônico singular que evoca história e memória.

A proposta do espaço foi o que atraiu uma artista plástica, que desde 2012 tem seu atelier no 4º andar. Ela viu uma reportagem sobre a Fábrica Bhering com seu novo uso e ficou interessada em se instalar no local. A construção com seu aspecto industrial e ocupada por outros artistas fez com que ela procurasse a administração para alugar uma sala. Ela escolheu o lugar, conforme a disponibilidade, e fez algumas adaptações para atender sua necessidade, como colocar um tanque no seu estúdio. Ela faz pinturas com barro e precisa de água para o seu trabalho.

Esse reconhecimento externo do lugar também foi percebido no evento que ocorreu em novembro de 2024, entre os dias 8 e 10 do mês, chamado de *Feira de Arte Aberta*. Foi a primeira edição desse projeto organizado por *Farm House of Creativity*³ e Prado Agência⁴, ambas empresas de marketing e eventos. Como o nome sugere, foi uma feira de arte com exposição de trabalhos de artes plásticas em algumas áreas do prédio 1, com destaque para o 5º andar, onde há uma enorme área aberta e o pombal (nome que aparece no respectivo mapa do andar do arquivo da Fábrica Bhering, sob o número 21). Foi feita a visita ao evento no dia 9 de novembro de 2025 e foi possível perceber uma diferença no lugar, principalmente no layout

³ Página web: www.farmhoc.com

⁴ Página web: www.pradoagencia.com

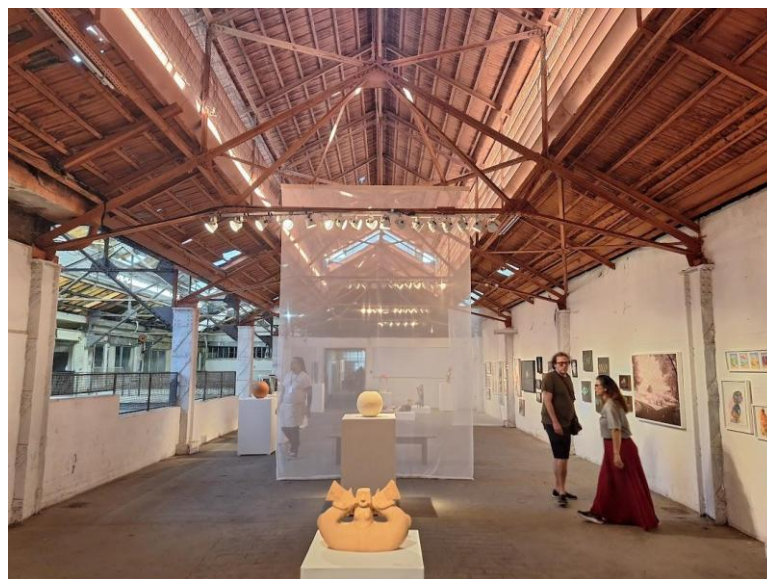
(Figuras 77, 78, 79 e 80) e nos serviços, com ascensorista no elevador e bombeiros, atraindo um público considerável ao checar o fluxo de pessoas pelas dependências da Fábrica Bhering. Esse acontecimento confirma a vocação cultural que o sítio possui.

Figura 77 – Entrada da exposição no 5º andar.



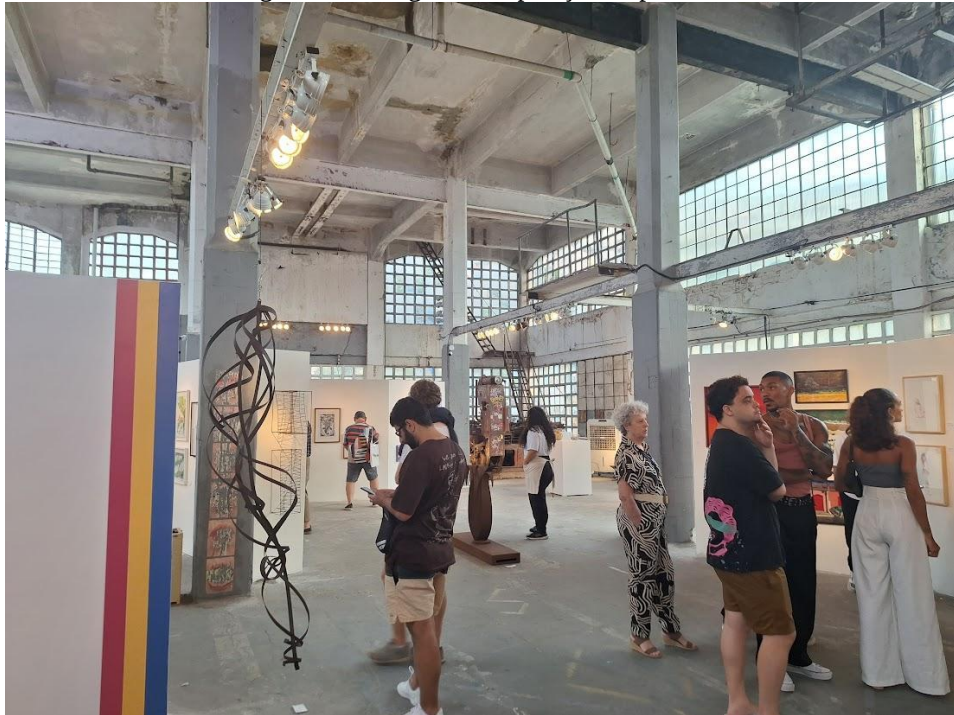
Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 78 – Imagem da exposição no 5º andar.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 79 – Imagem da exposição no pombal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 80 – Imagem do evento Feira de Arte no terraço.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

O projeto da Fábrica Bhering é único na cidade. Apesar de existirem outras construções remanescentes de antigas indústrias no Rio de Janeiro que foram reutilizadas e inseridas na vida cotidiana, esses projetos acabaram se tornando shoppings ou supermercados, mantendo apenas

a fachada original. No interior do prédio, há a descaracterização do espaço com a implantação de um layout moderno e um estilo padrão, organizado em lojas com vitrines ou em gôndolas. A pessoa perde as antigas referências do lugar, deixando de envolver o visitante e tornando o lugar em mais um sem identidade. São exemplos, o Shopping Nova América, no bairro de Del Castilho, zona norte da cidade, e o Bangu Shopping, na zona oeste.

O espaço com o novo uso precisa de reforma e manutenção para dar segurança às pessoas que nele transitam. A preservação é fundamental para manter suas características arquitetônicas e ao mesmo tempo, fazer as adaptações pertinentes para a nova demanda. A nova atividade ajuda nesse processo de preservar um bem antigo, ressignificando e valorizando algo que até então estava obsoleto. Mas em conjunto, deve-se ter as ações de reparo, controle e ajustes para o funcionamento seguro e a diminuição de riscos de danos e destruição desse patrimônio cultural carioca.

A atual proposta de uso da antiga fábrica de café e de chocolate Bhering está se consolidando e tem mais perspectivas de futuro do que as tentativas implementadas anteriormente. Para condizer com a atual função urbana da região portuária, que tem projetos sendo desenvolvidos nas áreas residencial e comercial e se distanciando cada vez mais da função industrial. A atual administração busca em pequenos negócios criativos, como a arte e o design, manter o espaço, possibilitando também a preservação de um bem arquitetônico e histórico que faz parte da memória dos brasileiros.

Quadro 1 – Cronologia da história da Fábrica Bhering.

1880	Criação da sociedade comercial Bhering & Silva com fábrica na rua Sete de Setembro n. 63.
1884	Mudança de proprietário e do nome da empresa para A. Bhering, mantendo o endereço da fábrica na rua Sete de Setembro n. 63.
1905	A fábrica da empresa Bhering & C. passa a ser na rua Treze de Maio n. 22 a 28, tendo o estoque na rua Sete de Setembro n. 85.
1916	Liquidação da empresa Bhering & C. com a saída da família Bhering da sociedade.
1917	Estabelece-se a sociedade Bhering & Cia com os direitos adquiridos da empresa anterior (Bhering & C.).
1925	A construção na rua Orestes n. 28 já existe e é usada como armazém nesse momento.
1931	A empresa consta com o registro de Bhering, Companhia S.A. A construção na rua Orestes n. 28 já está sendo usada para a fabricação do café Globo e passa a fabricar o mais recente produto da empresa, o fermento Bhering.

1932	Expansão dos negócios com a construção de uma fábrica em São Paulo para a produção do café Globo.
1933	Expansão dos negócios com a construção de uma fábrica em Mathias Barbosa, Minas Gerais, para a produção do café Globo.
1950	Modernização do maquinário com a instalação do torrador de café com controle eletrônico e da máquina automática de empacotamento.
1970	A fábrica está inativa com o encerramento dos negócios da Bhering, Companhia S.A. (ano aproximado).
1974	Ruy Barreto compra a marca Café Globo e a fábrica na rua Orestes n. 28. Há o registro comercial de Bhering, Produtos Alimentícios S.A.
1980/1990	A fábrica volta a ser usada para a produção de merenda escolar e alugada para empresas menores aproveitarem o maquinário existente (período aproximado).
2000	A partir dos anos 2000 a fábrica na rua Orestes n. 28 passa a ter novo uso, sendo transformada em espaço comercial e cultural.
2012	O complexo industrial é leiloado por dívidas com o estado. Prefeitura do Rio de Janeiro desapropria e tomba provisoriamente a Fábrica Bhering. As atividades culturais continuam no espaço.
2018	Prefeitura do Rio de Janeiro tomba definitivamente a Fábrica Bhering. As atividades culturais continuam no espaço.
2025	A Fábrica Bhering continua com as atividades de alocação do espaço para ateliers e empresas, além de organizar mensalmente evento para visitação do espaço pelo público.

3. PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E A FÁBRICA BHERING

Nesse capítulo, será discutido o patrimônio industrial e sua crescente importância como bem a ser preservado. O objeto passa a ser valorizado pela sociedade com a ampliação do entendimento do que é patrimônio cultural e é inserido nos trabalhos de conservação e restauro em prol da sua permanência.

3.1 Discussões acerca da preservação do patrimônio industrial

Com a ampliação do entendimento e do conceito de patrimônio cultural a partir de meados do século XX, a percepção sobre outros objetos existentes pela cidade mudou e com isso a sua valorização no sentido cultural. A partir disso, bens que antes não eram considerados monumentos históricos passam a ter atenção da sociedade. Esta, por sua vez, começa a se engajar em iniciativas de preservação, como é o caso do patrimônio singular de antigas fábricas que após encerrar seu funcionamento hoje suas construções permanecem conhecidas como patrimônio industrial.

Essa notoriedade possibilitou algumas ações em prol desse patrimônio. Em 1999, no Reino Unido⁵, foi criada uma organização internacional, *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage - TICCIH* (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial), reconhecido pelo ICOMOS como consultor sobre o assunto. No site da instituição⁶, consta que seu objetivo é “Its goals are to promote international cooperation in preserving, conserving, investigating, documenting, researching, interpreting, and advancing education of the industrial heritage.”⁷

Um dos seus trabalhos foi a criação da Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial, em 2003, em Assembleia Geral do órgão na cidade russa, apresentada ao ICOMOS e aprovada pela UNESCO. O documento é uma referência para os estudos sobre o tema e apresenta, entre outros conteúdos, a definição do objeto em questão:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico.

⁵ Conforme consta no documento de registro Registered Charity no 1079809 de 22 dez. 1999, disponível em: https://ticcih.org/wp-content/uploads/2016/02/TICCIH__Trust.pdf. Acesso em: 21 mar 2025.

⁶ Para mais informações consulte: www.ticcih.org

⁷ Promover a cooperação internacional na preservação, conservação, investigação, documentação, pesquisa, interpretação e educação avançada em patrimônio industrial (tradução própria). Disponível em: <https://ticcih.org/about/about-ticcih/>. Acesso em 21 mar. 2025.

Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.⁸ (TICCIH,2003, p. 3)

Observa-se que o património também é amplo e inclusivo, não se limitando ao prédio da fábrica e suas máquinas. Outras construções, objetos e locais relacionados à indústria também devem fazer parte da preservação. Conforme Beatriz Mugayar Kühl ressalta no artigo “Patrimônio industrial: algumas questões em aberto” (2010)

Um ponto importantíssimo é o próprio objeto dos estudos: todas as definições englobam também [...] todo o complexo de elementos relacionados à fábrica, e não apenas o local de produção em si. Isso se dá pelo fato de esses dados serem considerados essenciais para a compreensão do processo de industrialização em sua inteireza [...] Ademais, o interesse volta-se também aos produtos do processo de industrialização [...] a exemplo de mercados, igrejas, pavilhões, caixas-d’água e viadutos. (p. 26-27)

Esse fato vai ao encontro das políticas culturais mais recentes que procuram na diversidade a tentativa de representar de forma justa a história e identidade de uma nação. Assim, mais chances de manter interessantes bens que resistiram à destruição até os tempos atuais e que possam continuar à disposição da sociedade da melhor maneira, como com um novo uso.

O documento também aborda o conceito de arqueologia industrial, um termo usado para o estudo dos vestígios do período histórico desde meados do século XVIII com a Revolução Industrial até os dias atuais, incluindo mostras pré e proto industriais (TICCIH, 2003). Dessa forma, seria uma disciplina nas ciências voltada para a pesquisa, análise e reflexões sobre o património industrial.

Conforme consta na referida carta, os valores atrelados a esses bens culturais seriam o universal, social, científico e tecnológico, estético e o de raridade. O património industrial é constituído por vestígios da história econômica e política, que tiveram grande influência nas questões mundiais, assim como de pessoas que convivem ou conviveram nesse ambiente ao trabalhar ou visitar o local, conforme seu vínculo estabelecido. Também são marcas das formas de produzir segundo a engenharia e as técnicas da época, resultando em características

⁸ Com relação a questões sobre a forma da escrita, foi mantida a tradução do documento no idioma português conforme está disponível no site da TICCIH.

peculiares perceptíveis até na construção das suas instalações, como o próprio prédio da fábrica, e na sua maquinaria. Com a evolução do conhecimento e dos meios de produção, alguns objetos se tornaram obsoletos, atraindo a atenção pela sua antiguidade.

O valor cultural dos produtos fabricados também pode ser relacionado com a população. O ato de consumir o objeto gera memória, atrelando momentos da vida e até sabores inesquecíveis. Como a pesquisadora que se lembra de uma marca de biscoito que costumava levar em sua merendeira para o lanche da escola, antes do primário, e que tinha um sabor que não existe mais. O patrimônio industrial também levanta a questão da história por detrás do produto e da empresa, que não é percebida como relevante antes do fechamento e fim das atividades da fábrica.

O TICCIH expõe esse assunto no mesmo documento ao falar sobre o inventário, um instrumento para o estudo do patrimônio industrial. No caso, é mencionado que devem ser levantadas todas as características físicas e as condições do lugar nesse registro, antes ou logo após o fim de uma forma de trabalhar ou das atividades da fábrica, e deixar disponível em um arquivo público. A princípio, para ser consultado em caso de intervenção, mas também pode ser usado para registro da história do lugar. A ideia aqui seria interessante se as empresas tivessem mais conhecimento e práticas de arquivar documentos e objetos que poderiam ser trabalhados para a história do espaço.

Em 2011, foi elaborado outro documento relevante para o campo da preservação do patrimônio industrial, conhecido como “Os Princípios de Dublin”. Aprovado na 17ª Assembléia Geral do ICOMOS em 28 de novembro, os “Princípios conjuntos do ICOMOS-TICCIH para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Patrimônio Industrial” seguem a linha do documento anterior. Todavia, entende-se que houve um desenvolvimento na definição do legado das indústrias, aprofundando o conceito para a relação homem e meio ambiente e, assim, considerando o entorno e os bens imateriais, com as memórias sociais e as práticas do trabalho:

O património industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objectos ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou actuais processos de produção industrial, a extracção e a transformação de matérias-primas, e as infraestruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto que os processos industriais – quer sejam antigos ou modernos – dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir produtos a amplos mercados. Este património compreende activos fixos e variáveis, para além de dimensões imateriais, tais como saber-fazer técnicos, a organização do trabalho e dos

trabalhadores, ou um complexo legado de práticas sociais e culturais resultantes da influência da indústria na vida das comunidades, as quais provocaram decisivas mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral. (ICOMOS, 201, p. 2)⁹

Os princípios estão distribuídos em quatro categorias, divididas em: estudar e compreender; assegurar uma eficaz proteção e conservação; conservar e manter; e apresentar e comunicar as dimensões e os valores patrimoniais para aumentar a conscientização pública e empresarial e apoiar a educação e a investigação das estruturas, sítios, áreas e paisagens industriais.

Em geral, o documento aborda os assuntos sobre a valorização e proteção desse bem cultural singular, destacando a questão da preservação do conjunto de edifícios e conteúdos de um sítio industrial, em prol de tentar manter ao máximo a sua completude e integridade. Observa-se uma maior atenção no papel desse legado como fonte de conhecimento e aprendizagem ao mostrar a história local, do país e até do mundo. Então, deve-se incentivar ações de educação, como visitas, museus e exposições no local, além de publicações, que possibilitem o acesso e o contato das pessoas e assim elas possam compreender a importância, e inclusive a relação que possuem, aproximando e criando uma ligação que vai ajudar na valorização e na preservação da herança industrial.

O texto ainda ressalta que o significado e o valor do patrimônio industrial são específicos dos bens que o compõe. Dessa forma, observa-se que cada legado é único e por isso deve ser analisado de forma individual, para entender melhor as suas características, formas e conteúdos. Como resultado, amplia-se a compreensão da relevância de cada artefato e sítio e da sua conservação.

O processo de patrimonialização de antigas fábricas é decorrente da valorização das construções que perdem seu uso original, devido às transformações históricas mundiais e consequentemente locais. Novos sentidos são atrelados a esses vestígios, como o da memória e o da herança, como aborda Maria Leticia Mazzucchi Ferreira no seu artigo “Patrimônio Cultural: lugares de trabalho, lugares de memória”, (2009), publicado na *Revista Museologia e Patrimônio*. Para ela

Na verdade, os lugares de memória se instauram quando já não há mais o referente. No caso do patrimônio industrial podemos afirmar que esse surge

⁹ Com relação a questões sobre a forma da escrita, foi mantida a tradução do documento no idioma português conforme consta no documento consultado.

quando os métodos tradicionais de trabalho industrial foram sendo substituídos no decurso do segundo quartel do século XX pelo desenvolvimento de tecnologias avançadas que logo lançaram à categoria de obsoletos os prédios, máquinas, formas e processos de produção industrial remanescentes, em sua maior parte, de tecnologias surgidas no século XIX ou primeiras décadas do século XX.

No seu sentido mais amplo o patrimônio industrial se relaciona com processos produtivos, modelos empresariais, matrizes tecnológicas que após cumprirem seu ciclo evolutivo, desapareceram. Os vestígios materiais e imateriais dessas atividades são testemunhos de mudanças culturais que acompanham os modelos produtivos que se sucedem.

Nesse quadro de rápida substituição dos processos produtivos e tecnológicos por outros que possam dar conta de um mundo em constante mutação, muitos estabelecimentos e processos industriais foram destruídos ou simplesmente substituídos. (Ferreira, 2009, p. 22-23)

A autora também menciona que “[...] o discurso patrimonial transformou em uma visão aceitável e consumível [...]” (Ferreira, 2009, p. 23). A visão cultural do objeto e da técnica possibilitou a preservação do patrimônio industrial. Por meio da musealização, da revitalização, entre outros, pensa-se em novas formas de permanência desses bens materiais e imateriais, contribuindo para a visibilidade, como o da arquitetura industrial, antes abandonada e ignorada, e desenvolvendo o turismo, que é promovido com esse processo de patrimonialização (Ferreira, 2009).

Ferreira (2009) também menciona a importância de saber trabalhar com a preservação do patrimônio industrial para que não se perca totalmente as funções originais e a ideia que se tinha do seu papel na paisagem cultural inserida. Assim como, de refletir sobre as formas de patrimonialização, as novas expressões e representações na construção desse novo bem.

Entende-se que são relevantes as iniciativas de conservação de objetos oriundos de antigas indústrias, mas também é necessária a consciência das implicações da patrimonialização. Acima de qualquer ação está a memória coletiva, que deve ser respeitada em um projeto de ocupação, reutilização, manutenção ou restauro. Qualquer intervenção deve procurar aproveitar o potencial do objeto com o mínimo possível de descaracterização para não perder a história e sua relação com o entorno.

A musealização é um instrumento que ressignifica o patrimônio industrial e possibilita um novo uso do espaço e de seus objetos. Como abordado pela UNESCO, em 2015, no documento *Recommendation Concerning the Protection and Promotion of Museums and Collections, their Diversity and their Role in Society*¹⁰, os museus são espaços de transmissão

¹⁰ Recomendação em relação à Proteção e Promoção de Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na sociedade em tradução livre.

de cultura, aprendizado, discussão e educação, entre outros, que tem o potencial de conscientizar o público sobre a importância do patrimônio cultural, assim como o da sua responsabilidade na preservação, e ajudam no desenvolvimento econômico por meio da indústria cultural e criativa e do turismo.

Além da função educativa, Ronaldo André Rodrigues da Silva menciona o papel recreativo dos museus no seu artigo *Patrimônio industrial: propostas de musealização no Brasil* (2020), que também apresenta os termos memória do trabalho e museus industriais, pertinentes para o estudo de novos usos para os bens industriais. A atividade museológica ajuda na preservação de vestígios materiais e imateriais, da mesma maneira que na divulgação e no conhecimento das pessoas, compatível com o trabalho de patrimonialização, especialmente da herança industrial.

Dada a complexidade da preservação de grandes áreas, máquinas industriais e da funcionalidade de outros objetos relacionados à memória do trabalho e da empresa, o museu é uma alternativa viável e pertinente para a reutilização. Ele tanto pode aproveitar a construção, que já é uma parte da coleção a ser exibida, quanto os outros elementos a serem expostos em sua exibição. Contudo, essa ideia também vai depender da gestão museológica e da compreensão sobre o que e como preservar ou se vai valorizar o acervo ou a forma de apresentar esse acervo, que pode alterar a configuração do espaço em prol de instalações que atendam o projeto do museu. É importante pensar o patrimônio cultural como um museu, do seu valor museológico, que para evitar perdas irreparáveis e descaracterizações do objeto principal, precisa ser preservado o máximo que for possível.

Kühl, em seu livro *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro* (2008), trata sobre o restauro do patrimônio cultural, em especial o industrial, e a importância que se deve dar a esse projeto, visto que é um ato de cultura e não apenas uma forma de conservação, uma atividade técnica. Como aborda Manoela Rossinetti Rufinoni, no seu livro *Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais* (2013),

O restauro entendido como ato crítico, como vimos, remete a uma atitude de cunho intelectual, sem fórmulas prontas, porém pautada por um claro entendimento dos moventes culturais da preservação, das características do bem a ser preservado e do caráter histórico-crítico das análises a serem efetuadas. (Rufinoni, 2013, p. 195)

Devido a algumas peculiaridades desse tipo de legado cultural, como extensas áreas localizadas em lugares com interesse imobiliário e a falta de percepção do valor histórico e memorial, o bem industrial sofre com a descaracterização, a degradação ou a demolição. Observa-se a relevância do conhecimento sobre as peculiaridades desse patrimônio para os projetos de preservação para que consigam realmente manter a relação passado, presente e futuro.

Rufinoni (2013) destaca que a questão econômica ou funcional de um sítio industrial prevalece sobre a do patrimônio cultural, das suas qualidades históricas, estéticas, materiais, espaciais, compositivas, sociais e memoriais. Ainda há uma dificuldade em reconhecer o valor patrimonial desses vestígios da relação homem, meio ambiente, sociedade e trabalho. O mercado imobiliário conquista e realiza mais projetos do que a preservação.

Apesar dessa realidade, é possível trabalhar de uma forma conjunta entre os dois valores, como apresenta a autora. É necessário ter um equilíbrio entre o valor cultural e o econômico, por meio do respeito das especificidades desse tipo de legado, das suas características e da inserção de novos elementos com o reuso, que sejam condizentes com o preexistente.

Também se deve mudar a percepção e a forma de trabalhar com esses objetos, entendendo que eles não são receptáculos, que devem se adaptar somente às necessidades exteriores. A transformação ocorrerá, porém deve acontecer com um projeto criterioso. Entende-se que a pesquisa e a análise crítica são as ferramentas para conseguir atingir esse objetivo.

A chave é trabalhar em conjunto, de forma integrada o restauro, a preservação e a intervenção (Rufinoni, 2013). Os projetos não devem priorizar somente o lado econômico e funcional nas ações sobre áreas industriais de interesse cultural, usando esse aspecto como forma de apenas agregar valor, um status, algo superficial e que não protege as características documentais e memoriais do patrimônio industrial. Entende-se da mesma forma que a preservação deve considerar as condições passíveis, tendo a discussão dos vários campos de conhecimento relacionados ao tema.

Da mesma forma, é o pensamento de Kühl (2008) que trata essa relação do antigo com o novo, da conservação com a transformação, sendo como dialética e deve ser em consonância para ter um resultado eficiente e respeitoso. No caso, o legado industrial terá uma nova dimensão econômica e social, como o turismo, que substituirá a economia anterior que desenvolvia os trabalhos no local. Entretanto, os motivos do novo uso deverão estar subordinados à análise histórico-crítica para respeitar e valorizar a obra, seu estilo e sua

identidade a fim de evitar a substituição do existente. Deverá procurar a mínima intervenção visto que é um documento histórico. A arquitetura atual, contemporânea, deve ser feita em e para o contexto histórico daquele bem que está sendo preservado e reinserido na sociedade.

Como apresentado, conhecimento e diretrizes existem para ajudar no processo de proteção e valorização dos bens culturais e industriais, mas há a distância entre a teoria e a prática. Na verdade, nota-se a falta de interesse de investir consideravelmente em todas as etapas que requer o restauro, como pesquisa, análise, elaboração do plano, organização da equipe adequada, orçamento compatível e cronograma.

O processo é longo e requer capital para financiá-lo. É necessário do investidor um desejo maior que o retorno financeiro, o lucro, mas a vontade de preservar um bem com seus valores estéticos, históricos e culturais. Nota-se um movimento em prol do patrimônio industrial com projetos de restauração e reutilização como é possível verificar no Brasil, em Portugal, na Inglaterra e na Itália, por exemplo.

Como será abordado nas seguintes subseções, a iniciativa, ainda privada, tem agido em empreendimentos com base em antigas construções fabris, cada um com suas especificidades e propostas, oferecendo áreas de lazer e de trabalho para sua população e visitantes.

3.2 Experiências de projetos culturais e turísticos do patrimônio industrial

Em outros países, há projetos de conversão de uso do patrimônio industrial com fins culturais. Portugal, Reino Unido e Itália possuem exemplos de ocupações em construções de antigas fábricas, reaproveitando o espaço e oferecendo um atrativo turístico e de lazer para a população e os visitantes. Ao longo dessa subseção, serão apresentadas as experiências de três exemplares de patrimônios industriais que se tornaram centros culturais.

O primeiro exemplo é o LX Factory, localizado na cidade de Lisboa, a capital portuguesa. A construção pertenceu à Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, no bairro de Alcântara, em 1946, mas depois serviu como instalação da Companhia Industrial de Portugal e Colônias, da tipografia Anuário Comercial de Portugal e da Gráfica Mirandela, com uma área total de 23.000 m² ¹¹.

Na verdade, o conjunto existente na atualidade foi se formando ao longo do tempo, visto que a empresa fabril foi ampliando sua estrutura, construindo além do edifício principal (de

¹¹ Conforme consta no site da instituição: <https://lxfactory.com/o-lxfactory/> Acesso em: 13 abr. 2025.

1849), mais cinco edifícios chamados de Fábrica Pequena (entre 1851 e 1855) e mais uma edificação, a Oficina Nova (em 1900). Em 1873, foi construída uma vila operária nos fundos da fábrica, sendo ela um projeto pioneiro em Lisboa. Essas informações foram obtidas por meio do órgão público responsável pela gestão do patrimônio cultural imóvel e imaterial de Portugal, o Património Cultural, I.P, mais especificamente, na ficha do processo de classificação (o tombamento no Brasil) em monumento, disponível online no site oficial do instituto.

No mesmo documento, é possível verificar que a iniciativa de tombamento do edifício principal não teve sucesso, sendo o pedido revogado e a proteção legal considerada não aplicável ao bem. Com isso, a construção não foi considerada um patrimônio cultural pelo estado. Mas esse fato não comprometeu a preservação do sítio, visto que uma empresa privada, *Mainside Investments*, compra a propriedade e instala a LX Factory em 2008¹².

No seu trabalho de mestrado, intitulado *Reconversão de património industrial: a realidade das cidades de Lisboa e São Paulo* (2017), Carolina Sofia Lopes de Azevedo apresenta uma cronologia pertinente para compreender com mais detalhes a história desse bem industrial, conforme consta na figura 81.

Além disso, observa-se que em 2017 houve mudança dos proprietários, que passou a ser a *Keys Asset Management*, uma empresa de investimento em fundos imobiliários, como consta em seu site¹³. Interessante notar a diferença entre as duas últimas donas da antiga fábrica têxtil: a *Mainside* é uma empresa portuguesa especializada em projetos de arquitetura que reformam os edifícios, dando outro uso, como abordam em seu site: “Sabemos ver o que eles foram, ouvimos o que nos dizem, e damos-lhes um novo sentido de futuro, alinhado com o seu passado. Nos alicerces da sua alma, cada edifício renasce livre e diferente.”¹⁴

¹² Património Cultural. Area Urbana de Alcântara. In: Sistema de informação para o património arquitectónico. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=34138. Acesso em: 31 ago 2025.

¹³ Disponível em: <https://www.keys-reim.com/en/le-groupe/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://mainside.pt/sobre/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

Figura 81 - Cronologia do bem industrial da LX Factory.

Cronologia	1846 – Compra do terreno onde se veio a implantar a Companhia ao Conde da Ponte
	1849 – Inauguração do primeiro edifício do conjunto, o principal
	1851/1855 – Construção da Fábrica Pequena
	1873 – Construção da Vila Operária
	1888/1900 – Construção da Nova Oficina
	1922/1950 – Construção de novos edifícios
	1917 – Companhia cessa o funcionamento
	1918 – Companhia Industrial de Portugal e Colónias compra o conjunto
	1961 – Tipografia Anuário Comercial de Portugal compra o conjunto
	1980 – Gráfica Mirandela compra o conjunto
	1977 – Proposta de classificação como Imóvel de Interesse Nacional
	2007 – Revogação da classificação
	2007 – MainSide comprou o complexo
	2008 – Abertura da Lx Factory
	2017 – Keys Asset Management compra o complexo

Fonte: Azevedo, 2017.

Azevedo (2017) menciona que apesar do interesse das duas empresas em preservar o bem industrial, o fato do lugar estar nos planos urbanísticos de Alcântara e integrado em parte na Zona Especial de Proteção do Palácio da Sabugosa¹⁵ ajudou na sua proteção. A autora considera o projeto de reconversão como satisfatório por não ter comprometido com a característica do patrimônio industrial e menciona também

Desta forma, no caso da LX Factory, o que aparenta ter ditado o sucesso na preservação da memória da antiga fábrica e do seu testemunho industrial e arquitetónico relaciona-se com: o carácter pouco interventivo do projeto de reconversão determinado pela empresa que explorou inicialmente o espaço, a Mainside, e a flexibilidade do programa em se integrar no espaço pré-existente e de integrar os testemunhos móveis já existentes. (Azevedo, 2017, p. 53)

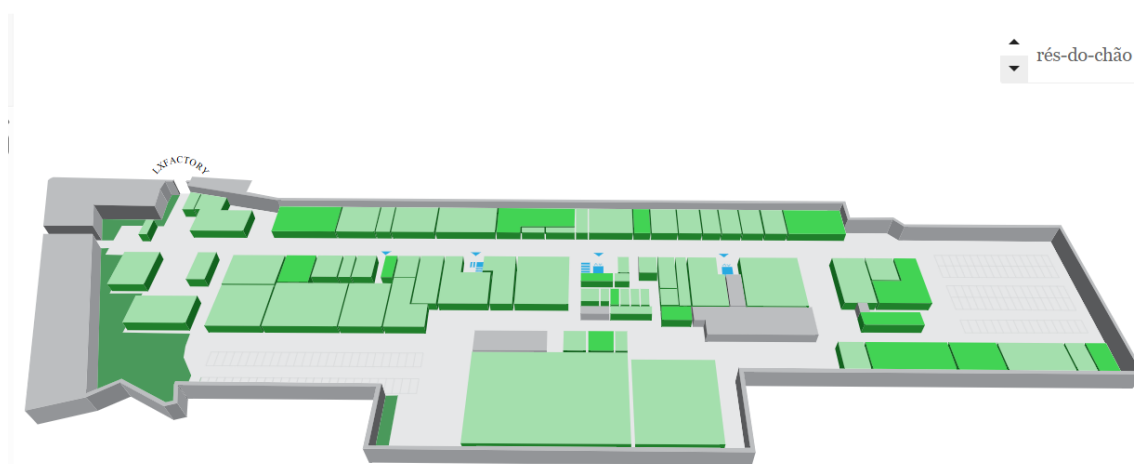
Conforme consta no site da própria instituição (www.lxfactory.com), em 2025, no lugar há instalado o total de 137 empresas, sendo 19 restaurantes, 30 lojas, 71 escritórios e 17 outros, sendo as figuras 82, 83, 84, 85 e 86 as plantas dos andares do conjunto edificado (em verde claro, são os espaços ocupados nesse momento, enquanto em verde escuro, não há nenhuma

¹⁵ Criada pela Portaria n.º 262/2012 em 22 de junho, considera o edifício da antiga companhia lisboense como um dos testemunhos da vocação industrial do bairro de Alcântara, onde se encontra o bem imóvel classificado como monumento de interesse público, o Palácio de Sabugosa e Jardins, e protege legalmente o conjunto urbano de qualquer ação que comprometa o entorno visual e o contexto histórico da zona de especial proteção (ZEP). Disponível em: <https://files.dre.pt/2s/2012/06/125000000/2286522866.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.

empresa instalada). Também há eventos do espaço, o Open Day, realizado duas vezes ao ano e como é abordado, o mais midiático. Entretanto, cada empresa também promove o seu evento que é divulgado na página eletrônica do LX Factory. O LX Factory se apresenta como uma fábrica de experiências e como

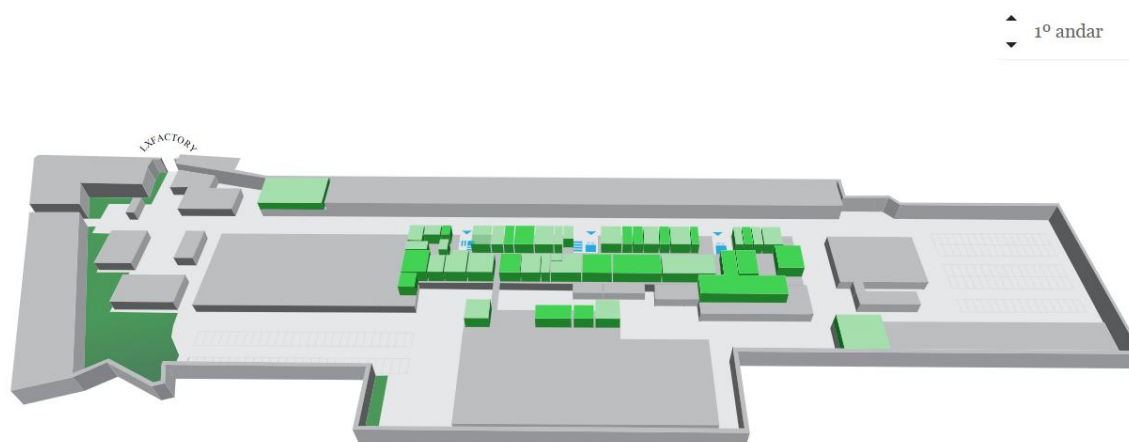
Uma ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria também tem sido cenário de um diverso leque de acontecimentos nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimídia, arte, arquitectura, música, etc. gerando uma dinâmica que tem atraído inúmeros visitantes a redescobrir esta zona de Alcântara. (LX Factory, 2025, n.p.)

Figura 82 – Planta do andar térreo da LX Factory.



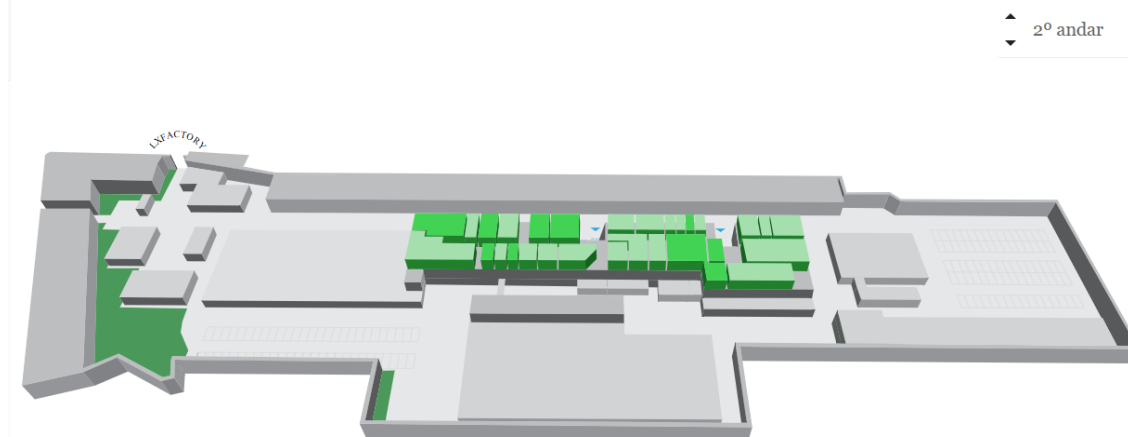
Fonte: LX Factory, 2025.

Figura 83 - Planta do 1º andar da LX Factory.



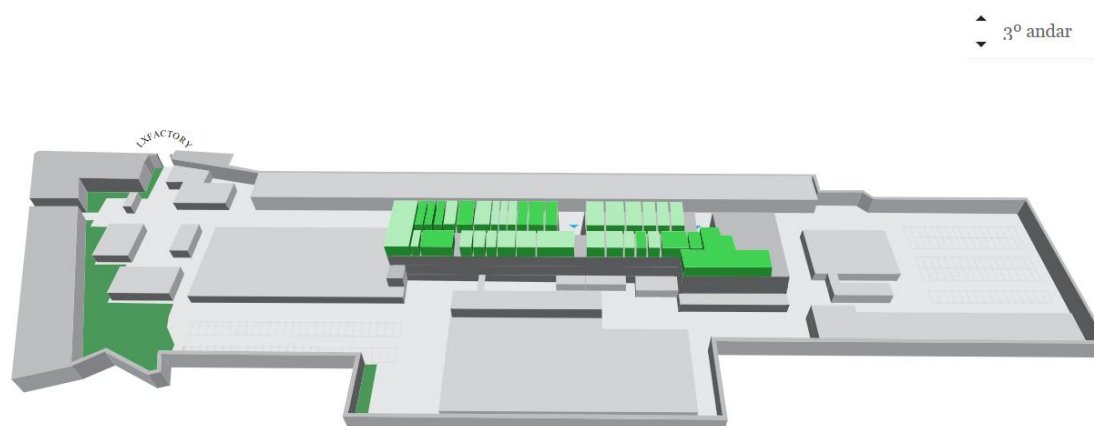
Fonte: LX Factory, 2025.

Figura 84 - Planta do 2º andar da LX Factory.



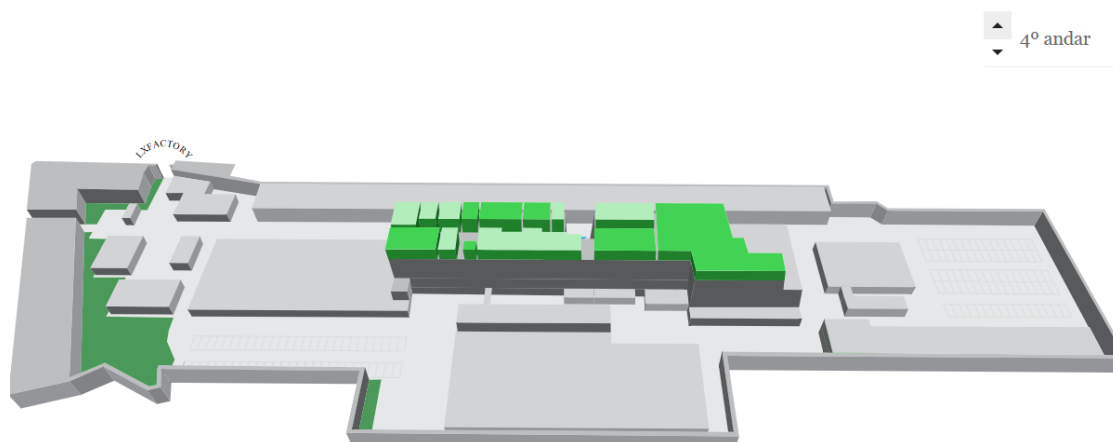
Fonte: LX Factory, 2025.

Figura 85 - Planta do 3º andar da LX Factory.



Fonte: LX Factory, 2025.

Figura 86 - Planta do 4º andar da LX Factory.



Fonte: LX Factory, 2025.

No momento, a LX Factory é administrada por uma empresa especializada em gestão de centros comerciais da Europa, a *Multi Corporation*, conforme conversa com sua representante¹⁶. Também foi informado que o espaço foi adquirido pelos atuais proprietários com o intuito de criar um centro comercial, com salas de escritórios e armazéns, sem a ideia de abrir o acesso para o público. A proposta cresce aos poucos e casualmente, chegando a abrir negócios de comida para atender inicialmente as pessoas que trabalhavam no local. Posteriormente abre para pequenos comércios locais, como a livraria.

Questionada sobre o que é feito para a preservação do bem, a representante da atual gestão informou na conversa que há um trabalho de consultoria para equilibrar a preservação da identidade do local com o desenvolvimento urbano e que eles têm o foco na reabilitação do patrimônio e a sua valorização como um centro histórico, comercial e artístico. Nas figuras 87, 88 e 89, é possível verificar algumas áreas do patrimônio industrial como LX Factory.

¹⁶ Conversa feita por email enviado nos dias 9 e 11 de agosto de 2025 e respondido por Sara Carvalho, que teve as seguintes perguntas:

- Como e por quem é feita a gestão atualmente?
- A construção pertence a quem?
- De quem foi a iniciativa do restauro? Poder público ou iniciativa privada?
- A construção é tombada?
- Como é trabalhada a questão do local como um patrimônio cultural e turístico?
- No caso, a Multi só faz a gestão do lugar para os proprietários ou a Multi é a proprietária também?
- Saberá me dizer de onde surgiu o interesse pelo local e de abrir um espaço comercial nele?

Figura 87 - Área aberta da LX Factory.



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Figura 88 - Interior andar da LX Factory.



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Figura 89 - Construção da antiga fábrica na LX Factory.



Fonte: Acervo próprio, 2018.

A outra experiência de preservação do patrimônio industrial apresentada aqui se situa em Londres, na Inglaterra, onde há o *Battersea Power Station*, uma antiga estação que fornecia energia para a cidade. Localizada no bairro de *Wandsworth* (London Borough), esse projeto faz parte de um plano de reurbanização que também visa a construção de prédios residenciais, atraindo as pessoas para uma outra área londrina. Como consta no site

www.batterseapowerstation.co.uk, o espaço é um shopping e um destino de lazer em um bem tombado¹⁷.

Desde 1980, a construção é legalmente protegida, por seu valor histórico e arquitetônico, pelo poder público, por meio do *Historic London*, o órgão responsável por preservar o patrimônio cultural inglês, fazendo parte de *National Heritage List for England* (NHLE). Conforme consta na ficha do bem tombado, ele é composto de estrutura de aço revestida com tijolos marrons *Blockley* (remete a marca ou a uma cidade no interior inglês que possui suas construções com esse tipo de tijolo), telhados de concreto armado, chaminés de concreto pré-moldado e janelas de estrutura de metal da marca Crittall (NHLE, 2025, p [2]).

No documento ainda constam outras características arquitetônicas, relacionadas à sua planta, o seu interior e exterior. Destaca-se um traçado simétrico, em que havia duas usinas elétricas que ficavam nas estações independentes A e B e compostas por caldeiras, casas de turbina e casas de manobras, com janelas altas e quatro chaminés “projetadas como colunas dóricas caneladas e têm dois anéis de eixo no topo.” (NHLE, 2005, p. [3], tradução própria)¹⁸.

Cada estação se diferenciava na sua decoração, como é possível observar na descrição do patrimônio industrial tutelado. Na estação A, ficava a porta de bronze com o tema da energia, entrada e escadaria da sala dos diretores em mármore, elevador de vidro com estrutura de aço e portas de bronze, estilo Art Déco, painel de controle original em L e móveis com fina camada de nogueira. A estação B segue o estilo moderno e possui equipamentos da sala de manobras, mesas e painéis de controle de 1950 no piso superior e painéis de controle originais em aço e em formato de arco no piso inferior.

A importância para a sua preservação é devido aos seus valores arquitetônicos e históricos. O patrimônio é classificado como Grade II*, em que a construção é particularmente importante de interesse mais do que especial¹⁹, como consta no documento do *Historic England*. Como resumo de importância (*Summary of Importance*) é apresentado:

A Usina Elétrica de Battersea é de grande interesse arquitetônico, sendo um exemplo monumental de um edifício de serviços públicos do período

¹⁷ Disponível em:

https://batterseapowerstation.co.uk/?_gl=1*km33p3*_up*MQ..*_ga*MTEzNzEzMDc0My4xNzU4Mzg5MDM1*_ga_T207470CB7*czE3NTgzODEwMzUkbzEkZzAkdDE3NTgzODEwMzUkajYwJGwwJGgw. Acesso em: 20 set. 2025.

¹⁸ “The chimneys are designed as fluted Doric columns and have 2 shaft rings at the top.”

¹⁹ Os edifícios tombados, parques ou jardins registrados são classificados conforme seu interesse especial em um contexto nacional, podendo também ser Grade I – com excepcional interesse especial ou Grade II – de interesse especial, como apresentado no site do *Historic England*. Disponível em: <https://historicengland.org.uk/listing/the-list/understanding-list-entries/>. Acesso em: 20 set. 2025.

entreguerras, projetado por um arquiteto renomado de sua época. O interior mantém elementos de grande importância, mas passou por consideráveis alterações, incluindo a remoção de todo o maquinário. A melhoria leva em consideração o grau de perda e reconhece a poderosa importância arquitetônica e histórica do edifício. (NHLE, 2005, p. [7], tradução própria)²⁰

A estação de energia de *Battersea* data de 1929 quando começou a construção da estação A, e finalizada em 1935 e, posteriormente, com a da estação B, entre 1937 e 1941. No início, só possuía 2 chaminés, ganhando a quarta em 1944, ano em que também passou a gerar energia elétrica. Em 1983, foram encerradas totalmente as atividades no lugar, visto que a estação A já tinha sido desativada em 1975, ficando sua construção desde então abandonada.

Em 2012, o *Battersea Power Station* é comprado por investidores com o intuito de criar um novo espaço urbano londrino, aproveitando o seu entorno, com a construção de residenciais, parques, lojas e restaurantes. Estima-se uma área em torno de 170.000 m². A restauração começou em 2013 e procurou manter as características da construção para que os visitantes nunca esquecessem que estavam no *Battersea Power Station*²¹.

Aberto em 2022, o novo espaço para compras e lazer possui dois andares e oferece informações que contam a história da antiga estação de energia da cidade e sua transformação por meio de placas e totens, localizados dentro e fora do edifício; da exposição *Power of Place*, localizada no interior; da exibição de objetos vestígios da indústria pelo parque ao redor; do centro de informações *Heritage and Learning Hub* no arco ferroviário de *Grosvenor*; do projeto de história oral *Team Battersea Alumni* com a apresentação de depoimentos de antigos trabalhadores do local; e do elevador *Lift 109* que sobe os 109 metros de altura de uma das chaminés e oferece uma vista de Londres.

Esse projeto de reuso de um patrimônio cultural industrial é interessante por mostrar a possibilidade de restauro e de reinserir um bem obsoleto na vida cotidiana de uma cidade. Porém também é necessário investimento para conseguir realizar os interesses de preservar um bem cultural e criar formas de atrair o visitante ao local, no caso, com o comércio e as opções de lazer. A iniciativa privada foi essencial para o desenvolvimento desse trabalho, com capacidade financeira para aplicar no restauro da construção desse porte. Todavia, há o interesse

²⁰ “Battersea Power Station is of outstanding interest on architectural grounds as a monumental example of an inter-war utilities building, designed by a leading architect of his day. The interior retains elements of high importance but has undergone considerable alteration, including the removal of all machinery. The upgrading takes into account the degree of loss, and recognises the building’s powerful architectural and historic significance.”

²¹ Conforme consta no site do lugar: https://batterseapowerstation.co.uk/about/heritage-safeguarding-our-heritage/?_gl=1*1ndt53f*_up*MQ..*_ga*ODUxMzgyODI1LjE3NDg3ODM1OTQ.*_ga_T207470CB7*czE3NDg3ODM1OTMkbzEkZzEkdDE3NDg3ODU0MjAkajYwJGwwJGgw. Acesso em: 1 jun. 2025.

imobiliário também, com a criação de outra área para que os habitantes locais possam frequentar e se instalar em Londres.

Ao analisar esse projeto, percebe-se o foco comercial, no valor de uso, mais do que no valor de patrimônio. Novamente, o bem cultural é pensado em segundo lugar, como uma atração para o empreendimento, uma curiosidade que aumenta o interesse das pessoas. Sua estrutura física é preservada, mas, infelizmente, foi perdida parte do maquinário e o layout da indústria de energia. A musealização do sítio poderia ter sido trabalhada em uma das estações, pelo menos, podendo oferecer um atrativo cultural de qualidade.

Apesar de haver atividades oferecidas que contam a história do lugar, elas estão dispersas, localizadas em diferentes áreas, comprometendo o entendimento dos visitantes sobre esse patrimônio industrial tombado e a relevância da sua preservação. Foi feita a referência do espaço, mas acredita-se que o objetivo principal seja valorizar a área para atrair público para os investimentos ali realizados.

De qualquer forma, essa experiência mostra a possibilidade de se trabalhar em conjunto em prol da valorização e preservação de um artefato industrial e o desenvolvimento urbano. De repente, em outro momento, não seria preservado o prédio da antiga estação de energia, apagando de vez a história desse patrimônio e a possibilidade do contato e do conhecimento das pessoas.

Esse projeto e o de Lisboa mostram a iniciativa pública e privada em diferentes perspectivas. A primeira segue com a responsabilidade de tutelar o patrimônio industrial, valorizando o seu papel na história e na cultura de um lugar e garantindo a sua existência, a sua proteção, pelo menos, evitando a sua demolição e descaracterização. A segunda é a responsável em investir na conservação e manutenção, fazendo os trabalhos necessários para que se tornem possíveis os planos de reaproveitamento.

Nas figuras 90, 91, 92, 93 e 94, é possível verificar as transformações do sítio, da estação de energia ao centro de lazer e de compras *Battersea Power Station*, incluindo o interior das duas estações, com as adaptações necessárias para o novo uso, mas com vestígios da sua arquitetura industrial.

Figura 90 - Antiga estação de energia em 1935.



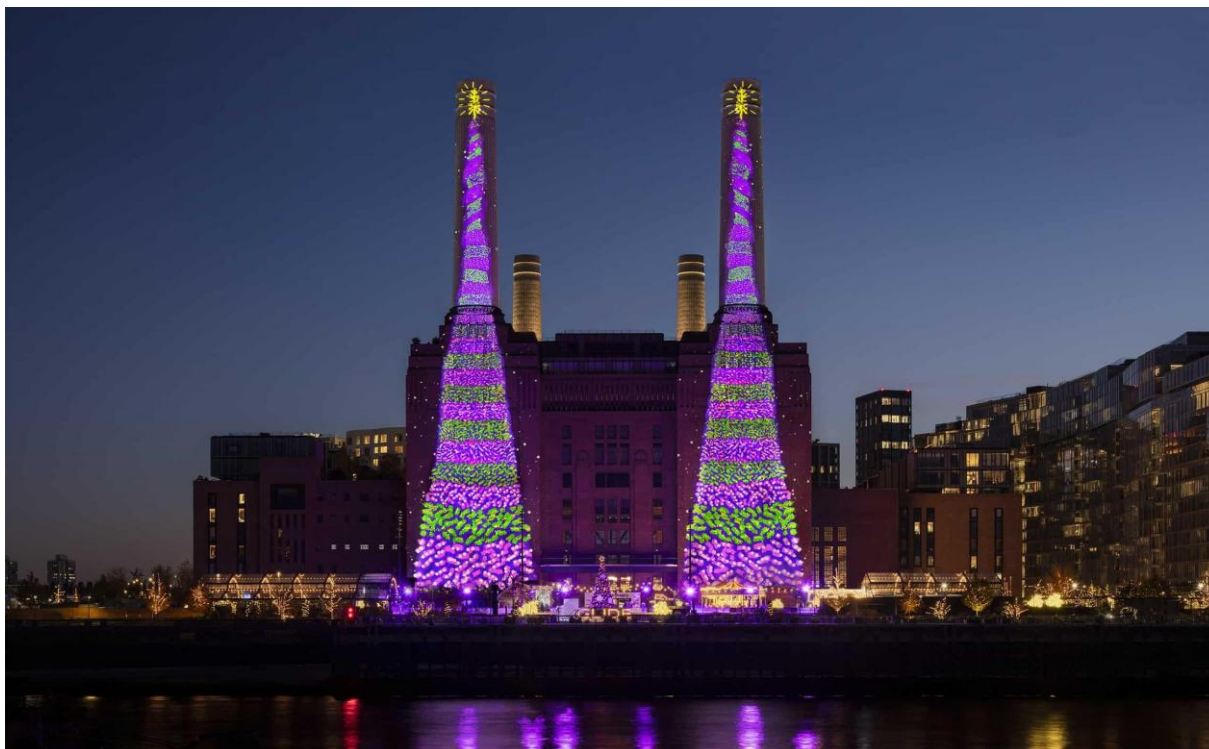
Fonte: *Battersea Power Station*, 2025.

Figura 91 - Antiga estação de energia com as quatro chaminés.



Fonte: *Battersea Power Station*, 2025.

Figura 92 - Fachada da *Battersea Power Station* no momento atual.



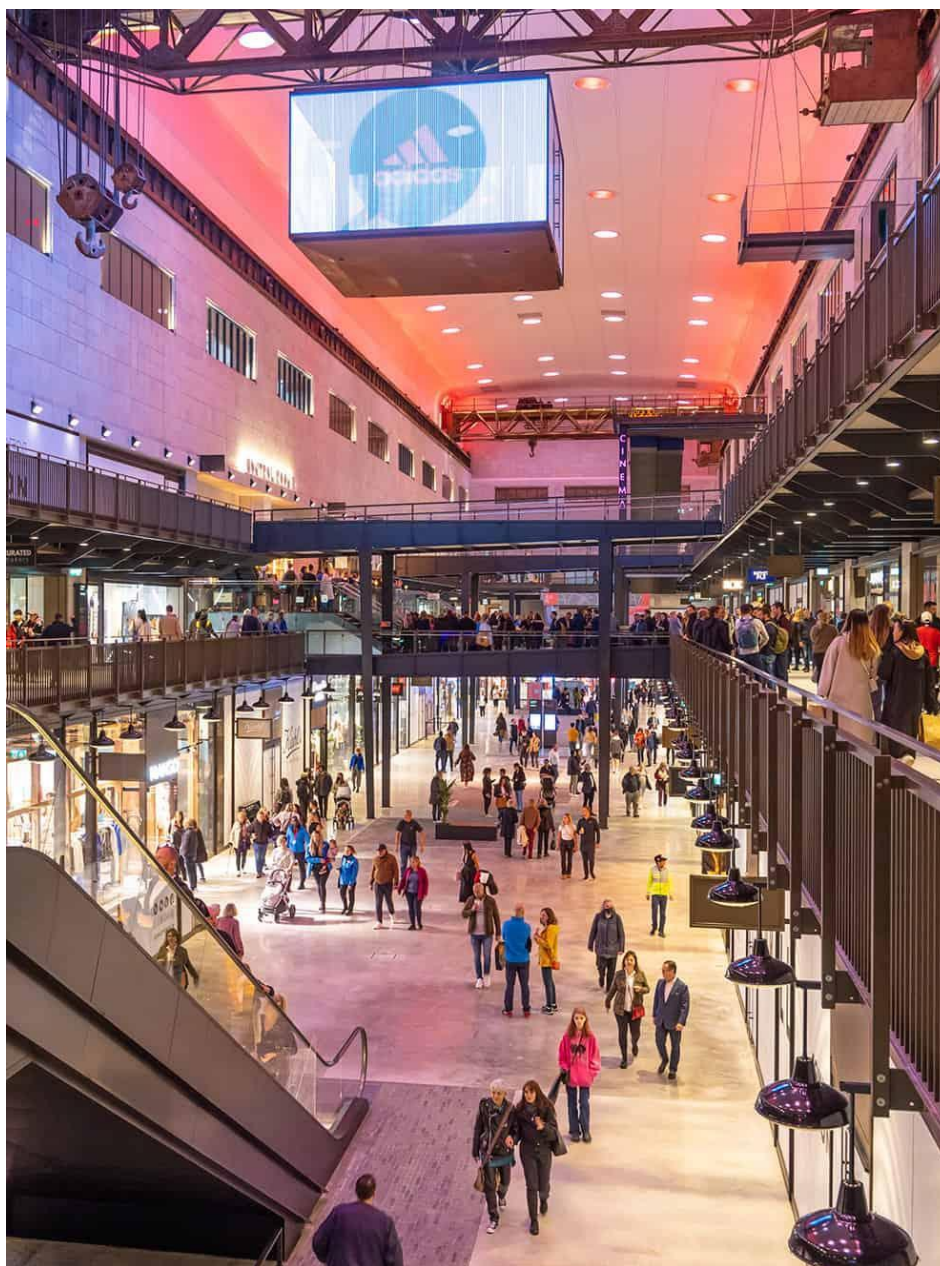
Fonte: *Battersea Power Station*, 2025.

Figura 93 - Interior da estação A.



Fonte: *Battersea Power Station*, 2025.

Figura 94 – Interior da estação B.



Fonte: Battersea Power Station, 2025.

Um pouco diferente desses exemplos, há a experiência da BASE em Milão, Itália, que se apresenta como um centro cultural híbrido à disposição da cidade e localizado em uma antiga fábrica, com uma área de 12.000 m², como consta no próprio site da instituição²². Localizada no bairro de Tortona, na *Via Ambrogio Bergognone da Fossano*, n. 34, que já foi a área

²² Disponível em:

https://base.milano.it/en/about/?_gl=1*1kasjwc*_up*MQ..*_ga*MTU3NTE0NDA2MC4xNzQ4NzgZNTY5*_ga_95KBSE9L3M*cze3NDg3ODM1NjkkbzEkZzAkdDE3NDg3ODM1NjkkajYwJGwwJGgw. Acesso em: 1 jun. 2025.

industrial da cidade e que passou nos últimos anos por transformações urbanas, como é possível verificar com esse projeto de reutilização de uma construção de valor estético e histórico, dentre outros, na área.

O complexo industrial pertenceu a diferentes empresas desde 1904, que foram remodelando o espaço até a sua desativação em 1980. Primeiramente, foi uma empresa de eletromecânica da Roberto Zust e posteriormente foi propriedade de AEG (1908), de *Società Elettrotecnica Galileo Ferraris* (1915), de Franco Tosi, de CGE (1921) e de Ansaldo (1966), que encerrou as atividades no final do século XX, relacionadas a bens de produção. Essas informações estão disponíveis na página eletrônica italiana MUMI, no conteúdo de autoria de *Poliedra Politecnico di Milano*, publicado em 2016²³, que ainda aborda o desenvolvimento da arquitetura local que começou com alguns edifícios de produção e foi se expandindo ao longo do tempo, principalmente depois da 1ª Guerra Mundial, ganhando armazéns, oficinas, áreas de carga e descarga, refeitório e mais andares sobre o térreo. O layout atual do sítio industrial remonta ao ano de 1930 e a fachada dos prédios mais antigos possuem base de pedra e tijolos aparentes no revestimento da parte superior.

Com a desindustrialização do bairro e o fechamento da Ansaldo, segundo a publicação de 2016, a prefeitura de Milão adquiriu a propriedade em 1989 e definiu que a construção fosse usada para fins culturais. O poder executivo municipal deu a concessão do espaço para o projeto BASE, da instituição OXA Impresa Sociale, formada por Acca più Srl, Arci Milano, Avanzi Srl, Esterni, Make a Cube Srl, com o status legal de startup com proposta de inovação social, quando criada em 2015, conforme consta no site da *Fondazione Social Venture Giordano Dell'Amore*²⁴.

Em 2016, o espaço foi reaberto como um pólo cultural e criativo chamado de BASE, fazendo parte do projeto de revitalização do bairro de Tortona. O lugar é dividido em: *Ground hall/Courtyard*, *Bistro Base*, *Casa Base*, *Music Rooms*, *ROOM 2100*, *ROOM 1400*, *Buro Project House*, *Learning Rooms*, como consta nas figuras 95, 96, 97, 98, 99 e 100. A proposta é oferecer o aluguel de espaços para exposições, realização de eventos e coworking, além de desenvolver o projeto de residência artística, com a oferta de hospedagem para esse público específico. Também há áreas de socialização com bar, restaurante e um auditório, além do

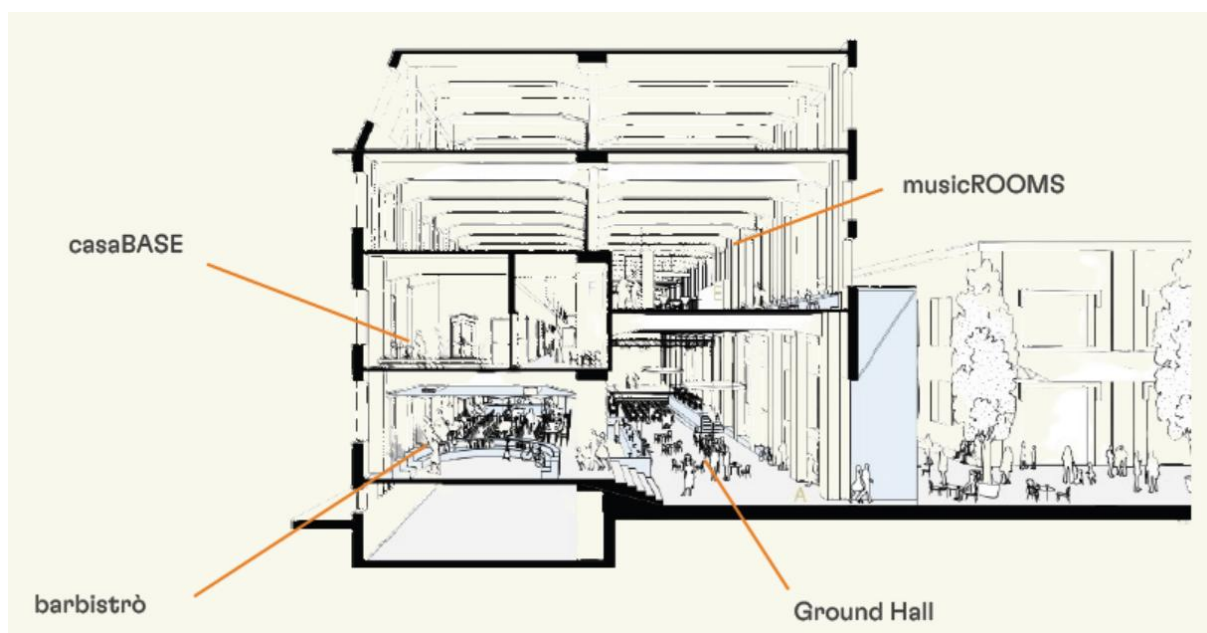
²³ Disponível em: <https://www.mumi-ecomuseo.it/infodiscs/view/150>. Acesso em: 7 set. 2025.

²⁴ Disponível em: <https://www.fondazione-socialventuregda.it/en/investimento/base-oxa-impresa-sociale/>. Acesso em: 7 set. 2025.

Terrace. Em uma área da BASE, está instalado o laboratório de *La Scala*, famoso teatro europeu, onde Maria Calas se apresentou.

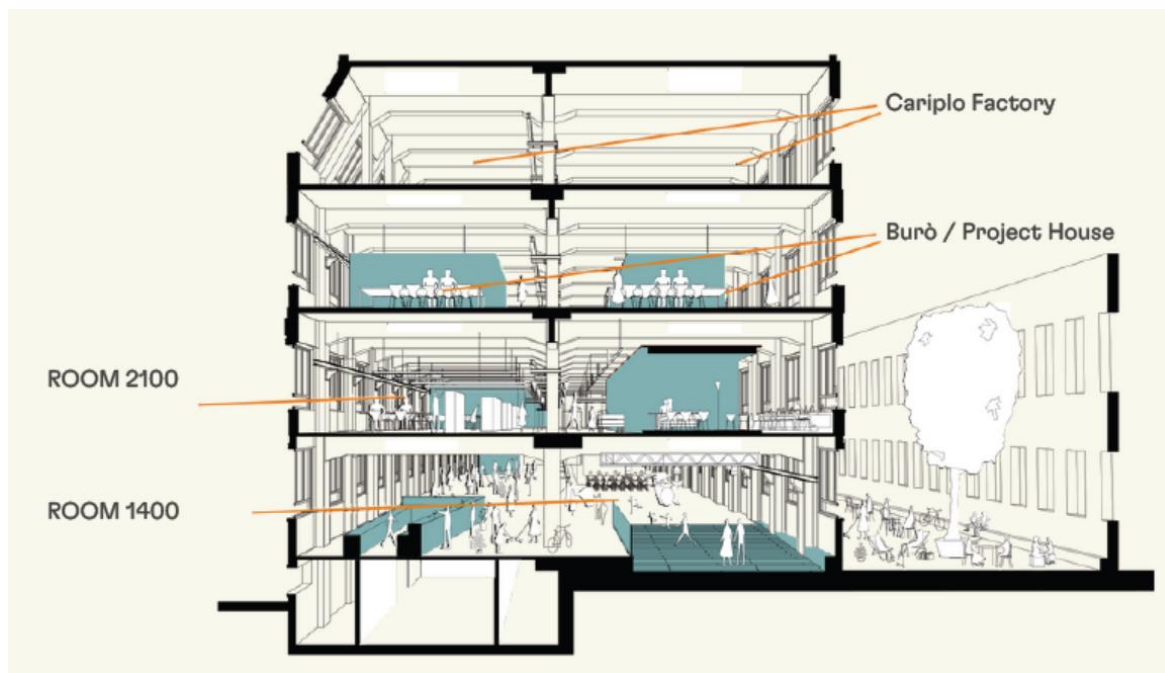
Vizinha à BASE e instalada também no antigo espaço industrial, está o *Museo delle Culture* (Mudec), um projeto lançado pela prefeitura em 1999, para expor seu acervo etnoantropológico e outras exposições temporárias, e feito por meio de um concurso internacional de arquitetura (Poliedra Politecnico di Milano, 2016). O vencedor, o arquiteto inglês David Chipperfield, propôs a restauração dos edifícios da ex-fábrica com intervenção mínima e preservando a arquitetura e o traçado urbano característico do local, acrescentando um edifício contemporâneo, de forma livre, que lembra uma nuvem (Figura 101).

Figura 95 - Corte transversal dos andares da BASE.



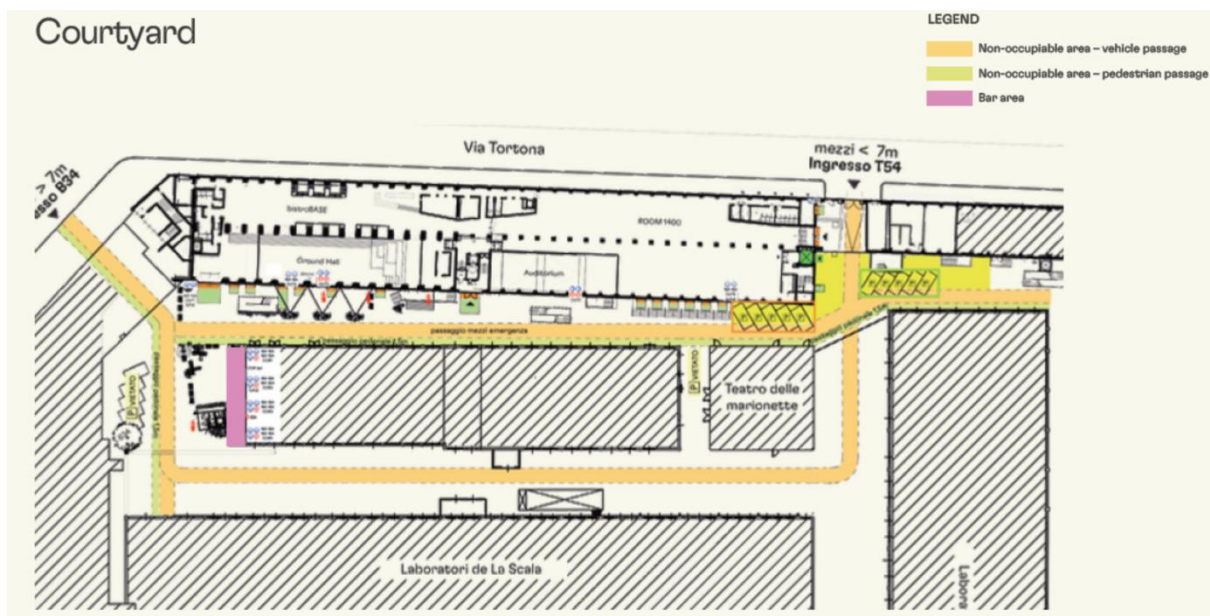
Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 96 - Corte transversal dos andares da BASE.



Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 97 - Planta dos espaços da Base.



Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 98 - Ground hall Base.



Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 99 - Room 2100 espaço para eventos.



Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 100 - *Room 1400* espaço para eventos.



Fonte: Base Milano, 2025.

Figura 101 - *Museo delle Culture* (Mudec).



Fonte: Christian Richters, 2025.

Os projetos de reuso do patrimônio industrial apresentados mostram o interesse da iniciativa privada e do poder público na preservação do patrimônio industrial das cidades. Há a percepção de valor de uso desses espaços obsoletos com a criação de outras áreas de comércio e de lazer, nesse processo de reurbanização que as grandes metrópoles vivenciam, em prol de melhorias urbanas e no desenvolvimento econômico das áreas.

Ao mesmo tempo, os trabalhos desenvolvidos precisam ser estruturados e ter o apoio financeiro para possibilitar as adaptações necessárias para que as instalações fabris sejam

utilizadas para os outros fins. O estado geralmente está envolvido com a tutela da proteção das construções para evitar a sua demolição e descaracterização. O capital privado visa o negócio que pode ser incentivado aproveitando as necessidades e as tendências do mercado, como um investimento e com isso, possui o montante para aplicar nesses projetos de alto custo, visto o cuidado com a restauração e das adequações aos códigos de obras e de segurança vigentes.

As iniciativas confirmam a possibilidade de trabalhar com a preservação do patrimônio industrial, que antes era desvalorizada e que passa a ser percebida como um bem de valor de uso, em primeiro momento, e patrimonial em um segundo momento. Acredita-se que como algo recente, ainda estão desenvolvendo as ideias e os trabalhos com esse tipo peculiar de construção e espaço e no futuro serão aprimoradas as intervenções.

Assim como Lisboa, Londres e Milão, encontra-se na cidade do Rio de Janeiro, uma edificação industrial, obsoleta, protegida pelo poder público que vem sendo objeto de novos usos do espaço com atividades culturais e comerciais, oferecendo mais um lugar de trabalho e fruição para os cariocas e os visitantes, nosso objeto de estudo, a Fábrica Bhering. Diferente das experiências aqui apresentadas, primeiro houve a apropriação do espaço para depois ter a sua valorização como patrimônio industrial carioca.

3.3 A Fábrica Bhering como um patrimônio industrial carioca

Com a desativação das atividades da fábrica, no final do século XX, os atuais proprietários procuraram outras formas de aproveitar o espaço e no século XXI, no ano de 2010, surgiu o centro empresarial, comercial e cultural, conhecido hoje em dia como a Fábrica Bhering. Com a instalação de ateliers, principalmente, e de restaurantes, sebo, marcenarias e lojas de roupas, comida e acessórios, o lugar passou a atrair a atenção de moradores e visitantes, conforme detalhado na seção 2. Com uma proposta única na cidade, visto que a fábrica ainda possui seu arcabouço estrutural e arquitetônico, além de parte significativa do seu maquinário, possibilitando o acesso das pessoas aos testemunhos da história industrial carioca.

A iniciativa é válida, ainda mais sendo dos próprios donos, privada no caso, e que teve apoio do poder público com o tombamento. Porém, há necessidade de repensar no projeto de reutilização da antiga fábrica, especialmente agora que a construção e o entorno foram tutelados pelo estado e novos valores podem ser atribuídos a este conjunto industrial. Em destaque, a Fábrica Bhering passa a ter um interesse coletivo, social e público, como um bem cultural relacionado à memória e à história local e do país. Desde o tombamento, em 2018, o lugar passa

a exigir outros tratamentos para a sua preservação, assim como sua administração passa a ter maior responsabilidade com a manutenção dos espaços.

Com a pesquisa de campo, percebeu-se que falta essa consciência dos gestores e talvez dos locatários, ao observar alterações nas instalações que comprometem o visual do prédio, como troca de esquadrias, aparelhos de ar-condicionado, sistemas hidráulico e elétrico, em prol de adequar o ambiente às novas necessidades dos ocupantes. Outra preocupação pertinente é a questão da segurança física dos transeuntes e da construção, para evitar acidentes ocasionados por queda de material (argamassa, telha, vidro estilhaçado), infiltração, umidade e riscos elétricos e de incêndio, comprometendo a vida das pessoas e a estrutura do bem industrial.

Os trabalhos de manutenção, conservação e restauração são essenciais para manter o bom funcionamento e a proteção do público e do patrimônio cultural. O empreendimento da família Barreto em reaproveitar o antigo espaço industrial, com a locação de subáreas para artistas e empresários, precisa, concomitantemente, de investimentos no local para manter seu funcionamento e sua permanência sem danos, destruições e descaracterizações. A ideia de valer do patrimônio para fins econômicos deve estar associada agora aos fins culturais e sociais.

A noção de que a Fábrica Bhering é um patrimônio cultural precisa ser consolidada de modo que a sua utilização não comprometa as suas características e especificidades. A partir dessa percepção é que se deve seguir com as atividades, como aborda Rufinoni,

A clareza de sua caracterização como bem cultural pressupõe a compreensão das responsabilidades envolvidas em quaisquer operações de conservação ou intervenção, ou seja, é testemunho único, portador de valores documentais, estéticos, memoriais e simbólicos que interessam e concernem à coletividade; trata-se de artefatos cuja transformação, portanto, só pode ocorrer com base em amplo conhecimento, rigorosos critérios e coerente fundamentação teórico-crítica. (Rufinoni, 2013, p. 312-313)

O processo de tombamento ajuda a compreender uma parte dessa situação no local. A tutela do sítio industrial foi feita para possibilitar que os atuais ocupantes do espaço não fossem despejados, com a troca de proprietários. A patrimonialização foi resultado do novo uso, do valor utilitário da construção. Consequentemente, a sua preservação tem a mesma base, sendo relegada para segundo lugar.

Como abordado por Rufinoni (2013) e Kühl (2008), o valor de uso não deveria prevalecer nesses projetos de preservação do patrimônio industrial, em detrimento do seu valor documental. No caso da Fábrica Bhering, a patrimonialização foi decorrente de um processo de reaproveitamento que deu certo. A aceitação e a procura das pessoas para instalar seus negócios,

que se consolidou a ponto de até procurarem o apoio do poder público local para evitar sua saída do espaço.

No início, antes do tombamento, quando a reocupação era feita de forma aleatória, com a intenção de um ganho financeiro do bem, aproveitando suas peculiaridades, como uma extensa área e uma arquitetura fabril, era mais difícil o interesse em trabalhar com a relação conservação-transformação, talvez pela complexidade e os custos envolvidos. Com o título de patrimônio cultural carioca, a gestão do espaço da Fábrica Bhering deveria trabalhar da forma correta, evidenciando seus valores históricos e destacando por meio da crítica arquitetônica suas especificidades.

Conforme os pontos levantados por Rufinoni (2013) sobre o processo de preservar um patrimônio industrial, busca-se aplicar no objeto do trabalho, na Fábrica Bhering, sendo eles: identificar valores que façam com que se reconheça o bem como cultural e entender o quê e o porquê preservar. O patrimônio cultural da Fábrica Bhering tem como valores estético, histórico e social e deve preservar os remanescentes da sua história industrial (estrutura, maquinário, distribuição e organização do espaço) para ser acima de tudo um espaço de memória sobre a história da industrialização da cidade carioca e do Brasil.

O ambiente industrial com a estrutura metálica aparente, assim como o maquinário, a torre do elevador, escadaria, esquadrias, vãos, cerâmicas, remonta a outro momento da história, no caso, do século XIX. Ainda de um produto que fez e faz parte da memória das pessoas, como o cacau em pó. O lugar poderia ser trabalhado para valorizar sua história e atrair maior atenção das pessoas. Como o Museu do Chocolate, que feito de forma simples, não possui um projeto museológico que desenvolva o acervo e faça uma exposição mais interessante e que atraia o público. O maquinário existente deveria ser contextualizado com fotos, documentos e outros objetos que expliquem seu valor histórico. Tudo isso com um projeto de design de layout e de luzes e o uso de ferramentas de som e imagem que facilitem a comunicação com os visitantes e faça com que a informação seja transmitida.

Acredita-se na importância do museu como instrumento de consolidação do papel patrimonial da Fábrica Bhering. A preservação do lugar foi devida ao novo uso dado pela própria população, mas ao mesmo tempo, suas singularidades que chamaram e chamam a atenção até o momento, devendo ser assim valorizado e protegido para não sofrer descaracterizações que comprometam sua leitura enquanto arquitetura industrial.

Como Kühl (2008) aborda, o museu também poderia trabalhar a questão da memória do trabalho do Rio de Janeiro e do Brasil. Talvez se a gestão ficasse com o poder público ou com

uma organização social, seria possível desenvolver um projeto desse tipo, tendo a história oral como um instrumento para formação do acervo.

Para isso, é primordial o trabalho da educação patrimonial, com a valorização das características estéticas, históricas e documentais da antiga fábrica de chocolate e de café. Como vestígio da história do desenvolvimento industrial brasileiro e urbana da cidade do Rio de Janeiro que conseguiu permanecer até os dias atuais, faz-se necessário usufruir e preservar do bem material e também do imaterial, com a história oral, para que o passado não seja esquecido no presente e que o futuro possa ter a oportunidade de também conhecer e ter acesso à sua história.

O momento é propício, devido aos avanços nos estudos e nas discussões no campo da preservação do patrimônio industrial, da história e da economia, de forma a perceber melhor como a informação, a cultura, o bem estar, a inovação e a criatividade são importantes para a formação de uma sociedade mais justa e diversa.

4. A RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E TURISMO CULTURAL

Após a apresentação do objeto de pesquisa, a Fábrica Bhering, e a discussão sobre o patrimônio industrial e seu reuso atualmente, segue uma análise sobre relevantes temas que foram primordiais para a consciência e o trabalho que se tem hoje sobre esse bem cultural singular. A valorização da história fabril e de seus testemunhos é o resultado de estudos e debates sobre o patrimônio cultural e a sua preservação, assim como, uma parceria com o turismo, que também contribui para a sua valorização.

4.1 Memória e patrimônio cultural

Antiguidades, monumentos, monumentos históricos e patrimônio foram os nomes dados ao longo do tempo às obras humanas, criadas por diversas razões e que assumiram diferentes valores com as mudanças nas percepções da sociedade sobre elas. O uso do passado vai variando conforme o desenvolvimento político, econômico e social do mundo, assim como as discussões e ações para a sua preservação.

No início, os vestígios das civilizações gregas, romanas e egípcias, objetos e construções que sobreviveram com o tempo, eram trabalhados como fontes de conhecimento e de prazer pela História e pelos primeiros turistas que se deslocavam até às suas localizações para apreciar de perto essas obras primas da humanidade. Depois, com a mudança na forma de governo e na criação das nações no século XVIII, procurou-se, por meio da preservação dos testemunhos de outras épocas, consolidar a noção de identidade nacional, ampliando assim a importância da preexistência na construção da história de uma nação, ampliando também o sentido dos bens que representavam a história de um povo.

Com isso, percebe-se que a noção de patrimônio cultural, hoje vigente, tendo a figura central da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como representante da causa e atuando pela sua preservação, resulta longo processo de amadurecimento das questões culturais e da relação de cada cultura com o seu passado. Como aborda Manoel Luiz Salgado Guimarães no artigo “História, memória e patrimônio” (2012), “[...] a reflexão em torno do patrimônio deve considerar as situações históricas de sua emergência – dos discursos e narrativas acerca do patrimônio – como forma de compreender a patrimonialização do passado.” (Guimarães, 2012, p. 97).

O desenvolvimento do conceito e das ações sobre o patrimônio também se deu em função das transformações do estudo da História, que com o viés crítico, mudou a perspectiva sobre os acontecimentos políticos, econômicos e sociais, além da criação de novas ciências, como a Antropologia, ampliando a compreensão sobre povos e culturas.

Outro assunto relevante nessa análise é a questão da valorização atribuída aos bens, que como o próprio nome diz, é a criação de valores que irão conduzir os atos e as políticas de proteção. Histórico, arquitetônico, estético, artístico, memorial, documental e mundial, entre outros, são atributos, significados, que dão o reconhecimento e a legitimação dos objetos do passado para a sua transmissão para o presente e o futuro.

A memória, além de um valor conferido, é um elo mais profundo que é trabalhado na construção dos patrimônios culturais. Ainda citando Guimarães (2012), a relação entre memória e patrimônio é percebida com um vínculo, um laço social, que é trabalhado no processo de produção que os objetos do passado são submetidos para a sua transformação em um patrimônio cultural.

Essa relação entre memória e patrimônio é singular nos dois momentos da história da constituição e consolidação dos bens culturais. No século XVIII, com a formação dos Estados nações, a memória é considerada um meio de aproximar as pessoas com a idéia de pertencimento, uma identidade em comum, ligação com os antepassados que construíram o presente.

No século XIX, na Revolução Industrial, com as profundas transformações nas cidades e nas sociedades, a memória é elo com o passado, que está se perdendo e se distanciando cada vez mais daquele presente, como uma referência aos modos e costumes que por tanto tempo faziam parte da vida da população. São fontes de um conhecimento que está se perdendo com a ruptura dos valores até então inseridos na coletividade.

Observa-se que a ampliação do próprio conceito do que é um bem cultural e das suas políticas de preservação é influenciada pela mudança do estudo da História, que antes era baseada somente em dados e fatos, para uma história crítica, que também considera os relatos e as memórias como referências para o entendimento dos eventos que compõe o desenvolvimento da humanidade (Guimarães, 2012).

No documento referente à 13ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada em Paris em 1964, o termo patrimônio cultural compreende os bens culturais, móveis e imóveis. Em 1985, na Declaração

do México, o patrimônio cultural passa a compreender além dos bens materiais, os imateriais. Sendo assim definido:

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido a vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas. (ICOMOS, 1985, p. 4)

Outros objetos do passado são considerados relevantes para a história e a memória da sociedade. No capítulo “Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo” (2003), Marly Rodrigues aborda que foi no final da década de 1970 que houve a percepção de trabalhar o patrimônio cultural com a questão da memória e que influenciou as ações futuras, visto que

Hoje entendemos que, além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem sentido de grupo e compõem a identidade coletiva. (Rodrigues, 2003, p. 17)

Com isso, é interessante destacar como Rodrigues (2003) trata a relevância da preservação do patrimônio cultural, sendo esse formado por variados tipos de bens, para que a sociedade possa cada vez mais se reconhecer. Nesse contexto, outro tipo de arquitetura foi incluído na lista de valorização e preservação dos bens culturais e que vai influenciar na atenção e no cuidado com os remanescentes da antiga fábrica da Bhering, o objeto dessa pesquisa.

A arquitetura urbana ou também conhecida como menor teve seu reconhecimento pela eminência do seu desaparecimento com as transformações no ambiente com a Revolução Industrial e pela sua beleza, sendo essa relacionada com sua estética, como aborda Françoise Choay no livro *A alegoria do patrimônio* (2001). O trabalho do homem passa a ser valorizado, representando a história e a memória do povo comum. O ser humano passa a ser a figura principal da história, que de nacional passa a ser universal, como trata a autora,

Trazendo à memória afetiva a dimensão sagrada das obras humanas, o monumento histórico adquire, além disso, uma universalidade sem precedentes. O monumento tradicional, sem qualificativos, era universalmente difundido, mas fazia reviver os passados particulares de comunidades específicas; o monumento histórico fazia até então referência a uma concepção ocidental da história e a suas dimensões nacionais. Em

contrapartida, na concepção ruskiniana, quaisquer que tenham sido a civilização ou o grupo social que o erigiram, ele se dirige igualmente a todos os homens. (Choay, 2001, p. 141-142)

Com isso, também há uma diminuição da distância entre o passado a preservar e o presente, incluindo bens com menos tempo de existência, mas que possuíam uma representatividade da cultura local. Dessa forma, os vestígios industriais (construções, maquinários, por exemplo) passam a ser considerados patrimônios culturais e sujeitos às políticas de preservação. As discussões sobre o patrimônio industrial ganham destaque no mundo, com a criação de instituições específicas para a sua gestão.

O desenvolvimento da memória e os seus subtemas, como a memória das técnicas, também favoreceu a ampliação do campo de estudo e de ação sobre os vestígios que a humanidade produzia ao longo do tempo, incluindo as transformações sociais e tecnológicas.

Segundo Michael Pollak, no artigo “Memória e identidade social” (1989), a memória é um fenômeno individual, mas também é construído coletivamente, constituída por três elementos: acontecimentos, pessoas e lugares. As lembranças são formadas pelos eventos vividos e participados, diretamente ou indiretamente, assim como pelos encontros ou desencontros com outros indivíduos, tendo um espaço como pano de fundo para essa experiência. Observa-se que o patrimônio cultural vai trabalhar a memória com a valorização e a preservação das reminiscências de grupos e personagens, vinculadas a objetos ou expressões, que narram a história de um lugar e de um grupo.

No caso da Fábrica Bhering, há o cruzamento de várias memórias, individuais e coletivas. Existe a memória da própria empresa, com as histórias que fizeram parte do seu crescimento, dividida entre momentos e fases, como as mudanças de proprietários e de localização. Seus produtos proporcionaram (ou proporcionam visto que ainda é ofertado no mercado) lembranças para seus clientes, como uma bala que dá saudade pelo sabor, quando anos atrás era encontrada nas lojas, mas que infelizmente não existe mais.

Ainda há a memória das pessoas envolvidas na produção e que possibilitaram a oferta dos seus chocolates, café, fermento e especiarias em pó. Os trabalhadores têm história para revelar o funcionamento da Bhering, assim como os relacionamentos e as experiências que foram sendo vividas dentro e fora da empresa e que fazem parte da vida de cada pessoa.

Todas essas memórias são relevantes para construir tanto a história da empresa quanto a da fábrica, um vestígio atrelado a um passado e considerado um patrimônio cultural carioca. Nesse trabalho, optou-se pela memória da empresa e da construção fabril, dada a

disponibilidade de fontes e limitação de tempo. Mas deve-se desenvolver da mesma forma a memória coletiva para enriquecer essa história, com os relatos das recordações e vivências dos trabalhadores e dos clientes, e assim mostrar como uma simples marca pode trazer fatos e sentimentos que expõe o papel da Bhering na história da sociedade carioca e brasileira e alude o funcionamento da antiga fábrica, podendo ampliar a perspectiva da visita ao conjunto edificado na atualidade, propiciando novas leituras e interpretações no presente e no futuro.

A formação desse patrimônio cultural industrial vem atraindo a visita de pessoas por meio do turismo também, uma relação que existe há muitos anos e que tem sido discutida por pesquisados, gestores e instituições. Há o desejo de que esta relação seja desenvolvida com o menor impacto negativo e assim consiga os benefícios almejados para o futuro desse relacionamento, como é apresentado na subseção a seguir.

4.2 Patrimônio e turismo cultural

A relação entre patrimônio cultural e turismo é antiga e foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Começou no século XVIII, nas viagens realizadas pela população abastada européia, em especial a inglesa. Os *grands tours* (Figura 102) eram viagens com o intuito de conhecer os vestígios da antiguidade, como Roma, por amor à cultura e por puro prazer, como aborda Valéria Salgueiro na publicação “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura” (2002). A autora também comenta que a rota começava em Paris e seguia para Roma, Veneza, Florença e Nápoles, principalmente nesses destinos, e se tornou uma viagem continental, sendo considerada como parte fundamental na educação dos jovens.

Esse fenômeno pode ser considerado como o precursor do turismo moderno e contemporâneo. A viagem por prazer e para a contemplação será a base dos trabalhos de gestores de empresas e dos destinos para incentivar o deslocamento e atrair visitantes para os variados lugares que se tornam interessantes por diferentes motivos. Com o desenvolvimento da tecnologia e, conseqüentemente, dos meios de transporte, barreiras são ultrapassadas e novas oportunidades aparecem para o fenômeno socioespacial.

Figura 102 – Pintura do pintor alemão Carl Spitzweg “Engländer in der Campagna c. 1845” que ilustra uma viagem à Itália antiga, *Grand Tour*.



Fonte: Carl Spitzweg/ WikArt, 2026.

O tempo de viagem diminui com o uso de aeronaves, assim como facilita o acesso a diversas cidades do mundo. O custo de viajar também reduz e, junto com outras mudanças socioeconômicas, mais pessoas passam a ter a possibilidade de visitar a Itália entre outros países. O desenvolvimento do turismo gera uma cadeia de serviços e exige uma estrutura dos locais de visita para atender os visitantes ou como mais conhecidos, turistas, com comodidade e organização.

De uma atividade social e cultural, o turismo passa a ser considerado relevante do ponto de vista econômico. As receitas geradas com a reserva de hospedagem e visitas, alimentação, compras, entre outros itens que fazem parte de uma viagem, passam a ser importantes meios de arrecadação de receita de cidades, estados e países.

Nesse contexto, a relação entre patrimônio cultural e turismo foi crescendo e até ficando mais complexa. Relevantes entidades no Brasil e no mundo, como IPHAN, ICOMOS e UNESCO, incentivam o turismo cultural como prática que estimula o acesso, a divulgação e a

preservação dos bens materiais e imateriais de um lugar. Mas, ao mesmo tempo, havia a preocupação dos impactos negativos na manutenção dos objetos e das práticas com o desenvolvimento de turismo massificado e sem controle.

Assim como é possível verificar nos documentos elaborados de seus encontros e reuniões, como: Recomendação de Nova Delhi (1956), Recomendação Paris Paisagens e Sítios (1962), Compromisso de Salvador (1971) e a Convenção de Paris (1972).

Outros documentos importantes que tratam a relação entre patrimônio e turismo culturais são as cartas do ICOMOS, que ao longo dos anos foram desenvolvendo a análise e a forma de trabalhar entre esses dois fenômenos, como a Carta do Turismo Cultural (1976), a Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999) e a Carta Internacional sobre o Turismo Cultural Patrimonial (2022).

As cartas internacionais sobre o turismo cultural foram ajustadas nessa diferença de tempo entre a primeira e a última de 46 anos. Os documentos acompanharam o crescimento do turismo no mundo e as preocupações sobre sua influência sobre a conservação dos bens culturais. Primeiro, é importante abordar o conceito de turismo cultural que a carta de 1976 apresenta como “[...] é aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios históricos-artísticos.” (ICOMOS, 1976, p. 2).

Na mesma carta, são reconhecidos os efeitos positivos e negativos do turismo cultural. No primeiro, são considerados a contribuição, a manutenção, a proteção do patrimônio cultural e os benefícios sociais, culturais e econômicos para a população local. No segundo, o impacto nocivo e destrutivo sobre o patrimônio com o uso massivo e sem controle. O respeito é considerado fundamental para se trabalhar com os bens culturais, tendo o limite de uso e de densidade, assim como as preocupações com as intervenções de equipamento ou serviço turístico, como necessárias para chegar a esse fim.

Nas cartas seguintes, procurou-se melhorar as discussões sobre o turismo cultural, apresentando princípios para a gestão do turismo em lugares de significado patrimonial (1999) e reforçando a proteção do patrimônio cultural e a adaptação da comunidade por meio de uma gestão responsável e sustentável do turismo (2022). Por meio de princípios (Quadro 1), são mostradas as formas como devem atuar nessa conexão para resultados prósperos.

Quadro 2 – Princípios das Cartas do Turismo Cultural ICOMOS.

Carta do Turismo Cultural 1999	Carta do Turismo Cultural Patrimonial 2022
1. Dado que o turismo doméstico e internacional é um dos principais meios para o intercâmbio cultural, a conservação deve proporcionar oportunidades responsáveis e bem geridas para membros da comunidade anfitriã e visitantes para experimentar e entender o patrimônio e a cultural local em primeiro lugar.	1. Colocar a proteção e a preservação do patrimônio cultural no centro do planejamento e da gestão responsável do turismo cultural.
	2. Gerir o turismo nos lugares de patrimônio cultural por meio de planos de gestão baseados em monitoramento, capacidade de carga e outros instrumentos de planejamento.
2. A relação entre lugares patrimoniais e turismo é dinâmica e pode envolver conflito de valores. Isso deve ser tratado de forma sustentável para o presente e as gerações futuras.	3. Enriquecer a conscientização pública e a experiência dos visitantes mediante uma interpretação e apresentação sensíveis do patrimônio cultural.
3. Preservação e planejamento do turismo para lugares patrimoniais devem assegurar que a experiência do visitante seja válida, satisfatória e agradável.	4. Reconhecer e reforçar os direitos das comunidades, dos povos originários e os portadores de direitos habituais mediante acesso e governo participativo dos bens culturais e naturais de fruição coletiva que utilizam o turismo.
4. Comunidade local e povo indígena devem ser envolvidos no planejamento para preservação e turismo.	5. Sensibilizar e reforçar a cooperação para a conservação do patrimônio cultural entre todas as partes interessadas no turismo.
5. Atividades de turismo e preservação devem beneficiar a comunidade local.	6. Aumentar a adaptação das comunidades e do patrimônio cultural mediante a capacitação, a avaliação de riscos e o planejamento e gestão estratégica e adaptável.
6. Programas de promoção do turismo devem proteger e melhorar as características do patrimônio natural e cultural.	7. Integrar a ação climática e as medidas sustentáveis na gestão do turismo cultural e do patrimônio cultural.

Fonte: ICOMOS²⁵, 1999 e 2022.

Destaca-se que no documento de 1999 é abordado o turismo como um dos principais meios de intercâmbio cultural, possibilitando uma experiência pessoal com o contato tanto dos remanescentes do passado quanto da vida e da sociedade contemporânea dos outros povos e nações. Isso mostra a ampliação do significado de patrimônio cultural e como também influencia a percepção do que é turismo cultural e nas novas abordagens dos debates sobre o tema.

²⁵ Adaptação feita pela autora dos referidos documentos.

Observa-se que outras questões foram inseridas na relação entre patrimônio e turismo culturais. Entre elas estão a atenção dada à população local diretamente ligada ao bem cultural e sua participação no planejamento do turismo cultural, assim como nos seus ganhos financeiros, e a preocupação com as crises climáticas, entre países e de saúde sobre os locais que dependem do turismo cultural para se manter, com a paralização da atividade turística e a proteção do patrimônio cultural.

Outra instituição a ser considerada é a Organização Mundial do Turismo (OMT) ou *World Tourism Organization* (UNTWO), que é uma das agências da Organização das Nações Unidas (ONU) especializada no assunto, e visa estudar, estimular e orientar gestores globais no desenvolvimento do turismo, sempre tendo como valor o respeito e o cuidado com os meios ambiental, cultural e social.

No Brasil, há o Ministério do Turismo, uma pasta do governo criada no início dos anos 2000 focada na criação de políticas e diretrizes para a consolidação desse fenômeno socioespacial e uma atividade econômica no país. Inclusive, o turismo cultural é trabalhado como um segmento considerado como “[...] as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (Brasil, 2010, p. 13).

Seguindo a ideia de atrair mais visitantes para esses destinos frente a uma concorrência de lugares, usa-se a ferramenta de marketing da segmentação²⁶. Com a segmentação de público, busca-se entender as necessidades que cada perfil de grupo possui, assim como o que procuram fazer e conhecer em suas viagens. Da mesma forma que as pessoas são diferentes, têm suas características e seus interesses, os destinos têm suas peculiaridades e vão ser trabalhadas por um determinado segmento do turismo, como o de sol e mar e o ecoturismo.

A segmentação ajuda na organização do turismo em um local ou serviço, como forma de melhorar a oferta de atrativos e de infraestrutura de um destino turístico, cômoda mesma maneira que as ações de divulgação na mídia atraem o público. Com isso, a relação entre turismo e patrimônio cultural será devido a, conforme aborda Margarita Barretto na publicação *Turismo e legado cultural: possibilidades de planejamento* (2000), “[...] características consideradas relevantes para a história e a cultura da localidade em que estão construídos.

²⁶ Entende-se como segmentação a divisão do público, demanda ou consumidor em grupos com características e gostos similares, criando um padrão, que será usado como referência para a produção e a comercialização de produtos e serviços. No caso, o objetivo é conseguir atrair de forma eficaz o segmento escolhido.

Entram nesse rol prédios, monumentos, bairros, cidades e marcos arquitetônicos como obeliscos e similares.” (Barretto, 2000, p. 29)

O turismo cultural também pode ser pensado de duas formas, conforme tratam Pedro Paulo Funari e Jaime Pinsky no livro *Turismo e patrimônio cultural* (2003). Os autores mencionam que “[...] o turismo cultural efetiva-se quando da apropriação de algo que possa ser caracterizado como bem cultural [...]” (Funari; Pinsky, 2003, p. 8) e que “[...] não é que se vê, mas o como se vê, que caracteriza o turismo cultural.” (Funari; Pinsky, 2003, p. 7-8). Na verdade, observa-se que o turismo é um fenômeno sociocultural pelo visitante ter contato com pessoas e suas histórias e identidades ao longo do deslocamento. Essa interação já é uma experiência cultural.

Porém, a relação turismo e patrimônio cultural vai além de turistificar um bem, de transformá-lo em um atrativo turístico. Além de ações para adequar o acesso dos visitantes a atração turística cultural, como restauro, reforma, adaptações e até a interpretação do patrimônio, são necessárias a valorização e a preservação do legado cultural de um lugar, ou seja, da memória e da identidade local. Pelo menos essa deveria ser a base de qualquer trabalho turístico para evitar problemas futuros, que podem acontecer com a falta de um planejamento, como o esvaziamento de conteúdo, degradação, descaracterização e desaparecimento da cultural local.

No caso de uma construção histórica, como a Fábrica Bhering, além da conservação da sua estrutura física, para dar segurança e comodidade aos transeuntes do lugar e para preservar seus elementos arquitetônicos e estéticos, é importante mostrar a história e a memória do lugar. As pessoas, locatários e visitantes, precisam ter conhecimento do papel da empresa no desenvolvimento urbano, social e econômico da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. A partir disso, elas podem compreender os vestígios industriais que visitam ou em que trabalham e o espaço passa a ter conteúdo, identidade e memória e a gerar uma relação com seus habitantes e a oferecer uma experiência aos turistas.

A autora Flávia Roberta e Costa no livro *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação* (2014) trata o conceito de turismo cultural separando-o em quatro temas: objeto, sujeito, objetivo, oferta e organização. A abordagem dela é interessante para compreender melhor como pode ser pensado e desenvolvido o turismo com esse tipo de motivação. O patrimônio cultural é então o objeto do turismo cultural, sendo esses “[...] os elementos resultantes dos recursos culturais – materiais e imateriais – do local do grupo visitado.” (Costa,

2014, p. 48). O objetivo é possibilitar o aprendizado por meio da experiência vivida pelo visitante e ao mesmo tempo a preservação do recurso cultural visitado.

O sujeito é o turismo cultural, que tem como perfil maior poder aquisitivo e nível cultural e de escolaridade, entre outras características. A autora ainda menciona que “O turismo cultural seria um viajante especialmente sensível à qualidade do produto consumido, à exatidão da informação recebida, ao respeito à paisagem e ao entorno e à contaminação visual e acústica do local visitado” (Costa, 2014, p. 53)

A oferta e organização são as formas de trabalhar com a visita, tradicional (pacotes turísticos vendidos geralmente por operadoras e agências de turismo que visitam um país ou mais em roteiros programados) ou a experiência vivencial (vinculados às ações comunitárias e organizacionais com foco em interagir de uma forma maior com o ambiente cultural).

A partir desses pontos (objeto, sujeito, objetivo, oferta e organização) é possível trabalhar de uma forma consistente com o patrimônio cultural e o turismo, para gerar resultados positivos e com maior impacto favorável no ambiente e na sociedade, evitando e mitigando os malefícios que todo contato pode gerar, sem a devida atenção.

4.2.1 Interpretação do patrimônio cultural

A percepção dos visitantes sobre o legado cultural, seja como um lugar de memória ou um atrativo turístico, é influenciada pela informação recebida durante sua experiência. A compreensão possibilita a valorização do bem e consequentemente, a sua preservação. A manutenção do patrimônio cultural fortalece a história e a memória do local e o turismo.

O conhecimento será transmitido por meio de técnicas e instrumentos trabalhados pela educação patrimonial, sendo um deles a interpretação, apresentado pelo ICOMOS, no documento *Charter for the interpretation and representation of cultural heritage sites* (2008), como “[...] refers to the full range of potential activities intended to heighten public awareness and enhance understanding of cultural heritage site.”²⁷ (p. 2).

Como aborda Stela Maris Murta e Brian Goodey (2002), no capítulo “Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual”, interpretar um patrimônio “É o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar.”

²⁷ Refere-se a gama total de atividades potenciais pensadas para aumentar a consciência das pessoas e melhorar o conhecimento sobre o sítio do patrimônio cultural. (Tradução própria)

(Goodey, 2002, p. 13). O visitante ao ter acesso aos dados e às explicações sobre determinado bem cultural, consegue melhor compreender e relacionar ao ambiente, despertando interesse e fazendo conexões com a própria vida. A pessoa enxerga de outra forma aquele objeto ou espaço, aproximando e apreciando mais. Dessa maneira, também instiga atitude de respeito e vontade de proteger e preservar o patrimônio cultural.

Para o turismo cultural, como Brian Goodey aborda em “Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas” (2002), não adianta apenas preservar e criar um atrativo cultural, mas “[...] temos de prover os métodos de olhar, vivenciar e apreciar, reafirmando não apenas o sítio e os objetos, mas as oportunidades dos visitantes apreenderem novas formas de se relacionar com o lugar.” (Goodey, 2002, p. 135)

No caso do objeto da pesquisa, a Fábrica Bhering, em um primeiro momento é um prédio abandonado e desgastado com o tempo, sendo reutilizado nesse momento como um espaço de arte e cultura. Às vezes desconhece a marca Bhering e de seus produtos, visto a diminuição da gama de opções e da oferta no mercado, com a venda da marca e a produção de parte das manufaturas de antes agora por outra empresa, além da diminuição de sua presença na vida cotidiana da sociedade brasileira.

Com isso, os visitantes precisam conhecer melhor a história do espaço de uma antiga fábrica, chamada como Bhering, para um patrimônio cultural carioca com valor estético, histórico e memorial. Sua construção fabril é um exemplo de uma arquitetura de época, que remonta à uma cidade industrial que também foi a do Rio de Janeiro, ultimamente conhecida pela natureza e pelo Carnaval. Esse bem ainda está relacionado à história da empresa, que começou como Bhering & Silva em 1880 e acompanhou o desenvolvimento da tecnologia, da economia, do espaço e da sociedade brasileira.

Da mesma forma, precisam conhecer e até saber se relacionar com aquele lugar, por meio dos vínculos que a própria pessoa possui ou que os amigos e familiares possuem, construídos durante o tempo que trabalharam naquele endereço ou com o consumo dos produtos Bhering, como o café Globo, de tempos atrás, ou a bala Toffee, produto licenciado, fabricada, nesse momento por Chocolates Imperial e distribuída por EkoFoods, conforme consta na embalagem do produto.

Infelizmente, durante a pesquisa, foi percebida a falta desse tipo de trabalho nesse bem cultural. Há uma pequena tentativa com o Museu do Chocolate, que aproveita o maquinário fixo que conseguiu ficar no local, mas não possui um plano museológico para estruturar a exibição daquele acervo e melhor dialogar com a construção. Apesar de na mídia social, no

Instagram²⁸, mencionar a história, resumida, ainda assim deve ser apresentada e abordada no próprio lugar, quando as pessoas terão mais atenção e disponibilidade para receber esse tipo de informação e mensagem.

Para trabalhar com a interpretação patrimonial, é necessário seguir um método, que começa com o planejamento e a elaboração de um plano interpretativo. Segundo Murta e Goodey (2002), esse documento deve ser desenvolvido de acordo com os valores do lugar e está sujeito a reavaliações, visto que é um processo contínuo, que pode ter ajustes ao longo da sua implementação com a identificação de outros elementos relevantes percebidos pelos visitantes. No caso da Fábrica Bhering, também podemos mencionar os locatários, que nos seus cotidianos, podem trazer novas percepções do espaço.

O plano, assim como qualquer documento de gestão, é composto de três etapas, definidas por Murta e Goodey (2002) como: Registro de recursos, temas e mercados, Desenho e montagem – escolha de meios e técnicas e Gestão e promoção. No geral, é trabalhar a interpretação de forma consciente e consistente para alcançar o objetivo final, que se acredita ser o de transformar experiência em conhecimento, por meio da mensagem e da emoção, esse também importante como meio de provocar o visitante.

Na parte de meios e técnicas, ou como trabalha Costa (2014), das mídias interpretativas, há o modo de como será feita a mediação da visita no patrimônio cultural. A mídia pode ser pessoal e impessoal, tendo ou não a participação de um intérprete nesse processo (Costa, 2014). O padrão, encontrado nos sítios culturais, são as mídias impessoais, apresentada por Costa (2014), como as publicações impressas, placas, painéis e letreiros, multimídia e computadores, reconstruções e modelos, entre outros. A autora também menciona que é possível trabalhar com várias mídias como forma de enriquecer a visita.

Acredita-se que todo o trabalho de interpretação deve começar pela mídia textual, visto que é o básico nesse processo de notar e assimilar as informações de um lugar. Uma das opções nessa categoria é o roteiro. O roteiro é mais que um meio de transmitir mensagens, a função dele é “revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade.” (Murta e Goodey, 2002, p. 14). Ele oferece conteúdo sociocultural que acrescenta valor e melhora a interação com o lugar. Nesse momento, o roteiro pode ser oferecido impresso ou de

²⁸ Cujo perfil é @fabrica.bhering

forma eletrônica, por meio de arquivos e aplicativos que possibilitam de forma interativa, manusear como um livro.

Na Fábrica Bhering, há a promoção do lugar pelas mídias sociais e por realizar eventos que atraem a visita das pessoas. Percebeu-se a mediação por meio das plantas do espaço de cada andar, disponíveis no elevador principal e em cada piso, além de ter acesso pelo celular com o QR code. Porém, acredita-se que ainda precisa ser feito mais, principalmente com relação à história de empresa, o início de tudo, e da construção industrial que atrai a atenção e a curiosidade dos visitantes.

O sítio cultural tem um ponto de partida e esse ponto precisa ser apresentado no local, por meio de mídias interpretativas, variadas, para melhorar a experiência da visita, a compreensão e sensação dos visitantes com esse patrimônio cultural industrial da cidade do Rio de Janeiro, que deve ser valorizado e conservado por todos. No documento do ICOMOS de 2008, a interpretação e a apresentação são essenciais para a conservação do patrimônio cultural.

4.3 Patrimônio e turismo industrial

A ampliação do conceito de patrimônio cultural pode influenciar o turismo cultural com a criação de subtipologias, como o turismo étnico, turismo arqueológico, turismo gastronômico e o turismo industrial, conforme aborda Costa (2014). Assim como foi no campo da preservação, aconteceu com o turismo cultural, aumentando a gama de atrativos culturais nos seus destinos.

Conforme o órgão público Turismo de Portugal, por meio da Rede Portuguesa de Turismo Industrial, no documento intitulado “Turismo Industrial: guia de boas práticas” (2021), entende-se como

Turismo Industrial: São as experiências decorrentes de atividades desenvolvidas em locais de indústria viva ou património industrial, relacionadas com os produtos e os processos de produção, ou com o passado histórico e cultural das mesmas, dirigidas a visitantes nacionais e internacionais. (Portugal, 2021, p. [3])

Percebe-se que ainda há duas formas de se trabalhar com o patrimônio industrial, diferenciando pela possibilidade da fábrica ainda está ativa e desenvolvendo suas atividades operacionais e econômicas. Essa distinção é apresentada no mesmo documento como indústria

viva, cujas “organizações no ativo que operam no setor da produção e que se relacionam com os processos produtivos” (Portugal, 2021, p. [3]) e como patrimônio industrial, em que

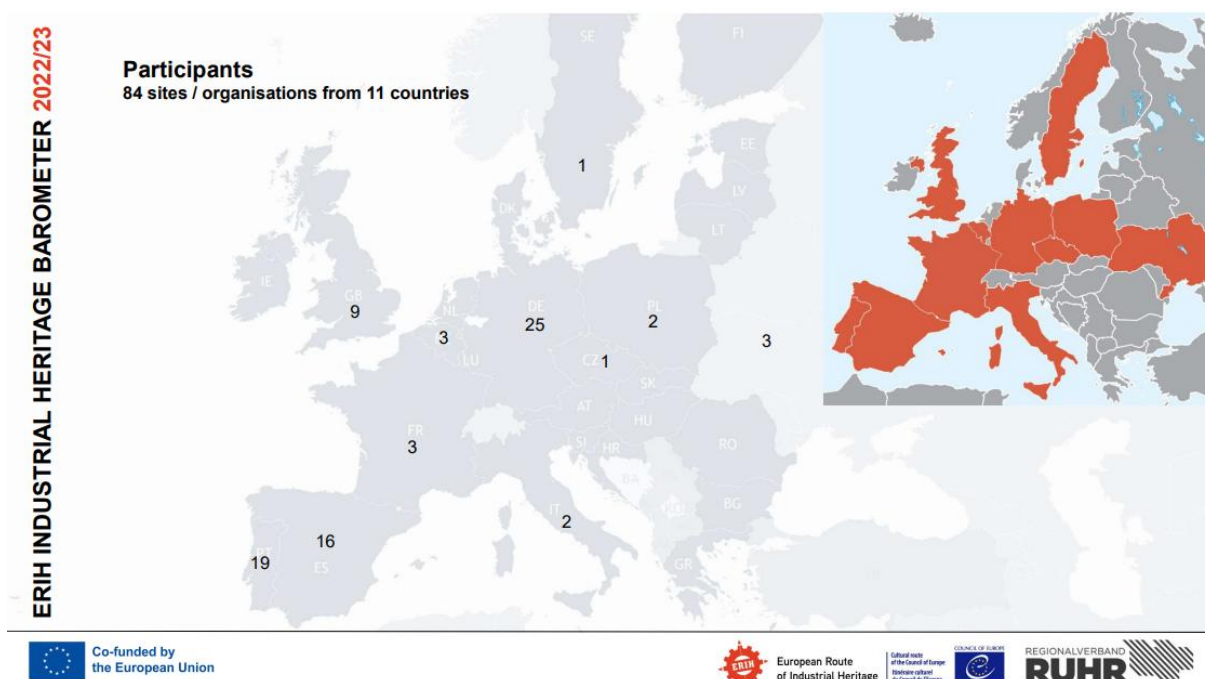
Todos os ativos tangíveis e intangíveis usados para a execução de atividades produtivas ou prestação de serviços, testemunhos da cultura industrial com valor histórico, arquitetónico, arqueológico, social, tecnológico ou científico. Exemplos de ativos tangíveis: sítios e complexos industriais, edifícios e maquinaria, moinhos, fábricas, minas, armazéns, centrais elétricas e estruturas sociais relacionadas – tais como equipamentos habitacionais, religiosos ou educativos, monumentos, artefactos ou documentos. Exemplos de ativos intangíveis: memória industrial, condições de trabalho ou manifestações culturais, por exemplo, tradições operárias. (Portugal, 2021, p. [3])

No caso, as visitas podem ser realizadas às instalações das empresas que operam no mercado, como forma de conhecer sua estrutura e o desenvolvimento do produto ofertado ao público, ou aos vestígios de antigas fábricas que não estão mais no mercado ou que encerraram o funcionamento no local ao se mudarem para outros endereços.

O turismo industrial já é incentivado na Europa desde 1987, como aborda José Manuel Lopes Cordeiro no artigo “Oportunidades e fragilidades do turismo industrial” (2012), quando o Conselho da Europa lançou o programa “Itinerários Culturais Europeus”, tendo o itinerário cultural sobre a seda que ligava “[...] todas as regiões da Europa onde a atividade sericícola e a indústria da seda tinha sido relevantes, com base na exploração turística do seu patrimônio industrial” (Cordeiro, 2012, p. 10). O autor também aborda que a partir dessa iniciativa é que começa a se desenvolver o conceito de turismo industrial.

Essa primazia europeia sobre o desenvolvimento da atividade turística sobre o patrimônio industrial pode ser verificada devido à existência de instituições e ações em prol desse assunto. Além de Portugal (Figura 103), como abordado acima, há trabalhos na Espanha com a *RedEspañola* de Turismo Industrial e *European Route of Industrial Heritage* (ERIH). Essa última mostra a importância desse tipo de turismo e a sua organização, incentivando um trabalho conjunto entre empresas, cidades e regiões com a criação das rotas (Figura 104 e 105).

Figura 105–Distribuição do patrimônio industrial (antigas construções) pela Europa.



Fonte: *European Route of Industrial Heritage*, 2026.

As rotas ou itinerários turísticos são outro meio de trabalhar com a história industrial de um lugar. Cordeiro (2012) trata que

Este tipo de oferta turística é constituído por um conjunto de locais – sítios industriais, museus, fábricas em laboração, património relacionado, em geral, com a temática da indústria –, organizados em forma de rede no âmbito de um determinado território, de forma a apresentarem um manifesto interesse turístico. (p. 14)

O autor também menciona que as rotas de turismo industrial podem ser desenvolvidas em torno de dois critérios: por tema ou por localização. O primeiro se baseia em um setor industrial e o segundo, nas atrações turísticas industriais que existem em um determinado local, como bairro, cidade ou região. Dessa forma, o turismo industrial aumenta as possibilidades de trabalhar com o patrimônio industrial.

No Brasil, não foi encontrada uma discussão sobre o turismo industrial, principalmente pelo órgão responsável pelas políticas públicas, o Ministério do Turismo. Encontrou-se uma matéria sobre o desenvolvimento do turismo industrial no país que possibilita conhecer uma parte desse fenômeno no país.

Na seção “Notícias”, pelo site da instituição, o artigo intitulado de “Turismo industrial: fábrica de conhecimento e geração de renda”, de Nayara Oliveira, publicado em 5 de outubro

de 2022 e atualizado em 17 de setembro de 2025, apresenta opções de visitas às indústrias brasileiras, conforme a área da economia que suas atividades estão relacionadas, como é possível verificar no quadro 2.

Quadro 3 – Turismo industrial nas empresas brasileiras.

EMPRESA	SEGMENTO	FUNCIONAMENTO
Itaipu Binacional	Energia elétrica	Tour para conhecer o funcionamento da usina hidrelétrica, em Foz do Iguaçu, PR.
Fiat	Automotivo	Tour destinado a estudantes para conhecerem os sistemas e tecnologias de uma fábrica de automóveis, das alas de prensa às linhas de teste, em Betim, MG.
Garoto	Alimentar	Tour pela fábrica de chocolates para conhecer e degustar os seus produtos, em Vila Velha, ES.
Ambev	Alimentar	Tour pelas fábricas de cervejas da empresa espalhados pela país, especialmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro e Pernambuco.
Tramontina	Utilidades domésticas	Tour imersivo na indústria de utensílios e equipamentos para casa, conhecendo fábricas que começaram em 1900 e com possibilidade de adquirir os produtos da empresa com preços melhores, em Carlos Barbosa, RS.

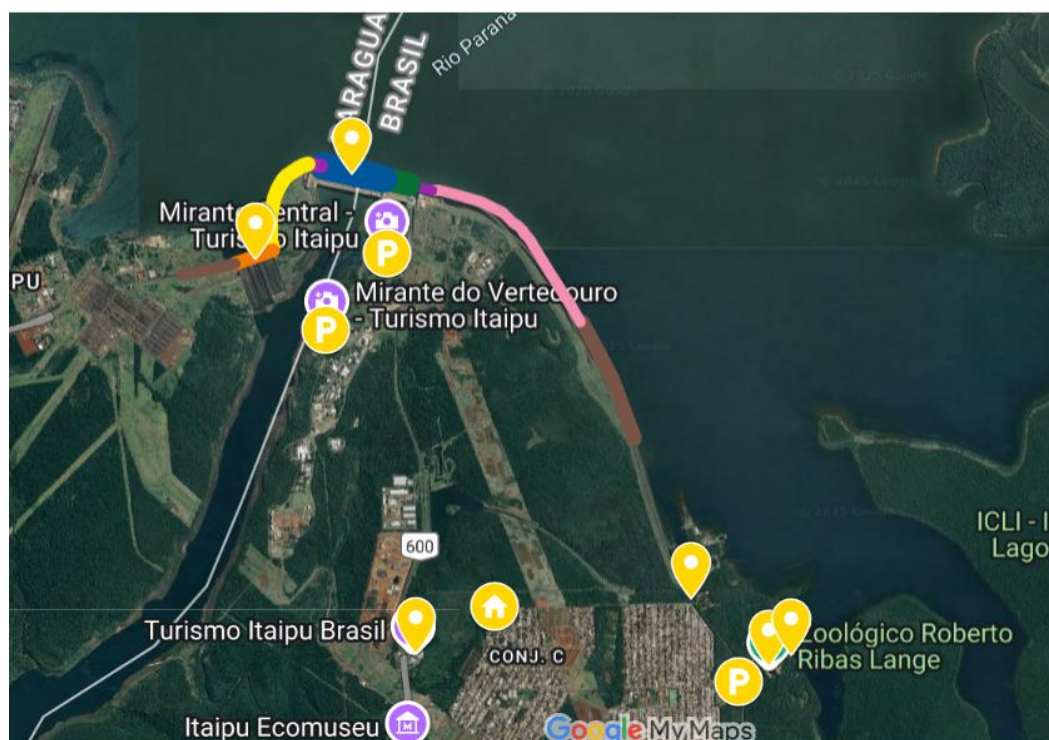
Fonte: Oliveira, 2022.²⁹

Na opção Itaipu Binacional, a empresa possui uma página na internet³⁰ exclusiva sobre o turismo no local, em que é possível ter as informações sobre os tipos de visitas que são oferecidas às suas instalações para conhecer o funcionamento da usina hidrelétrica às margens do Rio Paraná, incluindo um mapa da usina (Figura 106).

²⁹ Adaptação feita pela autora desta tese.

³⁰ www.turismoitaipu.com.br

Figura 106 – Mapa da usina com corte da autora.



Fonte: Itaipu Binacional, 2026a.

Há sete opções de visitas, entre elas estão “Itaipu panorâmica” e “Itaipu especial”. A primeira, com duração de 1h10, é uma visita guiada feita de ônibus turístico e somente na parte externa do local. A segunda é um complemento da visita panorâmica, com acesso a áreas exclusivas, como o coração da usina e a sala do comando central, e dura 2h30, incluindo tanto a parte externa quanto a interna. Ambas disponíveis diariamente, conforme publicado no site da empresa³¹. O visitante somente precisa adquirir o ingresso com antecedência no site da visita.

Importante destacar a existência de um museu no local, o Itaipu Ecomuseu. Como publicado em sua página eletrônica³², ele é composto por quatro partes, sendo elas: “Ciência na esfera”, “Território de memórias”, “Território Ilustrado” e “Território revelado”, com a exibição de aquarelas, fotografias e vídeo que mostram o entorno da usina, a natureza e as comunidades locais, complementando a visita. Ficou a dúvida se há também a exibição de outro material para enriquecer a história da própria construção, além das informações repassadas durante as visitas guiadas.

³¹ Disponível em: <https://turismoitaipu.com.br/ingressos-e-passeios/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

³² Disponível em: <https://turismoitaipu.com.br/ingressos-e-passeios/itaipu-ecomuseu/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

Figura 107 – Imagem visita Itaipu Binacional.



Fonte: Itaipu Binacional, 2026b.

Figura 108 – Imagem instalação Itaipu Binacional.



Fonte: Itaipu Binacional, 2026c.

Figura 109 – Imagem de uma das exposições do Itaipu Ecomuseu.



Fonte: Itaipu Binacional, 2026d.

Na Ambev são oferecidas visitas a uma das cervejarias da empresa, espalhadas pelo Brasil: Paraná (cidade de Ponta Grossa), Pernambuco (cidade de Itapissuma), Rio de Janeiro (cidade do Rio de Janeiro) e São Paulo (cidades de Agudos e Jaguariúna), como publicado no site da empresa³³. Cada unidade é quem define as condições da visita. Na indústria de Jaguariúna, a visita é realizada de terça a sábado, das 9h às 13h, em que durante as 2h da visita se aprende sobre as etapas de fabricação da cerveja com direito a degustação de um chopp, tudo gratuitamente. Exige-se vestimenta adequada: calça comprida, sapatos fechados e blusas com manga.

Observa-se que o horário é o que varia entre as necessidades da visita nas instalações das fábricas. Na unidade pernambucana, é de quinta a sábado, e na de Agudos, é das 9h às 14h. Não é possível agendar a visita na unidade do Rio de Janeiro nesse momento, assim como ter mais informações sobre os requisitos. Os agendamentos são feitos pelo site Sympla.

³³ <https://www.ambev.com.br/visitaambev>

Figura 110 –Imagem interior cervejaria AMBEV, Jaguariúna (SP).



Fonte: AMBEV, 2026.

Figura 111 - Imagem cervejaria AMBEV, Agudos (SP).



Fonte: AMBEV, 2026.

Conforme consta no texto de Oliveira, o turismo industrial é “A modalidade, que consiste na realização de visitas guiadas em grandes empresas e indústrias, proporciona ao viajante uma experiência de conhecimento a respeito dos processos de fabricação de produtos, desde a matéria-prima até seu resultado.” (Oliveira, 2025, p. 1). Ainda é mencionado que o

visitante pode conhecer a história da empresa visitada e de sua importância para a região em que está instalada.

Para Oliveira (2025), o turismo industrial está crescendo no país por combinar dois setores relevantes na economia brasileira, o turismo e a indústria. O turismo, até então focado no patrimônio cultural e natural do Brasil, pode ser trabalhado também pelas indústrias aqui instaladas, oferecendo mais uma opção de atrativo para os visitantes e incentivando a economia local, com a participação de variadas empresas.

Outro exemplo do desenvolvimento da relação turismo e patrimônio industrial é o caso da cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. A prefeitura da cidade; por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Trabalho e Turismo; tem trabalhado desde 2013 com o programa de Turismo Industrial (Figuras 112 e 113) que incentiva as empresas parceiras a criar e oferecer ao público externo visitas monitoradas³⁴ nas suas dependências. Os roteiros são elaborados pelas próprias empresas, assim como o horário de funcionamento.

Essas informações são fornecidas em dois documentos disponibilizados no site³⁵ específico do programa, intitulados de “Apresentação do turismo industrial” e “Indústrias parceiras do turismo industrial”, sem o ano das publicações.

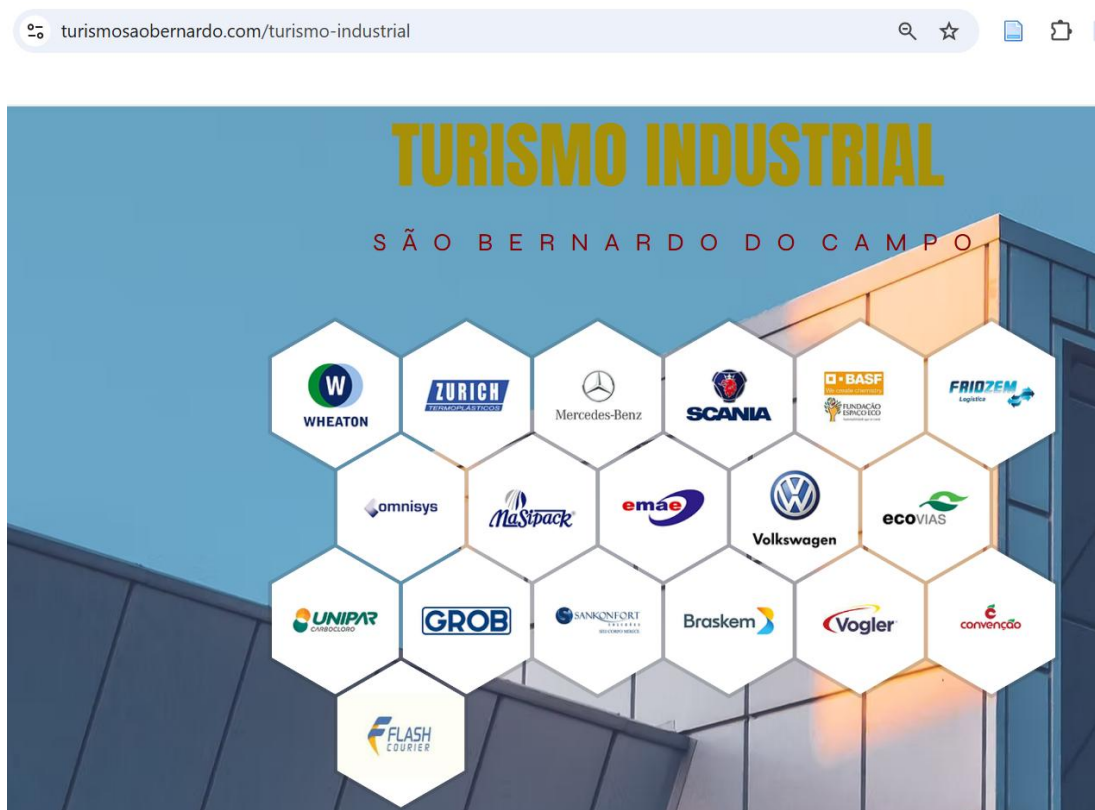
Conforme consta no material disponível, no momento há dezenove empresas participantes desse projeto. Entre elas estão Toyota, Volkswagen, BASF (com as tintas Suvinil e a Fundação Espaço Eco), Masipack (fabricação de máquinas para a produção de embalagens), Usina Henry Borden (hidrelétrica) e Cervejaria Balmann. O próprio programa da prefeitura que realiza o agendamento das visitas às instalações industriais parceiras, seguindo a disponibilidade de horários definida pelas empresas.

Verifica-se que a periodicidade das visitas oferecidas pelas indústrias é limitada, geralmente mensais, no turno da manhã ou da tarde, e há requisitos e restrições, como ser agendada antecipadamente, apresentação de documento, uso de vestimenta específica e não apresentar currículo durante o evento (São Bernardo do Campo, [202?]b).

³⁴ No site do programa, publica-se que nas visitas monitoradas a pessoa vai conhecer a tecnologia empregada, a forma de produzir e a estrutura das unidades produtivas. Disponível em: www.turismosaobernardo.com/turismo-industrial. Acesso em: 25 dez. 2025.

³⁵ www.turismosaobernardo.com/turismo-industrial

Figura 112 – Imagem site de turismo de São Bernardo do Campo com as empresas participantes do turismo industrial da cidade.



Fonte: São Bernardo do Campo, 2026.

Figura 113 – Imagem visita a instalação da empresa Unipar Carbocloro.



Fonte: São Bernardo do Campo, 2026.

Verifica-se que o turismo industrial brasileiro ainda é mais atrelado às fábricas ativas e não ao patrimônio cultural existente, aos testemunhos do passado reutilizados ou possíveis de serem restaurados e reinseridos na sociedade. No país parece ser recente o interesse em reaproveitar as antigas construções industriais em prol do patrimônio cultural e do turismo.

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, poderia haver uma rota (Figura 114) com a Fábrica Bhering e outras construções fabris da região portuária, como o Moinho Fluminense (Figuras 115 e 116) e a antiga Estação Marítima da Gamboa (Figuras 117 e 118), que contasse a história industrial carioca, pouco conhecida pelos próprios habitantes, e assim valorizasse essa herança. A rota poderia começar na Praça Barão de Mauá, no bairro da Saúde, onde há os antigos galpões e maquinário do porto, e seguir para o bairro da Gamboa para conhecer o prédio do Moinho Fluminense e depois a Vila Olímpica, com os remanescentes da antiga estação marítima, terminando no bairro de Santo Cristo, na Fábrica Bhering.

Possivelmente, hoje em dia, com iniciativas como a da Fábrica Bhering, há um despertar para essa questão e mais projetos desse tipo podem ter o apoio da iniciativa privada e pública. Como foi possível verificar na seção anterior, há exemplos pela Europa que mostram a viabilidade de reinserir essas antigas construções com novas propostas de usos, incluindo o turismo industrial.

Os remanescentes da antiga fábrica de chocolate e café, no bairro de Santo Cristo, no Rio de Janeiro, podem ser restaurados para valorizar a estética e dar segurança aos visitantes, assim como ter adaptações para oferecer infraestrutura de apoio, como sanitários. Da mesma forma, ter um centro de visitantes, com material de divulgação da história do lugar e das empresas lá instaladas, mais o museu da fábrica para destacar o valor patrimonial desse bem industrial carioca.

Figura 114 – Proposta de uma rota da história industrial carioca.



Fonte: Google Maps³⁶, 2026.

³⁶ Adaptação feita pela autora.

Figura 115 – Moinho Fluminense e entorno, cerca de 1895.



Fonte: Marc Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles, 2025.

Figura 116 – Moinho Fluminense em 2025.



Fonte: Daniela Dacorso/ Veja Rio, 2025.

Figura 117 – Estação marítima da Gamboa, cerca de 1903.



Fonte: Marc Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles, 2025.

Figura 118 – Vila olímpica da Gamboa (ex-estação marítima).



Fonte: Marcelo Regua/O Globo, 2025.

5. FÁBRICA BHERING, UM ROTEIRO CULTURAL

A última seção é o produto, um modelo de roteiro para um dos patrimônios culturais e industriais da cidade do Rio de Janeiro, a Fábrica Bhering. Para complementar a visita ao espaço, que além de servir para a instalação de ateliers e empresas, também recebe eventos para atrair visitantes, é relevante um roteiro com as informações da empresa Bhering, do complexo industrial e da sua relação com o entorno.

Nesse capítulo, será apresentado o produto final desenvolvido conforme as discussões abordadas durante o trabalho da pesquisa, como trabalhar com um patrimônio cultural industrial por meio do turismo para a sua preservação. O reuso é uma forma de reinserir na sociedade um bem obsoleto decorrente da perda do seu valor inicial, atrelado a uma atividade fim que se transforma ao longo do tempo em decorrência das mudanças no ambiente inserido. Devido a outros valores então percebidos, como o memorial e o histórico, procura-se novos meios de manter e incentivar o interesse das pessoas em conhecer esses bens culturais.

5.1 Apresentação do produto

O produto desenvolvido para a Fábrica Bhering, um patrimônio cultural e industrial e um atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro, é um modelo de roteiro chamado de “Fábrica Bhering, um roteiro cultural”. O objetivo desse produto é facilitar e melhorar a visita das pessoas ao espaço da antiga fábrica por meio da informação da sua história, empresarial e da construção, e do seu valor patrimonial e museológico, que possibilitam a preservação do lugar até os dias atuais.

Para uma melhor compreensão da Fábrica Bhering, é necessário conhecer sua história, que ainda é pouco explorada como foi possível perceber durante o processo da pesquisa. Foi necessário coletar dados espalhados em arquivos e acervos para ter informações concretas e capazes de contar a trajetória da companhia e de um dos seus vestígios, o antigo local de produção do café, do chocolate e da bala toffee.

Com esse objetivo, o roteiro será um material de apoio para a visita de qualquer pessoa, contribuindo também para a preservação da fábrica com a educação patrimonial. Para a elaboração do roteiro, foi usado como modelo uma das publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da coleção Roteiros do Patrimônio, sobre As fortalezas e a defesa de Salvador, de Mário Mendonça de Oliveira, do ano de 2008.

Assim como o modelo, o roteiro proposto é bilíngue, português e inglês, dividido nas seções: (1) introdução, (2) panorama da cidade do Rio de Janeiro com o desenvolvimento urbano e industrial, (3) a empresa de chocolates e café Bhering e sua terceira fábrica na rua Orestes em Santo Cristo, uma construção emblemática que resistiu ao tempo e hoje é um patrimônio cultural e industrial carioca.

O produto será um livro pequeno em formato PDF, podendo ser oferecido pela gestão da Fábrica Bhering em seus canais de mídia e até no próprio espaço para os visitantes, melhorando a experiência de conhecer o lugar por meio da sua história e curiosidades. O documento também pode ser publicado por meio da plataforma digital chamada de ISUU³⁷, que transforma documentos PDF em publicações online e interativas, por meio do efeito de virar a página conhecida como *flipbooks*. Dessa forma, o roteiro fica mais interativo para as pessoas que o usufruem.

Com os textos e fotos apresentados na seção 1 da dissertação, foi viável produzir o roteiro, combinado com um trabalho de design, para ficar atraente e interessante para os leitores. O material será um instrumento para trabalhar com a interpretação do patrimônio cultural e industrial da Fábrica Bhering.

A Fábrica Bhering não é apenas um prédio fabril antigo e obsoleto, o espaço é um legado da história industrial, urbana, social e cultural da cidade carioca e do Brasil. Suas qualidades devem ser transmitidas para os visitantes para gerar conhecimento, apreço e ajudar na preservação desse bem cultural que resiste ao tempo e se mantém até o momento atual.

O produto desse trabalho é uma das primeiras iniciativas de interpretação do patrimônio da Fábrica Bhering, visto que é relevante trabalhar com outros meios para desenvolver esse processo da valorização, como o desenvolvimento do Museu do Chocolate, a criação de um centro de informações e a continuação da organização de eventos, como o Circuito Interno, entre outros que já são promovidos no espaço.

O momento é propício para investir nessas iniciativas de revitalização de lugares industriais, como foi possível verificar com as experiências de outros bens fabris pelo mundo, como *BASE Milão*, *LX Factory Lisboa* e *Battersea Power Station Londres*. Cada um, com sua forma singular de reaproveitar e reinserir as antigas construções das fábricas no cotidiano, ao as transformar em oferta de espaços de lazer e atrações turísticas em suas cidades.

³⁷ Disponível no endereço eletrônico: <https://issuu.com/>

5.2 Produto final

O produto final se trata do documento que consta no apêndice A, em formato PDF, com 40 páginas, como se fosse o livro aberto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a experiência da Fábrica Bhering sob o viés do turismo cultural. O principal resultado mostrou que o espaço tem potencial como atrativo turístico, podendo desenvolver o turismo industrial, com a visita às instalações de uma antiga fábrica de café e chocolate, um patrimônio cultural industrial da cidade do Rio de Janeiro.

Constatou-se que a Bhering está em um processo de reutilização e reinserção na vida cotidiana dos cariocas, como um lugar de lazer, trabalho e cultura. Com o encerramento das atividades industriais no final do século XX e o seu ambiente peculiar e extenso, outros usos foram sendo propostos, como espaço cenográfico para filmagens e fotos, além da instalação de ateliers e empresas, que foram ocupando suas áreas como um prédio comercial. Esse movimento atraiu e segue atraindo a atenção e o interesse das pessoas em conhecer e a se estabelecer também nas dependências dessa construção singular na cidade.

Destaca-se que essa experiência da Fábrica Bhering segue uma tendência pelo mundo, com o reuso de ambientes industriais obsoletos por atividades culturais e turísticas, como foi possível verificar em Lisboa, com o *LX Factory*, em Londres, com o *Battersea Power Station*, e em Milão, com o *BASE*. Percebeu-se que o desenvolvimento da discussão sobre patrimônio cultural, ampliando o seu significado e valorizando outros objetos ao colocar como o centro da questão o homem e sua relação com o ambiente, propiciou a preservação dessas construções fabris e a inclusão delas na lista de bens culturais.

Um outro ponto relevante percebido foi a importância do levantamento de documentos e outras fontes de pesquisa, para escrever sobre a história da empresa Bhering, que não existia, e compreender melhor sobre a história da construção e sua relação com o entorno. O prédio localizado no bairro de Santo Cristo foi a terceira fábrica da companhia, que precisou se deslocar pela cidade do Rio de Janeiro ao longo do tempo, devido às transformações urbanas ligadas com o desenvolvimento do país.

A empresa em si foi inovadora em vários momentos e seus produtos fizeram parte e ainda fazem na vida da sociedade carioca e brasileira. Porém, essa história e o valor patrimonial da sua antiga fábrica devem ser ressaltados nos novos usos, visto que ainda ficam em segundo plano. Essa é uma questão tratada por relevantes organizações e pesquisadores pelo mundo, que tentam dar suporte com a criação de princípios e diretrizes em prol da preservação do patrimônio industrial e de como estabelecer uma boa parceria com o turismo.

Como foi mostrado nesse trabalho, a Fábrica Bhering preserva um legado industrial, com a estética da sua construção, que remete a um estilo específico e com seus maquinários. Essa herança deve ser a base para qualquer outro trabalho desenvolvido no local, considerando relevantes as ações de restauro, manutenção, interpretação e educação patrimonial.

Percebeu-se que apesar da iniciativa da criação do Museu do Chocolate, ainda não é o suficiente para estabelecer um centro de memória e informação sobre esse patrimônio industrial carioca e assim conscientizar seus visitantes e frequentadores sobre sua importância e ajudar na sua conservação. Carece de um plano museológico, que aprimore e aperfeiçoe a ideia e as ações para algo mais técnico e estratégico para atrair a atenção das pessoas e conseguir transmitir a história da fábrica e da Bhering.

Uma das táticas poderia ser expandir o conceito do museu para a história da empresa Bhering, essencial para entender o próprio edifício e seus espaços e para criar uma relação com as pessoas. Seguindo essa proposta, seria necessário repensar a divisão da planta do andar para aumentar o ambiente físico e sua coleção, usando outros recursos como o tecnológico para exibir um acervo criado a partir da história oral, com a memória dos trabalhadores e consumidores sobre os eventos relacionados à empresa e ao espaço.

A Fábrica Bhering também poderia ser inserida em uma rota ou circuito sobre a história industrial da cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa poderia acontecer com a criação de uma parceria entre os patrimônios industriais ainda existentes na região portuária, com a visitação dos espaços e a apresentação de suas histórias, que estão ligadas com a área em geral. A cidade teria mais um produto turístico e abordaria um aspecto histórico e social pouco apresentado sobre si. Também seria outra forma de divulgar e incentivar a visita à Fábrica Bhering, estimulando a compreensão e percepção do seu real valor e a preservação desse patrimônio cultural.

Assim, este estudo contribui para refletir sobre o trabalho desenvolvido nesse patrimônio industrial carioca e provocar novas atitudes que consolidem a Fábrica Bhering como um patrimônio cultural e um atrativo para o desenvolvimento do turismo industrial. Como exposto, a cidade do Rio de Janeiro tem relevantes recursos históricos e memoriais que podem contribuir tanto para a ampliação do produto turístico cultural quanto para a preservação desses bens, que podem ajudar a contar a história local por outros aspectos. Também propicia a divulgação do lugar para o conhecimento de mais pessoas, baseada em uma pesquisa consistente que apresenta a história da empresa e do prédio, como não encontrado até o momento.

Ademais, os achados desta pesquisa são úteis para avançar no debate acadêmico sobre o turismo industrial, que como percebido, é limitado a um tipo de forma, somente para conhecer as instalações de empresas em funcionamento. Pouco se menciona ou se investe no aproveitamento de construções obsoletas, como patrimônios culturais, sem descaracterizar e sendo reinseridas com propósitos mais adequados, como espaços de lazer e cultura.

Outra colaboração desta pesquisa é oferecer um modelo de um roteiro de visita da Fábrica Bhering, que mostre como trabalhar com a interpretação de um bem cultural. A proposta do material, de fornecer mais informações sobre a história do lugar para incrementar a experiência e ampliar a compreensão sobre a construção, tem seu mérito, visto que faltava uma publicação desse tipo e isto diminuía a chance de incentivar a educação patrimonial.

Quanto a limitações, é importante salientar que esta pesquisa não abordou a questão da memória do trabalho, devido à questão de tempo e por acreditar que esse assunto merece uma atenção maior, sendo um tema possível de ser desenvolvido em futuras investigações. Igualmente, outros estudos podem propor melhorias físicas para adequar o espaço da antiga fábrica às necessidades atuais de segurança, comodidade e acesso, além da restauração de forma crítica, respeitando suas características e seu valor documental, memorial e histórico.

Tornam-se importantes trabalhos sobre a valorização desse tipo de patrimônio cultural, muitas vezes abandonado e ameaçado de demolição, que pode se tornar novos espaços de cultura, lazer e comércio, de forma criativa e diferente, destacando suas qualidades e originalidades e ajudando a conhecer de outro jeito a história de um lugar.

REFERÊNCIAS

- A CAPITAL. *Factos e notas*. Niterói, ano 4, n. 1.080, 29 abr. 1905, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=223085&Pesq=%22a.bhering%22&pagfis=4581>. Acesso em: 12 jan. 2025.
- ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Publicações Pereira Passos, 2022.
- Arquivo Geral (Rio de Janeiro). *Aforamento rua Orestes* n. 34 e 36, 29 jul. 1931.
- Arquivo Nacional (Brasil). Contrato de Sociedade Comercial Celebrada entre Lourenço Justiniano da Silva e Alvaro Rolemberg Bhering 29 abr. 1880. Livro 108, registro 21747. *Coleção Junta Comercial do Rio de Janeiro 1860-1915*.
- AZEVEDO, Carolina Sofia Lopes de. *Reconversão de património industrial: a realidade das cidades de Lisboa e São Paulo*. 2017, 122f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/cursos/ma/dissertacao/1972678479053443>. Acesso em: 20 set. 2025.
- BANDUCCI JR, Alvaro; BARRTTO, Margarita (orgs.) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.
- BARRETO, Ruy. Entrevista publicada em reportagem em 19 out. 2014. In: CANDIDA, Simone. Encontros de domingo: o empresário que fez da Bhering uma fábrica de arte. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 19 out. 2014. RIO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/encontros-de-domingo-empresario-que-fez-da-bhering-uma-fabrica-de-arte-14292251>. Acesso em: 10 maio 2025.
- BARRETO, Ruy. Apêndice A: transcrição entrevista de 17 de março de 2015. In: SANTOS, Marilane Abreu. *A fábrica Bhering e a inserção da arte no tecido urbano: relações entre os usos dos espaços industriais e os projetos de cidade*. 2017. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Artes) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. p. 292-304.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus, 2000.
- BORDENAVE, Geisa. *A antiga fábrica da Bhering: novos usos do espaço e manifestações artísticas na Zona Portuária do Rio de Janeiro*. 2014, 102f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BRASIL. *A capital*. Niterói, ano 4, n. 1.080, 29 abr. 1905, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=223085&Pesq=%22a.bhering%22&pagfis=4581>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BRASIL. *Segmentação do turismo: marcos conceituais*. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. [Brasília], [2021?]. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-publicacoes/segmentacao-do-turismo/segmentacao-do-turismo-marcos-conceituais.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2025.

CANDIDA, Simone. Encontros de domingo: o empresário que fez da Bhering uma fábrica de arte. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 19 out. 2014. RIO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/encontros-de-domingo-empresario-que-fez-da-bhering-uma-fabrica-de-arte-14292251>. Acesso em: 10 maio 2025.

CARDOSO, José Antônio dos Santos (Org.). *Guia das cidades do Rio de Janeiro e Nictherohy para 1883*. Rio de Janeiro, 1882a. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=707465&pesq=%22bhering%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1>. Acesso em 5 jan. 2025.

CARDOSO, José Antônio dos Santos (Org.). *Guia das cidades do Rio de Janeiro e Nictherohy para 1883*. Rio de Janeiro, 1882b. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=707465&pesq=%22bhering%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=484>. Acesso em 5 jan. 2025.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução: Luciano Vieira Machado. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORDEIRO, José Manoel Lopes. Oportunidades e fragilidades do turismo industrial. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, Aveiro, n. 1, p. 9-18, 2012.

CORREIO DA MANHÃ. *Fabrica Bhering*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 1.391, 2 maio 1905, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8011. Acesso em: 12 jan. 2025.

CORREIO DA MANHÃ. *A praça*. Rio de Janeiro, ano 6, n. 1.701, 9 de mar. 1906, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&pesq=%20%22antonio%20jose%20ribeiro%20bhering%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10124. Acesso em: 20 jan. 2025.

CORREIO DA MANHÃ. *Um novo produto nacional: o “Fermento Bhering”*, em pó, para doces. Rio de Janeiro, ano 31, n. 11.350, 13 dez. 1931, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22bhering%20e%20companhia%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9705. Acesso em 20 jan. 2025.

CORREIO DA MANHÃ. *Avisos e convites*. Rio de Janeiro, ano 42, n. 14.681, 11 set. 1942, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22bhering%20companhia%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13472. Acesso, em 9 fev. 2025.

CORREIO DA MANHÃ. *Propaganda café Globo*. Rio de Janeiro, ano 49, n. 17.423, 1 jan. 1950, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22caf%c3%a9%20globo%22&pagfis=31. Acesso em: 26 abr. 2025.

CORREIO DA MANHÃ. *Propaganda café Globo*. Rio de Janeiro, ano 49, n. 17.441, 22 jan. 1950, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22caf%c3%a9%20globo%22&pagfis=394. Acesso em: 26 abr. 2025.

COSTA, Flávia Roberta e. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. 2 ed. São Paulo: Senac/Sesc, 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Empolgada a opinião pública*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 8465, 28 maio. 1950, Sexta Seção, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2869. Acesso em: 25 abr. 2025.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Instalado no Brasil um torrador de café sob controle eletrônico*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 8437, 25 abr. 1950. Segunda Seção, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2152. Acesso em: 26 abr. 2025.

EUROPEAN ROUTE OF INDUSTRIAL SITE. *Erih industrial heritage barometer 2022/23*. Disponível em: https://www.erih.net/fileadmin/Mediendatenbank/Downloads/6_PROJECTS/Industrial_Heritage_Barometer/ERIH_Industrial_Heritage_Barometer_2022_23.pdf. Acesso em: 10 jan. 2026.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio cultural: lugares de trabalho, lugares de memória. *Revista Museologia e Patrimônio*. [Rio de Janeiro], v. 2, n. 1, p. 22-35, 2009. Disponível em: <http://200.156.20.26/index.php/ppgpmus/article/viewArticle/43>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FON-FON. *Parabens a's donas de casa!*. Rio de Janeiro, ano 25, n. 51, 19 dez. 1931, p. 33. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=%22bhering%22&pagfis=78494>. Acesso em: 9 fev. 2025.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Antiga embalagem Bhering*. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1486975/icon1486975.jpg. Acesso em 13 ago 2024

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.) *Turismo e patrimônio cultural*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003.

GAZETA DA TARDE. *Fabrica de chocolate a vapor da casa imperial de Bhering & Silva*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 210, 14 set. 1882, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=%22bhering%20e%20silva%22&pagfis=2225>. Acesso em: 12 jan. 2025.

GAZETA DE NOTÍCIAS. A' praça. Rio de Janeiro, ano 10, n. 223, 10 ago. 1884, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=7357. Acesso em: 12 jan. 2025.

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Gazeta forense: uma grande firma em liquidação*. Rio de Janeiro, ano 41, n. 143, 23 de maio de 1916, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22antonio%20teixeira%20lopes%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=37979. Acesso em: 20 jan. 2025.

GOODEY, Brian. Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG; Terra Brasilis, 2002. p. 131-138.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. História, memória e patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília: IPHAN, n. 34, p. 91-111, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat34_m.pdf. Acesso em: 10 jan. 2026.

HISTORIC ENGLAND. *Battersea Power station*: oficial listentry. Disponível em: <https://historicengland.org.uk/listing/the-list/list-entry/1357620?section=official-list-entry>. Acesso em: 20 set. 2025.

ICOMOS. Carta del turismo cultural. *International Seminar on Contemporary Tourism and Humanism*, Brussels, 1976. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters-and-doctrinal-texts/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

ICOMOS. *Carta internacional de ICOMOS sobre el turismo cultural patrimonial (2022): reforzar la protección Del patrimonio cultural y la resiliencia de las comunidades mediante*. Asamblea General, Bangkok, 2022. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters-and-doctrinal-texts/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

ICOMOS. *Charter for the interpretation and representation of cultural heritage sites*. Quebec, 2008. Disponível em: https://admin.icomos.org/wp-content/uploads/2025/03/interpretation_FREN.pdf. Acesso em 6 jun. 2025.

ICOMOS. *Declaração do México*. México: ICOMOS, 1985. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

ICOMOS. International cultural tourism charter: managing tourism at places of heritage significance. 12th General Assembly in Mexico, 1999. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters-and-doctrinal-texts/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

ICOMOS. *Princípios conjuntos do ICOMOS-TICCIH para a conservação de sítios, estruturas, áreas e paisagens de património industrial: os princípios de Dublin*. 17ª Assembléia geral do Icomos, Dublin, 2011. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%CC%81pios-de-Dublin.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ITAIPU BINACIONAL. *Mapa da usina*. Disponível em: <https://turismoitaipu.com.br/a-usina-itaipu/mapa-da-usina/>. Acesso em: 10 jan. 2026a.

ITAIPU BINACIONAL. *Imagem visita Itaipu Binacional*. Disponível: <https://turismoitaipu.com.br/ingressos-e-passeios/itaipu-especial/>. Acesso em: 10 jan. 2026b.

ITAIPU BINACIONAL. *Imagem instalação Itaipu Binacional*. Disponível: <https://turismoitaipu.com.br/ingressos-e-passeios/itaipu-especial/>. Acesso em: 10 jan. 2026c.

ITAIPU BINACIONAL. *Imagem Itaipu Ecomuseu*. Disponível em: <https://turismoitaipu.com.br/ingressos-e-passeios/itaipu-ecomuseu/>. Acesso em: 10 jan. 2026d.

ITÁLIA. . Venuesheet. *Base Milano: From factory to cultural hub, a unique venue for events in Milan*. Disponível em: https://base.milano.it/wp-content/uploads/schedavenue2025_eng.pdf?_gl=1*66y04r*_up*MQ.*_ga*MTc5NTc1MDcyMi4xNzU4NDE1ODMw*_ga_95KBSE9L3M*cze3NTg0MTU4MzAkzbEkZzAkdDE3NTg0MTU4MzAkajYwJGwwJGgw. Acesso em: 20 set. 2025.

JORNAL DO BRASIL. *Annuncios diversos*. Rio de Janeiro, ano 38, n. 67, 17 de março 1928, p. [27]. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22bhering%20e%20cia%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=63693. Acesso em: 20 jan. 2025.

JORNAL DO BRASIL. *Entrevista Daniel Filho: ele enquadrou a platéia brasileira*. Rio de Janeiro, ano 118, n. 222, 16 nov. 2008. Caderno B, p. B16. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pasta=ano%20200&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=271381. Acesso em 9 fev. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO. *O Rio de Janeiro de 1900: visitas e excursões por Ferreira [Barbosa], as fábricas do senhor Bhering*. Rio de Janeiro, ano 80, n. 355, 22 de dez. 1900. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_09&Pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pagfis=1061. Acesso em 12 jan. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO. *A' praça*. Rio de Janeiro, ano 91, n. 104, 15 de abr. 1917, p. 13. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22maria%20franzen%20bhering%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=51986. Acesso em: 20 jan. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO. *Bhering é incorporada ao Café Solúvel Brasília*. Rio de Janeiro, ano 148, n. 74, 4 jan. 1974a, p. 5. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_16&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=26501 . Acesso em: 26 abr. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO. *Café Brasília e Bhering oficializam incorporação*. Rio de Janeiro, ano 149, n. 79, 10 jan. 1974b, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_16&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=26593. Acesso em: 26 abr. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO. *Leilões: complexo fabril no Santo Cristo*. Rio de Janeiro, ano 172, n. 265, 19 ago. 1999, Caderno B, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_18&pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=119375. Acesso em 9 fev. 2025.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto *.arq.urb*, [S. l.], n. 3, p. 23–30, 2010. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/115>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. 2 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

LEVY, Maria Barbara. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas (esboços de história empresarial)*. Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

LX FACTORY. *OLX Factory*. Lisboa. Disponível em: <https://lxfactory.com/o-lxfactory/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

MARTINS, João. Vitória da indústria brasileira na feira internacional de Leipzig. *Manchete*: Bloch, Rio de Janeiro, ano 27, n. 1370, 22 jul. 1978, p. 94-95. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=178038>. Acesso em: 26 abr. 2025.

MESQUITA, Claudia Baima. *A preservação do patrimônio arquitetônico na região portuária no projeto Porto Maravilha – Rio de Janeiro*. 2015. 294 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG; Terra Brasilis, 2002. p. 13-46.

O AGRICULTOR PROGRESSISTA: folha semanal. *Opinião da imprensa*: editorial da Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, 28 jul. 1881a, p. 6. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=238201&Pesq=%22bhering%20e%20silva%22&pagfis=14>. Acesso em 12 jan. 2025.

O AGRICULTOR PROGRESSISTA: folha semanal. *O agricultor progressista*: folha semanal. Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, 3 out. 1881b, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=238201&Pesq=%22bhering%20e%20silva%22&pagfis=80>. Acesso em 12 jan. 2025.

O APOSTOLO. *Visitas imperiaes*. Rio de Janeiro, ano 17, n. 11, 25 jan. 1882. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951&pesq=%22bhering%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=7628>. Acesso em: 12 jan. 2025.

O APOSTOLO. *Festa industrial*. Rio de Janeiro, ano 29, n. 2, 4 jan. 1893. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951&pesq=%22bhering%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13842>. Acesso em: 12 jan. 2025.

O CRUZEIRO: revista semanal ilustrada. *Nunca se vira coisa assim*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, 19 dez. 1931, p. 48. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22BHERING%20COMPANHIA%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4045>. Acesso em: 12 jan. 2025.

O CRUZEIRO. *Gente de tôda parte*. Rio de Janeiro, ano 43, n. 48, 1 dez. 1971, p. 121. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=184635>. Acesso em: 26 abr. 2025.

O FLUMINENSE. *Sessão de fotos*. Niterói, ano 138, n. 40.534, 5 jul. 2015, p. 25. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_15&pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pasta=ano%20201&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=68136. Acesso em: 9 fev. 2025.

O GLOBO. *Porto Maravilha recebe este mês primeiros moradores de novos residenciais*: solteiros e jovens de 30 a 40 anos são maioria. Rio de Janeiro, 8 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/08/08/residencial-do-porto-maravilha-comeca-a-receber-os-primeiros-moradores-este-mes.ghml>. Acesso em: 11 maio 2025.

O JORNAL. *As nossas grandes industrias*: a “Fabrica Bhering” em 1925. Rio de Janeiro, ano 7, n. 2.096, 17 out. 1925, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=%22darke%20david%20bhering%20de%20oliveira%20mattos%22&pagfis=22882. Acesso em 9 fev. 2025.

O JORNAL. *Grupo Barreto assume a Bhering*. Rio de Janeiro, ano 54, n. 16.033, 9 jan. 1974, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22caf%C3%A9%20globo%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=117706. Acesso em 9 fev. 2025.

OLIVEIRA, Nayara. Turismo industrial: fábrica de conhecimento e geração de renda. *Ministério do Turismo*, [Brasília], 5 out. 2022. Notícias. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-industrial-fabrica-de-conhecimento-e-geracao-de-renda>. Acesso em: 25 dez. 2025.

O MALHO. *A fabrica de chocolate Bhering*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 139, 13 maio 1905, p. 10. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=%22f%C3%A1brica%20bhering%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4713>. Acesso em: 12 jan. 2025.

O MEQUETREFE. *Aviso*. Rio de Janeiro, ano 8, n. 270, 29 mar. 1882, p. 7. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709670&pesq=%22bhering%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1630>. Acesso em: 5 jan. 2025.

O PAIZ. *Campanha publicitária da Bhering, Cia. S.A.*. Rio de Janeiro, ano 48, n. 16.810, 29 out. 1933, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_06&pesq=%22BHERING%20COMPANHIA%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2854. Acesso em: 5 fev. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social/view>. Acesso em: 11 jan. 2026.

REDE PORTUGUESA DE TURISMO INDUSTRIAL. *Guia de boas práticas de turismo cultural*. Turismo de Portugal. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://business.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/turismo-industrial/apresentacao-teresa-ferreira-helena-trigatti-3-webinar-turismo-industrial.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2025.

REDE PORTUGUESA DE TURISMO INDUSTRIAL. *Turismo industrial em Portugal*. Turismo de Portugal. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://business.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/turismo-industrial/turismo-industrial-em-portugal-jan-2024.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2026.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Registro Sociedade Comercial Celebra da entre Alvaro Rolemberg Bhering e Lourenço Justiniano da Silva, 29 abr. 1880. Livro 108, registro 21747. Coleção Junta Comercial do Rio de Janeiro 1860-1915.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Lei n. 971 de 4 de maio de 1987*. Institui a área de proteção ambiental (APA) composta pelos logradouros que menciona, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/282050/lei-971-87>. Acesso em: 26 abr. 2025.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Decreto n. 7.351 de 14 de janeiro de 1988*. Regulamenta a Lei nº 971, de 4 de maio de 1987, que instituiu a Área de Proteção Ambiental (APA) em parte dos

bairros da Saúde, Santo Cristo, Gamboa e Centro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4354515/4107421/centro_dec_7351_88_sagas.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Lei complementar n. 101 de 23 de novembro de 2009*. Modifica o plano diretor, autoriza o poder executivo a instituir a operação urbana consorciada da região do porto do Rio e dá outras providências. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://e.camara.rj.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/HTML/C1012009.html>. Acesso em: 26 abr. 2025.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Decreto n. 36.015 de 30 de julho de 2012*. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel sito à Rua Orestes, 28 — Santo Cristo, antiga Fábrica de Chocolates Bhering. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www2.rio.rj.gov.br/conlegis/legis_consulta/42688Dec%2036015_2012.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Decreto n. 36.016 de 30 de julho de 2012*. Determina o tombamento provisório do imóvel sito à Rua Orestes, 28 — Santo Cristo, antiga Fábrica de Chocolates Bhering. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www2.rio.rj.gov.br/conlegis/legis_consulta/42689Dec%2036016_2012.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Ficha Fábrica Bhering*. Coordenadoria de projetos e fiscalização: Gerência de cadastro, pesquisa e proteção. Rio de Janeiro, 2016.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Decreto n. 44.312 de 13 de março de 2018*. Revoga o Decreto nº 36015, de 30 de julho de 2012, que declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel sito à Rua Orestes, 28, Santo Cristo — antiga Fábrica de Chocolates Bhering. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2018/4431/44312/decreto-n-44312-2018-revoga-o-decreto-n-36015-de-30-de-julho-de-2012-que-declarou-de-utilidade-publica-para-fins-de-desapropriacao-o-imovel-sito-a-rua-orestes-28-santo-cristo-antiga-fabrica-de-chocolates-bhering>. Acesso em: 07 dez. 2023.

RIO DE JANEIRO (RJ). *Decreto n. 44.468 de 26 de abril de 2018*. Determina o tombamento definitivo e cria área de entorno de bem tombado da antiga Fábrica de Chocolates Bhering situada na Rua Orestes, 28, Santo Cristo, I R.A. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www2.rio.rj.gov.br/smu/buscafacil/Arquivos/PDF/D44468M.PDF>. Acesso em: 22 out. 2023.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.) *Turismo e patrimônio cultural*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais*. São Paulo: Fap-Unifesp; Edusp, 2013.

SALGUEIRO, Valeria. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=41. Acesso em: 6 jun. 2025.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Apresentação do turismo industrial*. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Trabalho e Turismo. São Bernardo do Campo, [202?]a. Disponível em: <https://www.turismosaobernardo.com/turismo-industrial>. Acesso em: 25 dez. 2025.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Indústrias parceiras do turismo industrial*. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Trabalho e Turismo. São Bernardo do Campo, [202?]b. Disponível em: <https://www.turismosaobernardo.com/turismo-industrial>. Acesso em: 25 dez. 2025.

SAUER, Arthur. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do império do Brasil para 1884*. Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1884a. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394x&pasta=ano%20188&pesq=%22a.%20bhering%22&pagfis=56914>. Acesso em 11 jan. 2025.

SAUER, Arthur. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do império do Brasil para 1884*. Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1884b. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394x&pasta=ano%20188&pesq=%22a.%20bhering%22&pagfis=57923>. Acesso em: 11 jan. 2025.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. Propostas de Musealização no Brasil. *Caderno de resumos: II Congresso Internacional de Patrimônio Industrial*. Porto, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/7631282/Patrim%C3%B4nio_Industrial_Propostas_de_Musealiza%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil. Acesso em: 10 jun. 2025.

SPITZWEG, Carl. *Engländer in der Campagna*. [S. l.], c. 1845. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/carl-spitzweg/englishman-in-the-campagna>. Acesso em: 10 jan. 2026.

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*. Assembleia Geral (trienal). Nizhny Tagil, 2003. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675. Acesso em: 31 mar. 2025.

UNESCO. *Recomendação Paris*. Paris: UNESCO, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Paris%201964.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

UNESCO. *Recommendation Concerning the Protection and Promotion of Museums and Collections, their Diversity and their Role in Society*. Paris, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246331>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VIANA, Carlos Negreiros. Trajano de Medeiros: um dos maiores empresários brasileiros do seu tempo, desconhecido no Ceará até hoje. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, vol. 129, p. 181-207, 2015. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2015/2015-7-trajanodemedeirosundomaioresempresariosbrasileiros.pdf>. Acesso em 6 dez. 2025.

VIDA DOMÉSTICA: revista do lar e da mulher. *Propaganda do fermento Bhering*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 166, jan. 1932. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830305&pesq=%22bhering%20e%20companhia%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=16020>. Acesso em: 20 jan. 2025.

VIDA DOMESTICA. *Comprovando a capacidade nacional das grandes realizações industriais*. Rio de Janeiro, n. 189, dez. 1933, p. [74]. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830305&pesq=%22darke%20bhering%20de%20oliveira%20mattos%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19395>. Acesso em: 5 fev. 2025.

APÊNDICE A – PRODUTO FINAL: FÁBRICA BHERING, UM ROTEIRO CULTURAL





APRESENTAÇÃO PRESENTATION

O roteiro cultural da **Fábrica Bhering** é o resultado do projeto de mestrado realizado no Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa (PPGMA/FCRB), do Ministério da Cultura, Brasil, e concluído em 2026.

A proposta é oferecer informações aos visitantes deste espaço carioca sobre a história da empresa e a sua relação com a cidade do Rio de Janeiro, assim como sobre essa construção interessante, localizada na rua Orestes, n. 28, no bairro de Santo Cristo, região portuária, para usufruir melhor a sua visita.

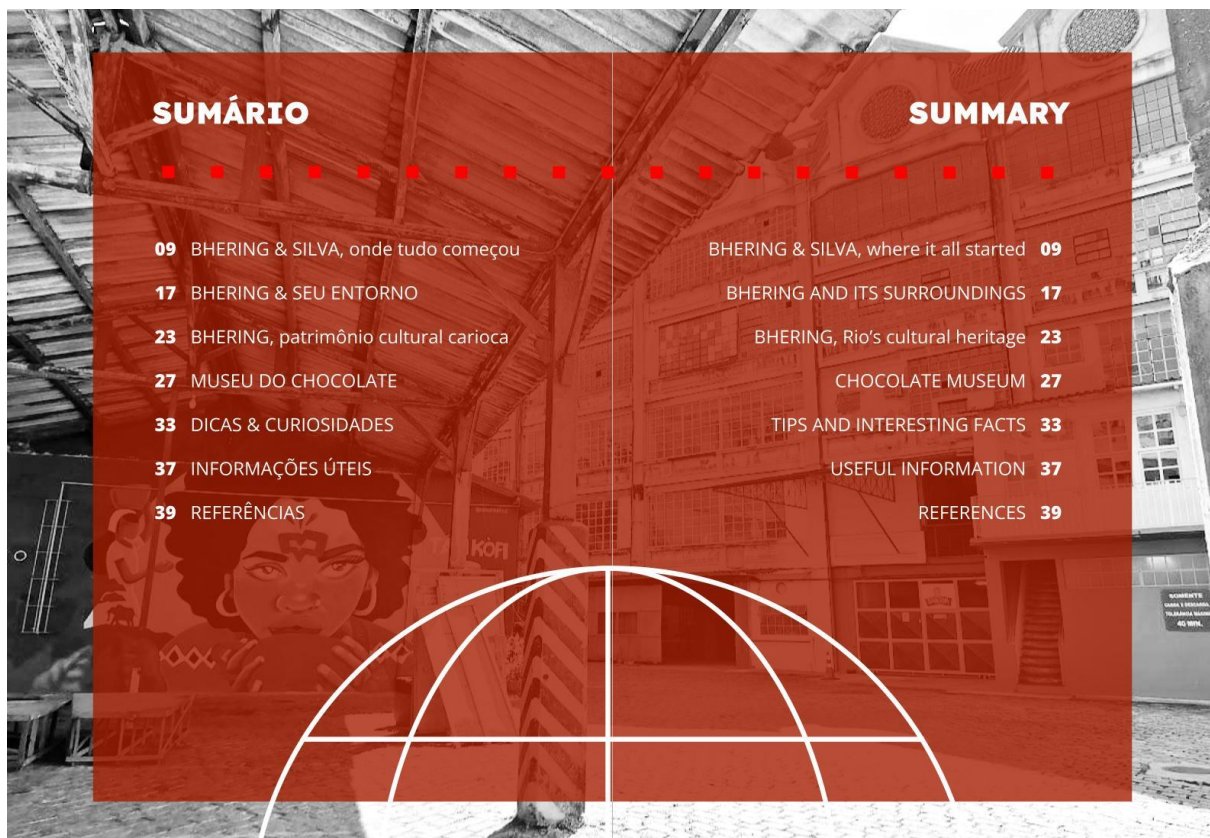
O prédio da antiga fábrica de café e chocolates da empresa Bhering é hoje um patrimônio cultural, tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH). O lugar recebe ateliers e variadas empresas, tornando-se um polo cultural e criativo da cidade e que deve ser valorizado e protegido.



Fábrica Bhering cultural tour is the result of a master's degree project undertaken in the Postgraduate Program in Memory and Archives of the Casa de Rui Barbosa Foundation (PPGMA/FCRB), part of the Ministry of Culture, Brazil, and completed in 2026.

The goal is to provide visitors to this Rio de Janeiro space with information about the company's history and its relationship with the city of Rio de Janeiro, as well as information about this interesting building located at 28 Orestes Street, in the Santo Cristo neighborhood, near the port area, to better enjoy their visit.

The building of the former Bhering coffee and chocolate factory is now a cultural heritage site, listed by the Rio de Janeiro World Heritage Institute (IRPH). It houses workshops and various businesses, becoming a cultural and creative hub for the city that deserves to be valued and protected.





Fonte: Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional

A empresa Bhering começou em 1880, na então corte do Rio de Janeiro, por Alvaro Rolemberg Bhering e Lourenço Justiniano da Silva, sendo registrada como Bhering & Silva e produtora de chocolate e café. A empresa foi pioneira na fabricação desses produtos, assim como no uso de modernas máquinas e técnicas que davam a reconhecida qualidade.

Em 1884, ela se torna propriedade de outra pessoa, o Antônio José Ribeiro Bhering, que continuou com o legado e o desenvolvimento da empresa.

The Bhering company began in 1880, in what was then the court of Rio de Janeiro, by Alvaro Rolemberg Bhering and Lourenço Justiniano da Silva. Registered as Bhering & Silva, it produced chocolate and coffee. The company pioneered the manufacture of these products, as well as the use of modern machinery and techniques that ensured its renowned quality.

In 1884, it became the property of another individual, Antônio José Ribeiro Bhering, who continued the legacy and development of the company.

BHERING & SILVA, onde tudo começou

BHERING & SILVA, where it all started



Fonte: Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional

Durante a sua gestão, a fábrica mudou de endereço. Fundada na rua Sete de Setembro, n. 63, a fábrica teve que ser transferida para a rua 13 de maio, n. 22 a 28, também no centro da cidade, a algumas quadras das instalações do primeiro imóvel.

Por meio de reportagens da época, é possível conhecer um pouco a forma de preparo. Conforme publicado no Jornal do Commercio, de 22 de dezembro de 1900, a primeira fábrica possuía instalações completas, formada por três seções, onde havia torradeiras a motor com sistema Compound da Marchall & Sons, prensa hidráulica, galgas, refinadoras, formas metálicas e câmara frigorífica para o preparo do chocolate.

During his tenure, the factory moved. Founded at 63 Sete de Setembro Street, the factory had to be relocated to 22-28 May 13 Street, also in the city center, a few blocks from the original building.

Through news reports from the time, it's possible to learn a little about the preparation method. As published in the Jornal do Commercio on December 22, 1900, the first factory had complete facilities, consisting of three sections: motor-driven roasters with the Marchall & Sons Compound system, a hydraulic press, gauges, refiners, metal molds, and a cold storage room for chocolate preparation.

Para o preparo do café, eram necessários torradeiras, resfriadores, catadores, depósitos e moinhos.

Coffee preparation required roasters, coolers, pickers, storage tanks, and mills.

10

Novamente, a empresa passa por transformações na sua sociedade e tem como novos donos Darke David de Oliveira Mattos e seus filhos, Darke Bhering de Oliveira Mattos Junior e Jorge Bhering de Oliveira Mattos, em destaque, no início do século XX, e Rui Barreto na década de 1970.

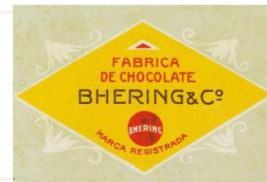
Nesse tempo ocorre a construção das instalações industriais em destaque, na região portuária da cidade, passando a ser a nova sede da produção dos artigos Bhering, como fermento e o café Globo.

A empresa de chocolates, café, bala toffee, fermento, cacau e especiarias em pó foi inovadora em usar novas tecnologias com seu maquinário de ponta, por ter a capacidade de fabricar no próprio país os seus produtos manufaturados. Produzia ainda folha de flandres para a criação de latas de armazenamento, tanto para atender sua necessidade de oferecer seus produtos em embalagens elegantes e adequadas para manter suas propriedades, quanto disponibilizar para outras empresas, incentivando a economia brasileira.

Once again, the company underwent transformations in its ownership, with new owners Darke David de Oliveira Mattos, among others, at the beginning of the 20th century, and Rui Barreto in the 1970s.

During this time, the construction of the prominent industrial facilities took place in the city's port region, becoming the new headquarters for the production of Bhering products, such as yeast and Globo coffee.

The chocolate, coffee, toffee, yeast, cocoa, and spice powder company was innovative in using new technologies with its cutting-edge machinery, having the capacity to manufacture its manufactured products in the country itself and even produce tinplate for the creation of storage cans for its consumption and that of other companies, encouraging Brazilian trade.



Em 1950, a Bhering, Cia S.A. importou um dos quatro torradeiras de café sob controle eletrônico disponíveis no mundo. O equipamento ficava instalado no 5º andar, na grande área cercada por janelas de vidro, também conhecida como pombal, na construção da rua Orestes, n. 28 e possibilitava melhorar um dos processos de fabricação do café e de manter os seus atributos alimentícios.

Com o slogan "Bom até a última gota", no mesmo ano, a Bhering divulgava o seu produto café Globo em jornais e revistas ao destacar sua produção não mais manual, com uma máquina eletrônica que separava os grãos, além de torrar, moer e empacotar. Dessa forma, o café em pó Globo era produzido com qualidade e distribuído diariamente. Seus clientes tinham acesso a um produto fresco e saboroso.

A empresa estava sempre procurando se desenvolver, sendo pioneira até no emprego de mão de obra feminina na seção de empacotamento na fábrica do Rio de Janeiro.

A Bhering fundada no Rio de Janeiro cresceu e abriu outras fábricas e filiais pelo Brasil: em São Paulo, Minas Gerais e na Bahia.

In 1950, Bhering, Cia S.A. imported one of the four electronically controlled coffee roasters available in the world. The equipment was installed on the 5th floor, in the large area surrounded by glass windows, also known as the pigeon loft, in the building at 28 Orestes Street, and made it possible to improve one of the coffee manufacturing processes and maintain its nutritional attributes.

With the slogan "Good to the last drop," in the same year, Bhering advertised its Globo coffee product in newspapers and magazines, highlighting its no longer manual production, with an electronic machine that separated the beans, as well as roasting, grinding, and packaging. In this way, Globo ground coffee was produced with quality and distributed daily. Its customers had access to a fresh and tasty product.

The company was always looking to develop, even pioneering the employment of female labor in the packaging section at the Rio de Janeiro factory.

Bhering, founded in Rio de Janeiro, grew and opened other factories and branches throughout Brazil: in São Paulo, Minas Gerais, and Bahia.

Imagem da segunda fábrica da empresa Bhering, localizada na rua Treze de Maio, no Centro da cidade.
Fonte: Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



11

12

NADA MELHOR QUE O CALOR DE UM BRASILEIRO.

Os donzelas provaram e gostaram. Café Galvão Solval? A resposta foi uma só: "Vendelinho!" O que quer dizer "vendedor", pois um pouco que sempre engraça e riem-se.

O Café Galvão Solval ganhou este ano o 1º Prêmio de Qualidade na Feira Internacional de Leipzig da Alemanha.

É mesmo para casa uma Medalha de Ouro. O que é a primeira vez que acontece na história de um produto da América Latina. Hoje o Café Galvão Solval além de estar nas melhores das "casas" brasileiras, está presente no dia a dia de milhões mais gente. Isso ele faz com o maior gosto.



Café Galvão Solval
1 Prêmio de Qualidade
Medalha de Ouro
Feira Internacional de Leipzig
Alemânia 1919

Café Galvão Brasileira S.A.
BERHING CIA S/A

CHOCOLATE 1ª COM BAUNILHA

BERHING

Indústria Brasileira

Bhering Companhia

Fabricante

Nº 5

CONHEÇA NUESTRA COMPOSICION ESPECIAL, DO CERTIFICADO DO BRASIL EM 1912
Nº 55 250 - 185.000.000.000.000
DO INSTITUTO FEDERAL SOB O Nº 1.533



ESPECIAL CHOCOLATE

1 PRÊMIO DE QUALIDADE BERHING & Cª

DELICIAS DE CHOCOLATE CRYSTALLIZADAS

Rio de Janeiro
Rua Treze de Maio 17



CACAU EM PO. PURO

BERHING

COM DESCAFEINADO
Sempre Saboroso





BERHING

CACAU EM PO.

COM DESCAFEINADO
Sempre Saboroso

CHOCOLATE EM PO.

BERHING

o Malho

22 - Setembro - 1923



... entretanto, muita gente d'íça de tomar uma dose de CHOCOLATE "BERHING", na persuasão de que conta uma fortuna.

NERA ILLUSÃO...

Uma excelsior e substancial dose de famoso CHOCOLATE "BERHING"

CUSTA APENAS 50 REIS !

DEMONSTRAÇÃO:

Compre V. Ex. um pacote de puro CHOCOLATE "BERHING" em pó, e verificará que, com as grammas do produto, obtém-se um bello resultado.

MODO DE USAR:

Bebam-se dez grammas (uma colher das de água) de CHOCOLATE "BERHING" em uma xícara com água ou leite. Beve-se de fato, agitando sempre, até obter espuma, e desta forma se obtém uma excelsior e deliciosa dose de CHOCOLATE "BERHING".

Belo - Estocolmo - Carlskrona - Copenhaga - Pimenta - BERHING & Cia. - Rua Sete de Setembro, 112 - Telefone Central 441 - Rio de Janeiro.

— 80 —



CHOCOLATE ESPECIAL PULVER

BERHING & C.

CACAU EM PO.

BERHING

BERHING & C.
RUA SETE DE SETEMBRO, 112 - RIO DE JANEIRO

PRODUTOS E PROPAGANDAS

PRODUCTS AND ADVERTISEMENTS

A construção da antiga Fábrica Bhering é testemunho da história urbana, arquitetônica e econômica da cidade do Rio de Janeiro. As constantes mudanças das suas instalações refletem o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, que de colônia portuguesa passa a ser sede do Império e posteriormente, Capital da República Federativa do Brasil.

As transformações de papéis e de importância vão gerar modificações do espaço.

Conforme Maurício A. de Abreu*, a cidade era habitada por representantes da administração, militares, mercadores e pelo povo escravizado. Além disso, era pequena, se concentrando na área entre os morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição, na atual Praça XV de Novembro e seu entorno, centro da cidade.

Em 1808, com a vinda da família real para o Brasil e a sua instalação na cidade carioca, surge uma nova classe e com ela, novas necessidades.

A Fábrica Bhering foi criada nesse contexto de crescimento, progresso, transformação da sociedade e o surgimento de novas demandas.

*Autor do livro *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, 1922.

17

The construction of the old Bhering Factory is a testament to the urban, architectural, and economic history of the city of Rio de Janeiro. The constant changes to its facilities reflect the urban development of Rio de Janeiro, which went from being a Portuguese colony to becoming the seat of the Empire and later, the Capital of the Federative Republic of Brazil.

The transformations in roles and importance will generate changes in the space.

According to Maurício A. de Abreu*, the city was inhabited by representatives of the administration, military personnel, merchants, and enslaved people. Furthermore, it was small, concentrated in the area between the hills of Castelo, São Bento, Santo Antônio, and Conceição, in the current Praça XV de Novembro and its surroundings, the city center.

In 1808, with the arrival of the royal family in Brazil and their establishment in the city of Rio de Janeiro, a new class emerged, and with it, new needs.

The Bhering Factory was created in this context of growth, progress, societal transformation, and the emergence of new demands.

*Author of the book *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, 1922.

BHERING & SEU ENTORNO

BHERING AND ITS SURROUNDINGS



18

As transformações sofridas pela empresa refletem ainda influências da ocupação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX, como por exemplo a sua transferência da área central da cidade para a região portuária, em decorrência das reformas empreendidas pelo Prefeito Pereira Passos.

A capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, passou por obras de embelezamento, saneamento, higiene, abertura de novas vias e alargamentos das principais ruas para acabar com os resquícios da colônia e se apresentar como uma cidade moderna. Tal fato representava o novo momento social, econômico, político e cultural do país.

Para a abertura da Avenida Central, a atual Avenida Rio Branco, uma das principais ruas comerciais da cidade carioca, a primeira fábrica Bhering foi uma das construções demolidas.

O processo de evolução urbana continuou na cidade e interveio novamente no endereço da Fábrica Bhering. Localizada na avenida Treze de Maio desde o início do século XX, o segundo local de produção do chocolate Bhering e do café Globo, entre outras manufaturas, torna-se incompatível com a construção próxima, o Teatro Municipal.

Então a Fábrica Bhering foi transferida para o bairro de Santo Cristo, na Rua Orestes, n. 28.

The transformations undergone by the company also reflect influences from the urban occupation of Rio de Janeiro in the early 20th century, such as its transfer from the city center to the port area, as a result of the reforms undertaken by Mayor Pereira Passos.

The capital of Brazil, the city of Rio de Janeiro, underwent beautification, sanitation, and hygiene works, the opening of new roads, and the widening of main streets to eliminate the remnants of the colony and present itself as a modern city that represented the new social, economic, political, and cultural moment of the country.

For the opening of Avenida Central, currently Avenida Rio Branco, one of the main commercial streets of the city of Rio de Janeiro, the first Bhering factory was one of the buildings demolished.

The process of urban evolution continued in the city and again intervened in the location of the Bhering Factory.

Located on Avenida Treze de Maio since the beginning of the 20th century, the second production site for Bhering chocolate and Globo coffee, among other manufactured goods, became incompatible with the nearby building, the Municipal Theater.

So the Bhering Factory was moved to the Santo Cristo neighborhood, at Rua Orestes, No. 28.

Localizado na região portuária da cidade, região que também reflete as transformações ao longo da história política, econômica e social do Brasil e do Rio de Janeiro.

Inicialmente, foi o porto dos navios que traziam os escravizados e recebeu a imperatriz Teresa Cristina, para se casar com o imperador Dom Pedro II, tendo o Cais do Valongo como um dos testemunhos dessa época.

Depois foi ganhando trapiches e cais para receber embarcações dos mais variados produtos. O porto foi se expandindo com o escoamento do café para o exterior. Houve mais investimentos na sua estrutura, construindo os armazéns que existem até hoje.

A região se transforma na zona industrial da cidade carioca. Ainda há no bairro da Gamboa os remanescentes do antigo Moinho Fluminense, instalado em 1897, vestígio desse período.

A região portuária tem um crescimento dinâmico com a expansão territorial, o aumento populacional, a criação de novos bairros, o aumento de veículos individuais, a abertura de vias expressas e túneis e a construção de viadutos.

Com outros portos construídos pelo país, o que formou uma concorrência, e com a mudança do Distrito Federal para Brasília, a importância da região no cenário dos negócios foi reduzida.

As indústrias vão fechando ou então se transferindo para outros lugares mais atraentes.

Located in the city's port area, which also reflects the transformations throughout the political, economic, and social history of Brazil and Rio de Janeiro.

Initially, it was the port for ships that brought enslaved people and received Empress Teresa Cristina, who was to marry Emperor Dom Pedro II, with the Valongo Wharf as one of the testimonies of that time.

Later, it gained warehouses and quays to receive vessels carrying a wide variety of products. The port expanded with the outflow of coffee to foreign countries. There were more investments in its structure, building the warehouses that exist to this day.

The region transformed into the industrial zone of the city of Rio de Janeiro. In the Gamboa neighborhood, there are still remnants of the old Fluminense Mill, installed in 1897, a vestige of that period.

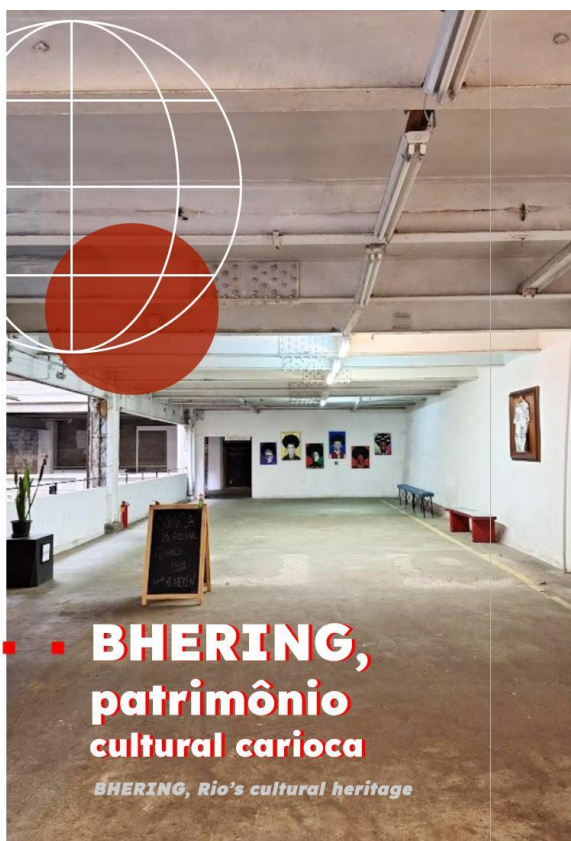
The port region has experienced dynamic growth due to territorial expansion, population increase, the creation of new neighborhoods, the rise in individual vehicles, the opening of expressways and tunnels, and the construction of viaducts.

With other ports built across the country, becoming competitors, and with the relocation of the Federal District to Brasília, the region's importance in the business landscape has diminished.

Industries are closing down or relocating to more attractive locations.

19

20



Em 1974, a empresa Bhering é comprada pela Brasília Café Solúvel, de Rui Barreto. A fábrica carioca em Santo Cristo, que já estava com sua linha de produção parada em mais de 50%*, ganharia um novo fôlego para suas atividades fabris com sua linha de produtos diversificada.

A produção industrial segue até o final do século XX, quando as máquinas deixam de ser operadas. Mas, mesmo desativada, a antiga fábrica não perde o seu valor e uma nova proposta de ocupação do espaço é trabalhada.

Inicia como lugar de locação para a gravação de filmes e para cenário de fotos. Depois é procurada por artistas para a instalação de seus ateliês e a partir disso se transforma em um pólo cultural e da economia criativa.

Essa construção de 6 andares é composta por dois edifícios erguidos em momentos diferentes, possível de verificar pela suas estéticas.

O primeiro, construído na década de 1920 em estilo fabril, com estrutura metálica, concreto e estuque, além de possuir elementos Art Deco. O segundo, construído posteriormente em estilo modernista, em concreto armado.

Em 2018, o lugar foi tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) e se tornou um patrimônio cultural carioca.

In 1974, the Bhering company was bought by Brasília Café Solúvel, owned by Rui Barreto. The Rio de Janeiro factory in Santo Cristo, which already had its production line more than 50% idle*, would gain new momentum for its manufacturing activities with its diversified product line.

Industrial production continued until the end of the 20th century, when the machines ceased to operate. But, even deactivated, the old factory did not lose its value, and a new proposal for the use of the space was developed.

It began as a location for filming and as a backdrop for photos. Later, it was sought after by artists to set up their studios, and from there it transformed into a cultural and creative economy hub.

This 6-story building is composed of two buildings erected at different times, which can be seen in their aesthetics.

The first, built in the 1920s in a factory style, with a metal structure, concrete and stucco, and also featuring Art Deco elements. The second, built later in a modernist style, is made of reinforced concrete.

In 2018, the site was listed by the Rio Heritage of Humanity Institute (IRPH) and became a cultural heritage site of Rio de Janeiro.

Cada andar possui um diferencial na sua estrutura, criando experiências distintas durante a visita.

No 1º andar, com a entrada da fábrica e o acesso de pessoas à esquerda e de veículos à direita, com salas e o letreiro Bhering, um ambiente que remete ao tempo em que circulavam operários e demais figuras relacionadas ao tempo da fábrica em funcionamento.

Seguindo pela rampa que era usada pelos veículos, é possível contornar a enorme construção e ver mais de perto os seus detalhes exteriores, até chegar a uma extensa área aberta, um pátio usado para estacionamento, por exemplo, e aos fundos da fábrica.

Há um acesso ao 2º andar, que consta de uma área aberta, onde se avista, por meio de um vão, os outros andares e o telhado, assim como a estrutura metálica e outros itens de design.

No 4º andar, destaca-se os remanescentes do maquinário da antiga fábrica de chocolate, onde está o Museu do Chocolate. No 5º andar, há uma área aberta com uma grande vista para o vão que tem no meio do prédio 1 que possibilita avistar os outros andares e os detalhes arquitetônicos (telhado, janelas, parapeitos), levando ao pombal, outra área aberta com pé direito alto, cercada de enormes janelas e onde ficava o torrador de café com controle eletrônico instalado em 1950.

Each floor has a unique structure, creating distinct experiences during the visit.

On the 1st floor, with the factory entrance and pedestrian access to the left and vehicle access to the right, there are rooms and the Bhering sign, creating an atmosphere reminiscent of the time when workers and other figures associated with the factory's operational period circulated through the building.

Following the ramp that was used by vehicles, it's possible to walk around the enormous building and see its exterior details up close, until reaching a large open area, a courtyard used for parking, for example, and the back of the factory.

There is access to the 2nd floor, which consists of an open area where, through a gap, one can see the other floors and the roof, as well as the metal structure and other design elements.

On the 4th floor, the remnants of the machinery from the old chocolate factory stand out, housing the Chocolate Museum. On the 5th floor, there is an open area with a great view of the gap in the middle of building 1, allowing one to see the other floors and architectural details (roof, windows, parapets), leading to the dovecote, another open area with a high ceiling, surrounded by enormous windows, where the coffee roaster with electronic control, installed in 1950, was located.

Ainda no 5º andar, há uma escada que ao subir dá acesso ao 6º andar, com o terraço descoberto e uma vista 360º graus do seu entorno, além da torre do relógio com o logo da Bhering na ponta.

Com o novo uso, os prédios 1 e 2 tiveram alterações nos seus interiores para poder atender a nova demanda: espaços para ateliers, escritórios e lojas. Estão distribuídos pelos seis andares da fábrica, com atividades variadas, como gastronomia, moda e música.

Em cada andar, há um mapa com a planta e a relação das empresas localizadas no respectivo piso, em forma de QR Code ou impressa, próximo ao elevador e à escada. Dentro do elevador, igualmente, pode-se ter acesso a esse material de apoio, que ajuda a ter um panorama e a conhecer melhor o espaço durante a visita.

A atual Fábrica Bhering é um ambiente multicultural, formada por diversas empresas relacionadas às artes visuais, com ateliers e galerias, destacando o perfil de lugar das artes, assim como à produção de móveis, design de jóias, roupas, bolsas e cerâmica. Também possui um sebo. As salas servem de depósito, escritório, lugar de criação e produção de bens.

Esse patrimônio cultural carioca oferece história, lazer e negócios, em um ambiente único e atraente.

Still on the 5th floor, there is a staircase that leads up to the 6th floor, with an open terrace and a 360-degree view of its surroundings, as well as the clock tower with the Bhering logo at the top.

With the new use, buildings 1 and 2 underwent changes to their interiors to meet the new demand: spaces for studios, offices, and shops. They are distributed across the six floors of the factory, with varied activities such as gastronomy, fashion, and music.

On each floor, there is a map with the floor plan and a list of the companies located on that floor, in the form of a QR Code or printed, near the elevator and the stairs. Inside the elevator, you can also access this support material, which helps to get an overview and better understand the space during your visit.

The current Bhering Factory is a multicultural environment, made up of several companies related to the visual arts, with studios and galleries, highlighting its profile as a place for the arts, as well as the production of furniture, jewelry design, clothing, bags and ceramics. It also has a used bookstore. The rooms serve as storage, offices, and a place for the creation and production of goods.

This cultural heritage of Rio de Janeiro offers history, leisure and business, in a unique and attractive environment.

25

26



MUSEU DO CHOCOLATE

CHOCOLATE MUSEUM

Na visita à Fábrica Bhering, destaca-se o Museu do Chocolate, localizado no 4º andar, onde é exibida a coleção de maquinário própria do lugar, em que era fabricado o chocolate a partir do cacau, famoso produto da Bhering.

Vestígios da antiga fábrica, as máquinas são identificadas e há informações sobre suas funções, como é possível verificar sobre cada uma.

Entre as máquinas para a elaboração do chocolate, há a temperadeira e as conchas, usadas para esfriar e aerar a massa do chocolate, respectivamente.

O interessante é poder ver de perto esses equipamentos pouco acessíveis e conhecer um pouco o processo de elaboração desse produto amado pela maioria das pessoas.

Esses vestígios também contam a história de marcas européias, fabricantes desses equipamentos que foram importados da Alemanha e da Inglaterra.

Reparem nas placas de ferro com as identificações das empresas, como "Maschinenfabrik, J.M. LEHMAN, Dresden", "D.R.G.M." e "Baker Perkins Limited, Machine Patents, Peterborough, London, England".

Felizmente a empresa inglesa ainda está atuante no mercado, enquanto que, infelizmente, as empresas alemãs não estão mais em funcionamento e encerraram suas atividades, infelizmente. Suas histórias também são contadas pela Fábrica Bhering, que o visitante tem a oportunidade de conhecer.

During a visit to the Bhering Factory, a highlight is the Chocolate Museum, located on the 4th floor, where the factory's own collection of machinery is displayed. This machinery was used to manufacture chocolate, Bhering's famous product, from cocoa beans.

Remaining remnants of the old factory, the machines are identified and information about their functions is provided, allowing visitors to examine each one.

Among the machines used to make chocolate are the tempering machine and the lades, used to cool and aerate the chocolate mass, respectively.

The interesting thing is being able to see these inaccessible pieces of equipment up close and learn a little about the process of making this product loved by most people.

These traces also tell the story of European brands, manufacturers of this equipment that was imported from Germany and England.

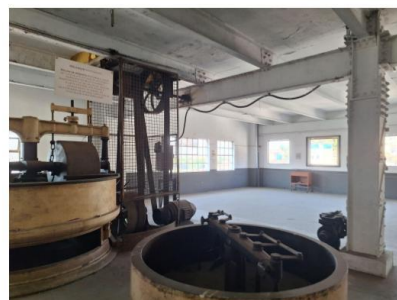
Notice the iron plates with the company identifications, such as "Maschinenfabrik, J.M. LEHMAN, Dresden", "D.R.G.M." and "Baker Perkins Limited, Machine Patents, Peterborough, London, England".

Fortunately, the English company is still active in the market, while the German companies are no longer in operation and have unfortunately ceased their activities. Their stories are also told by the Bhering Factory, which visitors have the opportunity to visit.

27

28

MUSEU DO CHOCOLATE
CHOCOLATE MUSEUM



**FÁBRICA
BHERING**

Outros destaques da visita são o terraço e uma grande área cercada por amplas janelas, chamada de pombal. O primeiro, localizado no 6º andar, tem o acesso somente por escadas que se encontram perto do elevador, ao descer no 5º andar, e outra na área do pombal. O segundo, localizado no 5º andar, tem acesso pelo elevador e pela escada.

Além de uma vista da cidade, do terraço é possível ver de perto a torre do relógio com o símbolo da empresa, o globo vermelho com traços brancos. Também há a possibilidade de conhecer o trabalho de outros artistas e empresas em seus ateliês e lojas. E não pode faltar as fotos em um cenário único e peculiar, tendo como fundo a cidade do Rio de Janeiro.

Também com um apelo cênico, há o pombal, que impressiona com sua imensa área aberta e cercada por enormes claraboias de ferro e vidro. O antigo lugar do torrador elétrico de café, hoje é espaço para eventos e para fotos. Sua arquitetura industrial marca e remete a um momento da história da cidade pouco lembrada e até esquecida.

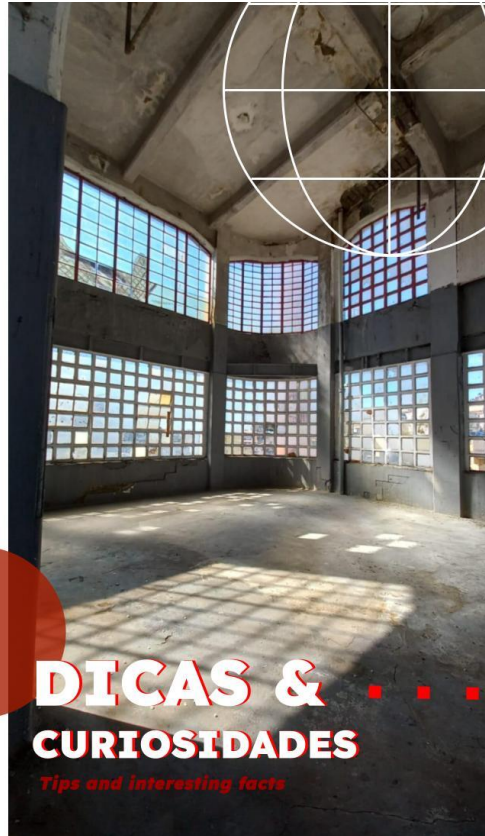
A Fábrica Bhering é um privilégio para os visitantes que podem conhecer um patrimônio cultural e industrial carioca, herança e memória de um passado que representa o desenvolvimento urbano e econômico da cidade e do país.

Other highlights of the visit are the terrace and a large area surrounded by wide windows, called the dovecote. The first, located on the 6th floor, is only accessible by stairs that are near the elevator when descending on the 5th floor, and another in the dovecote area. The second, located on the 5th floor, is accessible by elevator and stairs.

In addition to a view of the city, from the terrace it is possible to see the clock tower up close with the company's symbol, the red globe with white lines. There is also the possibility of learning about the work of other artists and companies in their studios and shops. And you can't miss the photos in a unique and peculiar setting, with the city of Rio de Janeiro as a backdrop.

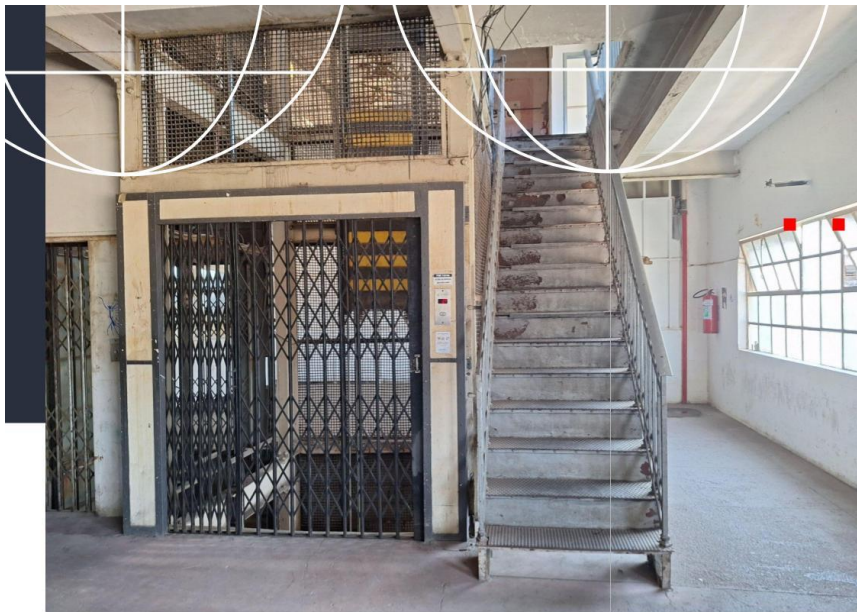
Also with scenic appeal is the dovecote, which impresses with its immense open area surrounded by enormous iron and glass skylights. The former site of the electric coffee roaster is now a space for events and photos. Its industrial architecture marks and recalls a moment in the city's history that is little remembered and even forgotten.

The Bhering Factory is a privilege for visitors to get to know a cultural and industrial heritage of Rio de Janeiro, a legacy and memory of a past that represents the urban and economic development of the city and the country.



DICAS & CURIOSIDADES

Tips and interesting facts



Pelo Decreto n. 44.468 de 26 de abril de 2018, a Fábrica Bhering passa a fazer parte dos bens protegidos pelo poder público do município do Rio de Janeiro. No documento é reconhecido os valores arquitetônico, paisagístico e da memória coletiva da população carioca, além da importância da atividade industrial na região portuária.

By Decree No. 44.468 of April 26, 2018, the Bhering Factory became part of the assets protected by the public authorities of the municipality of Rio de Janeiro. The document recognizes its architectural and landscape value, as well as its importance to the collective memory of the population of Rio de Janeiro, and the significance of its industrial activity in the port region.

O tombamento também engloba os elevadores, a escada metálica e a chaminé considerados como conjunto original de circulação vertical, remanescentes da antiga fábrica, a Bhering.

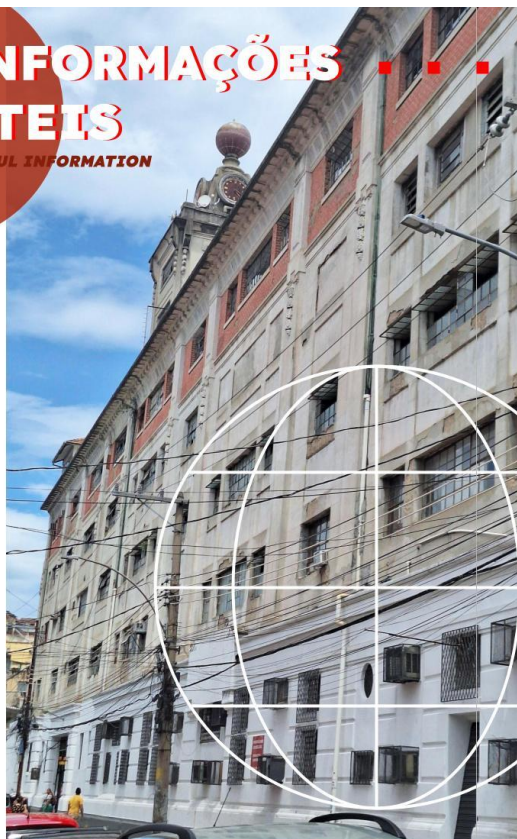
Aproveite o evento promovido pela Fábrica Bhering para conhecer esse patrimônio. Realizado no primeiro sábado do mês, o Circuito Interno Bhering oferece um dia de evento, com a participação dos seus residentes, proporcionando uma adorável visita.

The listing also includes the elevators, the metal staircase, and the chimney, considered part of the original vertical circulation system remaining from the old factory, Bhering.

Take advantage of the event promoted by Fábrica Bhering to explore this heritage site. Held on the first Saturday of the month, the Bhering Internal Circuit offers a day of events with the participation of its residents, providing a delightful visit.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

USEFUL INFORMATION



Página oficial da Fábrica Bhering:
Instagram @fabrica_bhering
Facebook @fabricabhering

Funcionamento:
Segunda a sábado - das 10h às 19h (entrada permitida até às 17h)
Fechado aos domingos e feriados

Entrada gratuita
Salvo no caso de eventos internos, sujeitos às condições dos organizadores

Endereço:
Rua Orestes, n. 28, Santo Cristo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Acesso:
Carro, Uber, táxi
VLT Linha 1 - Praia Formosa (próxima a estação Rodoviária)

Contato:
contato@fabricabhering.com.br

Official page of Fábrica Bhering:
Instagram @fabrica_bhering
Facebook @fabricabhering

Opening hours:
Monday to Saturday - 10 am to 7 pm (entry allowed until 5 pm)
Closed on Sundays and holidays

Free entry
Except in the case of internal events, subject to the organizers' conditions

Location:
Orestes St., n. 28, Santo Cristo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Acess:
By car, Uber, cab
VLT Line 1 - Praia Formosa (close to Rodoviária station)

Contact:
contato@fabricabhering.com.br

37

38

PRODUÇÃO
Production

Conteúdo/Content: Letícia Nascimento

Design/Design: Bruna Azevêdo

***Roteiro elaborado como trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Memória e Acervos, do Programa de Pós Graduação em Memória e Acervos, da Fundação Casa de Rui Barbosa (PPGMA/FCRB), do Ministério da Cultura, Brasil, em 2026.**

***Tour book created as a final project for the Professional Master's Degree in Memory and Archives, from the Postgraduate Program in Memory and Archives, at the Casa de Rui Barbosa Foundation (PPGMA/FCRB), Ministry of Culture, Brazil, in 2026.**

FONTE DAS IMAGENS - Fábrica Bhering

Nascimento, Letícia. **Acervo pessoal**, 2025.

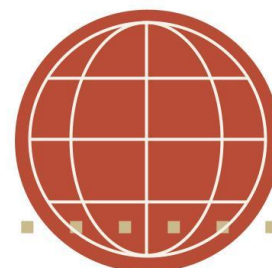
Biblioteca Nacional (Brasil). **Acervo Digital**.
Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>

Museu Histórico Nacional (Brasil). **Acervos digitais**.
Disponível em: <https://mhn.acervos.museus.gov.br/>

Bortolan Leilões. **Site Institucional**.
Disponível em: <https://www.bortolanleiloes.com.br>

REFERÊNCIAS

REFERENCE



40